

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL**

**DANIEL LEAL RACHELI DA SILVEIRA**

**Paternidades ilhadas:  
atualizações da paternidade em tempos de isolamento social**

**Porto Alegre**

**2022**

**DANIEL LEAL RACHELI DA SILVEIRA**

**Paternidades ilhadas:  
atualizações da paternidade em tempos de isolamento social**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social e Institucional. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vanessa Soares Maurenente.

**Porto Alegre**

**2022**

**DANIEL LEAL RACHELI DA SILVEIRA**

**Paternidades ilhadas:  
atualizações da paternidade em tempos de isolamento social**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social e Institucional. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vanessa Soares Maurenre.

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Pedro Francisco Guedes do Nascimento (UFPB)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sônia Regina da Luz Matos (UCS)

---

Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa (UFRGS)

À todas e todos que já se foram e também aos que ficaram.

## **AGRADECIMENTOS**

A minha família, pelo amor, paciência e cuidado durante esse percurso exaustivo que tivemos juntos. Por ser “ferrolho” nos momentos em que eu precisava fugir e ficar seguro.

À Vanessa Maurenre, por ter acreditado na pesquisa e no desenrolar da mesma, apesar das dificuldades enfrentadas durante esse período complexo que é a pandemia. Por todo o cuidado e carinho que investiu nessa relação.

À UFRGS e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, pelo aceite e acolhida durante esse período de formação.

Aos pais, que se disponibilizaram em participar dessa pesquisa enquanto a vida os carregava como uma torrente.

À própria pesquisa, por ter me ensinado muito durante o processo da mesma. Desde reaver-me comigo mesmo, até mesmo para entender melhor alguns processos que vivia/vivo.

Ao grupo de orientação, por toda dedicação e apoio durante os encontros (e fora deles) para nos auxiliarmos.

Ao grupo Políticas do Texto, pela acolhida calorosa e amparo durante esse trajeto.

Aos amigos e amigas, que durante esse percurso foram refúgio para escapar da ansiedade que se produziu nesses últimos anos.

À minha esposa e filha, além das cuscas, que fizeram parte desse percurso e desta pesquisa, sangrando, sorrindo e seguindo junto de mim nesse caminho.

À minha mãe, que apesar de viver um período difícil de sua vida, me ensinou a sempre sorrir e estar aberto ao novo.

Aos meus irmãos, que sempre estiveram presentes em minha vida e me deram apoio quando precisei.

Ao meu pai, que, assim como essa pesquisa, um dia se tornou poeira no tempo que nos carrega.

*“Sobre hoje: estou com as crianças ainda de férias, me puxando para acomodar todo mundo ao trabalho. Talvez eu leve as crianças para a casa da minha sogra, que fica na Tristeza, e faça a banca de lá. Mas já coloquei o mapa no carro para tu pegares (me avisa quando tiveres saindo de casa para saber se estarei na UFRGS ou lá, ok?)”*

**Mensagem de *Whatsapp* entre um pai e eu.**

## RESUMO

A masculinidade e a paternidade são produções que se incrustam nos corpos a partir da repetição e, geralmente, não estão atreladas à prática de cuidado. Alguns desses corpos masculinos, produzidos sob a repetição da violência, endurecimento dos corpos, repulsa dos afetos, encontraram-se ilhados e encurralados em suas casas, com as crianças, durante o isolamento social decorrente da pandemia de COVID-19. A partir desse tensionamento que se impõe, a seguinte questão emerge: como se atualizam as experiências de paternidades que estão em isolamento social? Assim, essa pesquisa se dá pela realização de oficinas com pais que se encontravam em isolamento social durante a pandemia de COVID-19 no Brasil, ocorrida entre maio e junho de 2021. Esses encontros buscaram ser um espaço de acolhimento para esses pais, e, de problematização das paternidades em questão. Além disto, foi realizado o convite para a produção de mapas atencionais, ancorado nos trabalhos de Fernand Deligny. A partir destes, foram produzidos textos que buscaram tensionar e problematizar, para além de uma representação, situações e narrativas que surgiram durante as oficinas. Os mapas, assim como os encontros, buscaram tensionar essa relação para com as crianças que habitaram o mesmo território desses pais, principalmente por estarem em isolamento social. Ao longo do trabalho é discutida a masculinidade, a paternidade, e, os materiais produzidos durante a pesquisa.

Palavras-chave: **Paternidade; Cuidado; Cartografia; Mapas; Masculinidade.**

## **ABSTRACT**

Masculinity and paternity are productions that are embedded in bodies through repetition, and are generally not involved to the practice of care. Some of these male bodies, produced under the repetition of violence, hardening of bodies, repulsion of affection, found themselves isolated and cornered in their homes, with the children, during the social isolation resulting from the COVID-19 pandemic. From this tension that is imposed, the following question emerges: how experiences of paternity are updated during social isolation? Thus, this research takes place through the realization of a workshop with parents who were in social isolation during the COVID-19 pandemic in Brazil, which took place between May and June 2021. These meetings sought to be a safe space for these parents, and, a place to problematize our paternity. In addition, an invitation was made to produce attentional maps, based on the works of Fernand Deligny. From these, texts were produced that sought to tension and problematize, in addition to a representation, situations and narratives that emerged during the workshops. The maps, as well as the meetings, sought to stress this relationship with the children who lived in the same territory as these parents who are fathers, mainly because they were in social isolation. Throughout the work, masculinity, paternity, and the materials produced during the research are discussed.

Keywords: **Paternity; Care; Cartography; Maps; Masculinity.**

## SUMÁRIO

PRÓLOGO.....	12
INTRODUÇÃO.....	14
MASCULINIDADES.....	20
PATERNIDADES.....	51
MÉTODO.....	74
DOS ENCONTROS.....	101
DE UMA ANÁLISE.....	117
DOS MAPAS.....	129
REFERÊNCIAS..	148

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	30
Figura 2.....	33
Figura 3.....	34
Figura 4.....	35
Figura 5.....	39
Figura 6.....	88
Figura 7.....	89
Figura 8.....	131
Figura 9.....	134
Figura 10.....	136
Figura 11.....	137
Figura 12.....	145
Figura 13.....	146
Figura 14.....	147

## PRÓLOGO

Escrevo esse primeiro trecho no intuito de demarcar por onde se tece essa pesquisa e como ele se desenrola. Sou um homem branco, de classe média (origem e contexto atual), professor da rede pública, heterossexual, casado (com uma mulher branca e também de classe média desde sua origem), e, pai de uma menina de quase seis anos (nesse momento). Eu e minha companheira temos formação em ensino superior e estamos empregados. Vivemos social e culturalmente em um modelo estético-político-econômico patriarcal e machista, o que logicamente influencia e contamina a tessitura deste trabalho - seja da forma que for. Dito de outra forma, escrevo de uma zona de privilégio, que precisa estar explícita, não como determinismo textual e pessoal, mas como alerta para leitores e também para mim.

Desde minha infância, poucas foram as vezes em que precisei me preocupar com afazeres da casa - com exceção do banheiro, que era minha função limpar. Minhas obrigações na casa eram ir ao mercado, e... bem... era isso mesmo pelo que lembro. Isso já fala muito sobre os processos de subjetivação e produção do corpo nos quais estou inserido. Não questionar esses privilégios é uma forma de mantê-los. Aquilo que não está dito, que não está em evidência, não é modificado. O privilégio que os corpos brancos masculinos podem experimentar também é um reforço para a sua manutenção, assim como o papel dos corpos oprimidos <por exemplo, das mulheres> é fundamental para tensionar esse sistema. De forma geral, quem fala sobre o machismo e patriarcado são as mulheres, justamente por serem oprimidas. Para os homens, em sua posição de privilégios, não interessa falar sobre isso e menos ainda fazer um movimento para se retirar desse lugar. É preciso que os homens sejam mais críticos consigo mesmos.

Além disso, esse trabalho foi escrito por flutuações entre primeira e terceira pessoa. Essas flutuações são derivadas de algumas passagens diretas do meu corpo, experiências e relatos, para um plural - autores(as) que li, as discussões no grupo de pesquisa, conversas com outros pais, grupos em redes sociais que acompanhei, o grupo de pais que participou da pesquisa, as lutas feministas - e também se propõe a convidar você que está lendo a se envolver na pesquisa e “escrita” do mesmo. O texto nunca é escrito apenas por quem o desenha, pois quando outro o lê - sendo que esse outro pode ser o próprio escritor em outro momento - ele já se transforma em outra coisa. Ou seja, o texto o é apenas no instante em que está em relação para com o leitor(a), pois ele não é composto apenas pelo seu escritor, mas também por quem o lê - em um dado momento histórico. Assim como o texto, somos feitos de relações (para consigo mesmo e para com o mundo), e, dessa forma, ainda que tomados de modo individual, somos plurais. Porém, não podemos nos esquecer onde nos encontramos, nosso lugar de fala.

A dissertação está disposta a conter atravessamentos eventuais, com pequenas intervenções artísticas - acredito que poderia chamar assim. Algumas poesias, contos, devaneios, figuras e outras expressões que foram emergindo na medida em que o trabalho era composto. A primeira ideia foi de chamar esses trechos de tosses, mas como as tosses atualmente já são alvo de preconceitos e discriminações, decidi chamar de soluços. Caso fique preso em um soluço, algumas dicas importantes: “tranque” a respiração pelo máximo de tempo que conseguir; tome um copo d’água às pressas sem respirar; execute respirações longas e amplas; beber água de cabeça para baixo.

Concluídos os avisos para a leitura, vamos ao que interessa.

\*\*\*\*\*

## INTRODUÇÃO

Frente ao momento de fratura em que nos encontramos no contexto da pandemia, os mais diferentes modos de existir foram desestabilizados. Enquanto pai e professor da rede estadual, assim me encontrei durante parte dessa pandemia: ilhado, observando o continente a uma distância infinita - do outro lado da janela, logo ali na rua. Os corpos inquietos, envasilhados pelas paredes da casa, chocam-se nesse espaço que resta - lembrando os carrinhos de bate-bate no parque de diversão. Os encontros tomaram outras formas; a ilha <casa> que antes pouco era explorada (praticamente só desembarcávamos nela para dormir e nos alimentar) adquire novos significados; os cantinhos parecem diferentes do que foram outro dia; as paredes vertem traços em giz que são expressões dos corpos aprisionados - ou uma contagem estranha das datas de confinamento; enfim, a mudança vem como uma torrente de verão - mas que parece ter estacionado pela nossa pequena ilha. Todo esse misto de novos afazeres, reinvenções da casa, desterritorialização e territorialização nesse espaço que acreditávamos já conhecer por completo, compõem nossos novos modos de existir, nossas novas experiências.

A rotina intercalada da atenção com a filha, o planejamento e produção de aulas e materiais de aula online, os encontros sincrônicos (sejam das escolas ou do mestrado), varrer o chão, lavar a louça, pintar os quartos, fazer comida, e várias outras atividades que disputaram nossa atenção, são peças que foram compondo essa nova forma de viver em tempos de isolamento social. Todas as pequenas peças do quebra-cabeça vão se amontoando ao longo do dia, e, por vezes, até sobra algum tempo para ver o resultado delas imbricadas, encaixadas. Mas de modo geral parece que fomos engolidos por essa rotina que não se estabilizou ainda - e pelo visto nem irá se estabilizar.

De todo modo, durante a tessitura deste trabalho estive acompanhando grupos de pais no *Whatsapp*, *Facebook* e *Instagram*, bem como lendo blogs, conversando com outros pais, assistindo vídeos e acompanhando notícias que envolvessem as paternidades. Nesses espaços estavam presentes paternidades ilhadas e também continentalizadas<sup>1</sup>, num misto de discursos e práticas sendo relatadas por eles. Essas vivências nos meios digitais e nas conversas que tive com outros pais que conheço levantaram a questão: **como se atualizam as experiências de paternidade que estão em isolamento social?**

Essas masculinidades ilhadas - em si mesmas e na casa, produzidas socialmente sob o fenômeno da violência, do sofrimento psíquico, da repulsa dos afetos, do endurecimento dos corpos, enfim, esses corpos que foram produzidos para se desvincularem de qualquer imagem que possa ser considerada do feminino (WELZER-LANG, 2001; BUTLER, 2003; SANTOS e NARDI, 2014), agora encontram-se nessa ilha, encurraladas por si mesmas. Encurraladas pelas crianças.

Um conjunto de funções e responsabilidades que outrora poderiam ser esquivadas<sup>2</sup>, nesse momento se apresentavam como irrefreáveis forças que flertaram com essas masculinidades. As paternidades se encontram em um episódio novo para algumas delas: problematizar-se por conta das mudanças geradas pela pandemia. O conforto e privilégio dos homens esteve e está na corda-bamba. Enfim, a pandemia e o isolamento social vieram, entre tantas coisas, para tensionar e estimular novas configurações às rotinas. É essa desestabilização do que já estava tomado como dado que veio a reconfigurar toda a estrutura da casa e de seus residentes. É preciso que nós, pais que têm e tiveram a possibilidade de estarem ilhados, se movimentem e tomem esse contexto para modificar nossos hábitos e nos problematizarmos enquanto tais. Nós precisamos aproveitar esse momento para dar outros

---

<sup>1</sup> Sendo ilhadas àquelas que aderiram ao isolamento social e continentalizadas àquelas que não aderiram (desconsiderando o motivo para tal decisão)

<sup>2</sup> Pelbart ao falar sobre o desejo e temer em Deligny, comenta que “temer implica evitar, esquivar [...]” (PELBART, 2013, p. 274). Isso me faz pensar: será que é esse mesmo temer (a perda de seus privilégios) que faz os homens esquivarem-se de suas responsabilidades?

modos de existência para nossos corpos, e transformar não somente a nós, mas os discursos hegemônicos sobre a paternidade e suas práticas decorrentes.

Essa mudança em algumas paternidades, no que é tomada enquanto “novas” funções da paternidade<sup>3</sup>, vem a fazer pensar o que essas outras experiências dos pais desarrumam, desmancham e liquefazem nesses corpos. As crianças que antes observavam seus pais não se responsabilizarem pelo cuidado com elas, não dividiam as tarefas da casa, que viam seus pais fazerem ritos para expor seu poder e privilégio sobre outros corpos, agora os observaram encurralados por si mesmos dentro da casa. Mas será que estes pais buscaram outras formas de existir que fossem mais justas e harmônicas ou apenas tentaram evitar esse deslocamento para manter seus privilégios?

Assim, é com a proposta de investigar a paternidade enquanto processo de subjetivação (e que está em constante atualização) que se pavimenta o trajeto que seguirá esse trabalho. Neste, onde os corpos serão tomados enquanto generificados (masculinidades produzidas), assim como a paternidade é algo construído, pretendeu-se fazer o movimento de reunir pais para encontros coletivos. Estes pais receberam materiais para fazerem mapas dos trajetos de seus filhos, assim como uma caderneta para fazerem anotações que desejassem. Os mapas foram pensados na mesma proposta de Fernand Deligny, onde são traçados trajetos das crianças dentro de um território (nesse caso, na ilha), e que tinham a proposta de serem utilizados para revisitar o que capturamos do fazer-brincar dos nossos filhos - o que nos chama a atenção para anotarmos e o que possivelmente descartamos ao traçar o mapa. Assim como onde as crianças mais param na casa, onde são apenas caminhos de passagens, portais, etc.

---

<sup>3</sup> Digo “novas” por se tratarem de funções e responsabilidades que SEMPRE FORAM das paternidades, porém os mesmos se eximiam (e ainda eximem) de realizá-las.

A caderneta, uma espécie de diário de bordo (ou de naufrágio), veio na proposta destes pais poderem fazerem anotações diversas - algo que lhes chamou a atenção em algum momento, um desejo que possa ter surgido, algo que lhes incomodou profundamente, enfim, para livre anotação. Já nos encontros coletivos, o intuito foi de constituir um espaço onde fosse possível trocar experiências arraigadas durante essas produções individuais - buscando (re)significar suas produções e a si próprios. De igual maneira, pretendeu-se usar a literatura e recursos audiovisuais (como vídeos) como disparadores dos encontros - por se tratar de uma forma de desacomodar e deslocar, nos permitindo observar de outra forma os acontecimentos experienciados. Esses encontros foram cartografados, com a proposta de se produzir novos textos a partir dessas vivências compartilhadas de forma a dar movimento à algo novo e não apenas a uma representação dessas vivências.

\*\*\*\*\*

*Outubro de 2020*

Enquanto pai e professor nesses tempos de pandemia, estou em isolamento social desde março de 2020 - pouco mais de sete meses - e contando. O processo de paternidade, desde o início do isolamento social, foi se tornando cada vez mais intenso com o passar dos dias. As demandas mudaram, a rotina também - e acho até que não existe uma rotina muito exata, pois sempre que algo parece estar se organizando alguma novidade surge e tudo se desestrutura novamente. É uma sequência de tropeços e soluções, talvez essa seja a melhor forma de descrever a rotina. Enquanto paira uma intensa preocupação com a vida de todos com quem convivo, também há uma preocupação com os/as alunos/as. Já soube de alguns casos de crianças que tiveram covid-19 - até o momento sem complicações, mas também sem notícias de seus familiares. Começamos as aulas sincrônicas sempre perguntando se todos estão bem. Às vezes lhes faço essa pergunta, mas pensando se eu realmente estou bem para poder

perguntar isso a eles. A função de trabalho tem se tornado cada vez mais desgastante, com diversas atividades para formular, postar, corrigir, ver se os alunos fizeram, fazer outras atividades similares mas para aqueles que não tem acesso a rede e precisam buscar na escola, etc. E junto a isso, existe uma imensidão de documentos e formulários a se preencher - que em alguns casos são informações até repetidas (pois os sistemas não se comunicam). Enfim, estar em casa não é apenas estar isolado (na casa e em si mesmo), não basta se esconder em uma sala para fazer suas tarefas e esquecer que na casa também habitam outros corpos e que existem várias tarefas a serem cumpridas - inclusive assistir aulas com a filha.

Observando deste modo, até parece tudo muito penoso e dramático, talvez até seja um desabafo mascarado de exemplo dessa nova configuração imposta pela pandemia. Mas, hei de dizer que muitas coisas ótimas também vieram com o naufrágio nessa ilha em que nos encontramos. Estar perto da família é muito bom para mim. Esse projeto, por exemplo, é fruto desse isolamento. Pude me aproximar muito mais da nossa filha, estando presente em vários momentos que talvez não estivesse caso não houvesse o isolamento social. Também pude ter o prazer de “montar” aulas enquanto era surpreendido por uma criança escalando minhas costas e montando sobre minha cabeça, dividindo o equilíbrio desta com a tentativa de digitar algo sobre o bioma Pampa. Ou ainda ficar vários minutos seguidos dando risada com a A.<sup>4</sup> depois de apenas olharmos um o rosto do outro na sala. São vários os momentos em que esse isolamento trouxe novas experiências e que permitiu que eu pudesse repensar minha forma de paternar e de existência em si.

Outros colegas também vivem esse processo de intensificação da vida e esgotamento dos dias. Os professores que são pais têm uma dupla relação com a educação: cuidar dos filhos/as e dos alunos/as. Além disso, a educação está em pauta a cada nova decisão sobre a situação do covid-19, sempre dando uma tremenda incerteza do que irá acontecer: as aulas vão voltar? E os

---

<sup>4</sup> Os nomes serão abreviados ou omitidos, no intuito de preservar a identidades dos mesmos.

EPIs? Vamos estar protegidos? E nossas famílias? Vamos ter que nos isolar? Seguimos enviando aulas? Que tempo terei para a casa? Como vão controlar a doença nas escolas? Será que minha filha terá que voltar também? Se formos mantê-la em casa, como faremos isso? Mandar para avós? E a chance de eu me contaminar na escola e levar para a casa, e nossa filha levar para os avós e alguém ter complicações?

Toda essa situação (pandêmica) veio a desestabilizar e problematizar a relação com a casa e a família. O atual contexto é uma imensa incógnita rodeada por diversas tarefas que se enroscam uma nas outras ao longo dos dias. Mas junto a isso, diversos hábitos masculinos tiveram a oportunidade de serem problematizados, mesmo que nosso corpo insista em se esquivar das responsabilidades que nos são próprias. Se você que está em isolamento (ou não) não assumir essas funções de cuidado da casa, das crianças, e do que mais for preciso, para quem você acha que essas tarefas irão? Ainda mais por conta do fechamento das escolas - como medida para mitigar a transmissão do vírus. Segundo uma notícia do jornal Estadão<sup>5</sup>, o trabalho das mulheres aumentou durante o isolamento social, enquanto os homens relatam pouca ou nenhuma alteração. Também precisamos ficar atentos em relação ao período anterior à pandemia, pois de igual maneira as mulheres despendiam mais tempo ao longo do dia em função de cuidados para com outros do que os homens<sup>6</sup>. Algo que precisamos pensar, então, é não apenas como se atualizam as paternidades em tempos de isolamento social, mas também se os pais estão, de fato, mais implicados pelas tarefas da casa e cuidados das crianças durante esse período. Como percebemos, repensar a nós mesmos e ao que nos é externo não significa uma mudança concreta de ações nas nossas rotinas. Somos subjetivados a agir e entender o mundo de um determinado modo - um modo perigoso de existir.

---

<sup>5</sup> DYNIEWICZ (2020).

<sup>6</sup> IBGE (2019).



Pensar na masculinidade enquanto produção, processo, é pensá-la enquanto subjetivação

Pensar na masculinidade enquanto produção, processo, é pensá-la enquanto subjetivação

Pensar na masculinidade enquanto produção, processo, é pensá-la enquanto subjetivação

Pensar na masculinidade enquanto produção, processo, é pensá-la enquanto subjetivação

Pensar na masculinidade enquanto produção, processo, é pensá-la enquanto subjetivação

Pensar na masculinidade enquanto produção, processo, é pensá-la enquanto subjetivação

## Masculinidade é processo

Vamos conversar um pouco mais sobre que subjetividade é essa? Luis Artur e Tânia Mara nos deixam importantes pistas na definição de subjetividade em seu texto intitulado *Da Diversidade: Uma Definição do Conceito de Subjetividade* (COSTA e FONSECA, 2008). Neste texto também é abordada a questão da identidade, a fim de diferenciá-la de subjetividade - sendo comum a confusão em pensar subjetividade como algo privativo. A identidade é tratada, segundo os autores, como algo fechado em si, algo privativo do indivíduo. A identidade é tomada, desde Platão, como algo estático, imutável, forma e substância que atuam uma sobre a outra, imprimindo aparência e estrutura abstrata ao indivíduo. “As perspectivas identitárias de consciência usualmente a identificam enquanto entidade reificada em uma substância (mente, cérebro) ou forma (esquemas de processamento da informação, rede cortical) que se referem a si mesmas constituindo uma interioridade privativa ao indivíduo fechada em si” (COSTA e FONSECA, 2008, p. 514).

A subjetividade, por outro lado, é composta a partir de uma trama complexa que está sempre em mudança, sempre se atualizando. Assim, a **subjetividade não poderia ser semelhante à identidade** (pois uma é estática e a outra está em constante movimento - processo, atualização). A relação trazida pelos autores é a de nomes próprios: substantivos como desaceleradores dos verbos - identidade; e o verbo enquanto constante movimento, que faz mover, mudar, **processo** - subjetividade. O campo de forças que compõe os corpos<sup>7</sup> e o meio estão em constante embate e transformação. Falar de um *eu* nessa perspectiva remete a uma fotografia, à congelar um momento, frear um processo para observá-lo. Assim, a própria denominação de indivíduo é transformada

---

<sup>7</sup> Corpo enquanto “[...] pluralidade de *vontades de potência* em conexão com os fluxos de forças do mundo em uma alternância de arranjos[...]” (COSTA e FONSECA, 2008, p. 518).

- “[...] *indivíduo* não significa mais o que não pode ser dividido em si, por constituir uma unidade fundamental do ser (identidade), mas sim, o que não pode ser dividido do que lhe envolve, do que o envolveu, enfim, de suas implicações” (COSTA e FONSECA, 2008, p. 516).

A interioridade, enquanto invenção do cristianismo, é anterior à de subjetividade - sendo a última uma invenção da modernidade (FILHO e MARTINS, 2007). Por isso o conceito de subjetividade geralmente está atrelado à interioridade, por conta de sua relação arqueológica cristã de interioridade (FILHO e MARTINS, 2007, p.17).

Assim como temos em Costa e Fonseca (2008, p.518) a vontade de potência e os fluxos de forças na subjetivação, temos em Filho e Martins (2007, p. 17) essa mesma questão, enquanto forças que atravessam os sujeitos. Contudo, em Filho e Martins (2007) encontramos uma outra pista importante, quando falam que um louco não é produzido apenas pelo discurso objetificante e psiquiátrico, mas também é preciso que o louco se reconheça enquanto tal e se produza enquanto sujeito da loucura. Episódio similar a esse pode estar presente nas paternidades (e masculinidades): não basta a definição de paternidade enquanto discurso psicológico/psiquiátrico, é preciso também que esses sujeitos se identifiquem enquanto pais (homens) - a partir dos fluxos de forças que atravessam seus corpos e se relacionam com o mesmo. **Não bastam os discursos/práticas sobre o que é paternidade (e masculino), os atravessamentos midiáticos do que é um bom ou mau pai, as responsabilidades de pai, etc., é necessário também que esse sujeito se perceba nesse jogo de forças e se assuma enquanto tal.** Essa paternidade, esse fenótipo, é composto por todos esses atravessamentos, esse fluxo de forças, que são parte do meio que o cerca (composição de forças capturadas por nós como entorno, exterior) e de si mesmo - transmutando esse EU estático em outra coisa, em meio (mas dessa vez meio enquanto metade do caminho, processo, atualização), em verbo, em devir.

A partir dessa perspectiva, as paternidades não se compõem apenas a partir de suas semelhanças, mas também por conta de suas diferenças para com as anteriores e também as atuais. Cada paternidade torna-se diferente, assim como as masculinidades das quais nos falamos Munsberg e Rocha (2016). As paternidades se reinventam, inevitavelmente, assim como no atual cenário pandêmico. Paternidade é um eterno “e”, soma, imbricação de peças, montagem de quebra-cabeças. A subjetividade, então, é tomada enquanto processo de atualização, de subjetivação - e não de algo íntimo dos indivíduos, particular. “[...] subjetividade enquanto tentativa de apreender aquelas linhas fugidas que transpassam e constituem os fluxos produtores do nosso mundo vivido” (COSTA e FONSECA, 2008, p. 519).

\*\*\*\*\*

## MACHO ALFA

“Diga que você não ficaria assustado ao observar ou tomar conhecimento de casos de infanticídio entre mamíferos? Em 1977, a pesquisadora Sarah Hrdy publicou os resultados de seus estudos pioneiros feitos na Índia com macacos langurs (gênero *Presbytis*).

O estudo se iniciou quando ela evidenciou que após as disputas entre machos pelos haréns, que os vencedores matavam todos os jovens filhotes do bando.” (DEL-CLARO, 2010)

## CHAMADA URGENTE!

Homem **suspeita** da esposa e mata os filhos enquanto a mesma saía para trabalhar. Um deles tinha 8 meses. O mesmo prestou depoimento e foi liberado para maiores investigações.

VOCÊ ACHARIA  
ESTRANHO SE FOSSE?

VOCÊ

VOCÊ

VOCÊ ACHARIA?

NÃO É UMA NOTÍCIA REAL,  
MAS VOCÊ ACHARIA  
ESTRANHO SE FOSSE?

ESTRANHO

NÃO É UMA NOTÍCIA  
REAL?

VOCÊ ACHARIA  
ESTRANHO SE FOSSE?

VOCÊ?

VOCÊ ACHARIA?

NÃO É UMA NOTÍCIA REAL,  
MAS VOCÊ ACHARIA  
ESTRANHO SE FOSSE?

VOCÊ ACHARIA?

NÃO É UMA NOTÍCIA?

## RITUAL DE INICIAÇÃO

*Domingo de sol, anterior aos tempos de isolamento. No ar, uma leve brisa; a temperatura está na casa dos 20°C e parece que não vai chover. Vários adultos estão ali, reunidos num jardim próximo a algumas mesas. Nestas, pode-se ver alguns copos de plástico espalhados contendo refrigerante em alguns, outros cerveja e uns quitutes sobre a mesma. Algumas crianças correm soltas por ali, se divertindo e brincando juntas, mas de maneira tímida. Em algum momento são convocados todos ao redor de uma mesa principal. Um casal heterossexual <ela gestante> se junta atrás dessa mesa e aquele monte de gente vai se aproximando em forma de ferradura. Ele está trajando calça e camisa azuis, ela um vestido rosa. Em seus rostos têm algumas inscrições com tinta de mesma cor da suas roupas, inscrições quase rúnicas - como se quisessem invocar algo. Surge em meio ao povo uma torta totalmente branca que é carregada até a frente do casal. Uma gigantesca faca lhes é apresentada, e agora ambos a seguram em unísono. Desferem dois golpes na torta de forma a cortar uma fatia. O homem, que dizia a pouco se preocupar com o futuro das crianças, pega um prato de plástico e a mulher uma espátula para servir a fatia. Um silêncio arrebatador toma conta do lugar, podendo se escutar ao fundo apenas algumas risadas e os passos apressados das crianças. A fatia é erguida e em suas partes internas há uma cor: azul. Os homens urram em satisfação e comemoram como se tivessem vencido uma guerra; entre as mulheres pode-se ver alguns rostos tristes, algumas conversas entre elas; e algumas outras que comemoram também. Mais cerveja chega e a festa segue, com risadas, piadas, histórias e choro de crianças.*

\*\*\*\*\*

**Quantos de nós já ouvimos falar (ou passamos) por um ritual desse tipo?** Quero dizer, não apenas na vida adulta, mas também no tempo de infância e até mesmo em nosso período gestacional. Nesse tipo de ritual, assim como em vários outros, determinamos qual será o sexo de um ser que ainda nem chegou ao mundo. **Os livros didáticos escolares também naturalizam a heteronormatividade no corpo humano (além de outros), como mostram Lionço e Diniz (2008)**, onde reduz-se o comportamento sexual apenas como necessidade de geração de novos indivíduos (prole) e não são abordadas diferentes questões, como por exemplo a do desejo. “O prazer e desejo, quando abordados, voltam-se a fatores fisiológicos” (LIONÇO e DINIZ, 2008, p. 313).

Mesmo submersos nesse mar de produção corporal, tomamos ar na superfície com Butler (2003) em *Problemas de gênero*, onde não é a biologia o determinante desse sexo designado masculino ou feminino, mas a cultura, pois a cultura tende a generificar o próprio sexo - ou seja, não há um sexo previamente inscrito nos corpos, mas uma **construção do sexo** - **assim como do gênero** - naqueles corpos. “Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino” (BUTLER, 2003, p. 26).

## GENERIFICAÇÃO COMPULSÓRIA

Corpos são apenas corpos. Impuseram-nos a miragem de que pênis e vagina são o reflexo de determinado gênero, quando na verdade apenas são partes do corpo, como qualquer outra. Você tem pênis como tem dois olhos, ou ainda, tem vagina da mesma forma que têm orelhas. E é isso... Ou suas orelhas determinam seu gênero? **1**

Daniel Welzer-Lang (2001) ao descrever a relação entre os sexos (homens e mulheres) comenta também do corpo-homem como algo construído, e não um corpo naturalmente pré-existente. Porém, em nossa sociedade tendemos a naturalizar (e inscrever) o sexo nos corpos a partir de características como “anatômico, cromossômico ou hormonal” (BUTLER, 2003, p. 25), reprimindo a uma imutável configuração deste ou daquele corpo. **Fixamos com discursos e práticas o sexo designado masculino e feminino nos corpos como se fixa com formol a inércia dos corpos desprovidos de vida.** A identidade é, então, construída e está atrelada a um contrato heterossexual (BUTLER, 2003, p. 50), que é compulsório e impele os corpos ao desejo heterossexual.

Dessa forma, além do sexo e gênero serem inscritos nos corpos, o desejo e prazer também estão atrelados a essas performatividades e identidades produzidas. Como podem, então, os discursos e práticas reforçarem esses contratos? No que eles se sustentam? Como adotamos essas naturalizações do corpo? Que corpos queremos?

**NOMES**

**e**

**SIGNOS**

Nomear algo é, também, incrustar um signo.

Nomes são coisas violentas.

Signos também.

E o que fazemos com alguns destes signos é mais violento ainda...

Aniquila-se, assim, a potência da possibilidade...

**2**

### 3 O sistema genital feminino

O sistema genital feminino é formado por estruturas visíveis externamente (genitália externa, podendo ser feminino ou vulva) e órgãos que ficam dentro do abdômen (genitália interna).

A genitália externa apresenta os lábios menores e maiores do pudendo, que se localizam ao redor da abertura da vagina. Essa abertura apresenta ao seu redor uma membrana fina, o hímen, geralmente rompido na primeira relação sexual. Além disso, há um órgão chamado clitóris, composto de tecido erétil como o pênis, relacionado ao prazer sexual feminino.

A genitália interna é formada por vagina, útero, tubas uterinas e ovários, como mostra a ilustração a seguir.

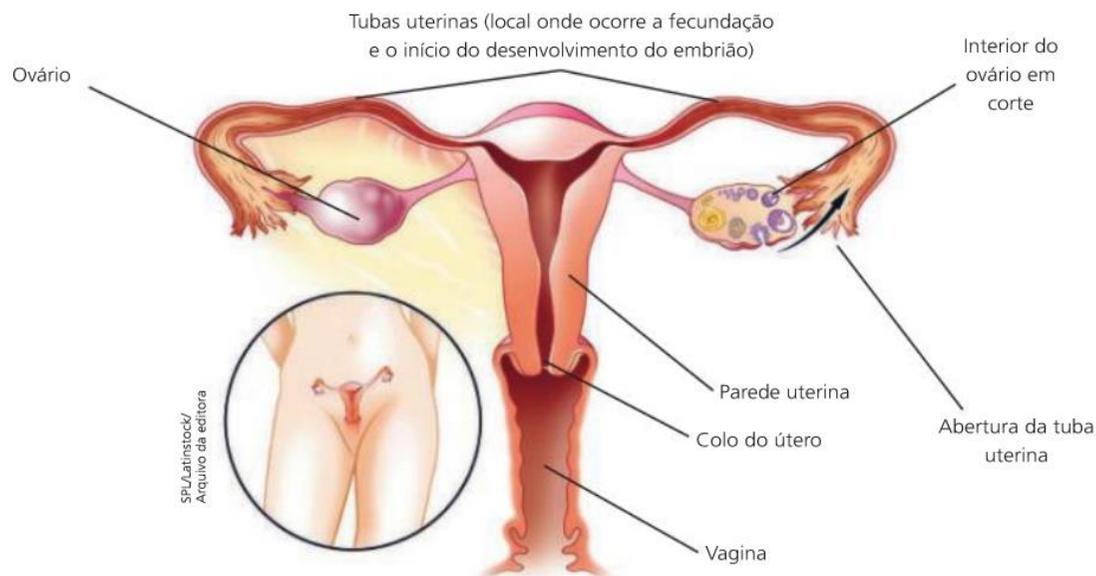


Figura 1 – Imagem de um livro de Ciências – 8º ano<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> Livro Inovar, de Sônia Lopes e Jorge Audino (2018, p.70).

Daniel Welzer-Lang vai em busca da **produção do masculino** e procura romper com essas definições naturalizadas dos homens, desconstruindo-as. Em seu texto *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia* (WELZER-LANG, 2001), ele explora alguns itens que fortalecem e constroem a identidade masculina - o que culmina e se sustenta na dominação destes sobre outros corpos. **Ninguém nasce homem ou mulher, as diferenças são impostas nesses corpos - por conta da anatomia, simbologia, etc.** - a fim de separá-los e distingui-los, determinando suas possibilidades, e **todos corpos que tendem a desviar dessa lógica sofrem sanções**. Essa dominação gera desigualdades entre os corpos, onde os homens recebem “privilégios materiais, culturais e simbólicos” (WELZER-LANG, 2001, p. 461) em detrimento das mulheres - estabelecendo um abismo da desigualdade. **As desigualdades que as mulheres sofrem são, assim, oriundas das vantagens que os homens têm**. Essa lógica está ligada ao contrato heterossexual que Butler (2003) já nos alertava, e volta a tona em Welzer-Lang quando o autor cita que esses privilégios que os homens recebem por conta deste <contrato>. O mesmo “contrato social heterocentrado” aparece no discurso de Preciado, em seu livro *Manifesto contrassexual*, onde o autor vem contestar o sexo como parte da “[...] história natural das sociedades humanas” (PRECIADO, 2014, p. 23). Paul Preciado, em contrapartida à visão naturalizada de sexo, traz a contrassexualidade como uma alternativa para dissolver essas identidades construídas e já estabelecidas nos corpos dentro desse contrato heterocentrado, buscando um caminho onde **“os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem os outros corpos como falantes”** (PRECIADO, 2014, p. 21). Outra prática que reforça esse sistema de privilégio do masculino está vinculada a neutralidade desses corpos-homens. No texto *O masculino como neutro: a normalização da masculinidade*, a autora Freitas (2017) traz essa noção de neutralidade vinculada ao homem ao fazer referência ao silenciamento que a sociedade impõe sobre pensar o homem como um corpo produzido - além do corpo feminino que vem sendo tratado desse modo pelo movimento feminista. Essa **neutralidade**, ou “pouco caso” sobre o corpo do homem, reforça o privilégio do mesmo por não colocá-lo nunca em evidência e debate, mantendo-o em seu *status* de naturalizado, incontestável, etc.

Precisamos lembrar que os livros didáticos fazem parte de um importante manual que cerceia parte dos saberes da sociedade. Além da educação básica ser obrigatória por lei, dos quatro aos dezessete anos, temos os livros didáticos como uma parte muito importante na produção dos saberes escolares. **Os livros são utilizados pelos estudantes e também por professores(as) que pretendem organizar o conteúdo, ou ainda buscar um amparo sobre algum conhecimento específico, etc.** Sabendo disso, podemos dizer que somos obrigados a frequentar a educação básica, e, é quase impossível escaparmos do acesso aos livros didáticos nela presentes.

Perceba, por favor, que não pretendo travar uma briga com a legislação vigente (até porque ainda acredito na escola, e, considero um grande avanço a obrigatoriedade em frequentar a mesma) e nem mesmo com o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) que é uma forma de fomentar o acesso à materiais de apoio pedagógico de uma forma geral. O que quero trazer aqui é um **alerta aos riscos a que estamos submetidos** - enquanto sociedade. Bueno, junto a tudo isso, ainda temos a BNCC, a Base Nacional Comum Curricular, que define o que deverá ser apresentado de conteúdo nas escolas ao longo da formação dos estudantes. No Rio Grande do Sul, local onde leciono, utilizamos o Referencial Curricular Gaúcho, cujo é o norteador do currículo escolar do Estado em questão - e que é baseado na BNCC.

Para além de toda a questão das leis que envolvem essa situação, vamos ver o que diz o **Referencial Curricular Gaúcho, que é um instrumento que norteia e coordena boa parte das ações dos professores na sala de aula das escolas do Estado.**

Vida evolução	e	Mecanismos reprodutivos Sexualidade
------------------	---	---

Figura 2 - Referencial Curricular Gaúcho - Ciências da Natureza e suas Tecnologias (RIO GRANDE DO SUL, 2018, p. 98).

O conteúdo do 8º ano do Ensino Fundamental geralmente trata das questões que são pertinentes aqui: **Mecanismos reprodutivos e sexualidade** (como é citado pela própria BNCC). Porém, como já vimos em Lionço e Diniz (2008), isso é tratado de uma forma a criar uma **contraposição entre masculino e feminino** - usando como estratégia os órgãos reprodutivos em questão; além da organização dos conteúdos de forma a colocar hormônios como os grandes influenciadores das questões de prazer, desejo, desenvolvimento, etc.; e a produção da hetenormatividade como regra.

## 2 O que acontece na puberdade

Na passagem da infância para a adolescência, várias transformações ocorrem em nosso corpo e, conseqüentemente, em nosso comportamento. Esse período de transformações é chamado **puberdade** e inicia-se, em geral, entre 10 e 12 anos, para as meninas, e entre 12 e 14 anos, para os meninos, mas essas faixas variam muito.

Na puberdade, algumas características sexuais se desenvolvem: nos meninos, a voz se altera, nascem pelos no rosto, nas axilas, no púbis e em outras partes do corpo, e os testículos e o pênis crescem; as meninas começam a menstruar, seus seios crescem e nascem pelos nas axilas e no púbis. Alguns adolescentes, de ambos os sexos, engordam ou emagrecem, ficam com a pele cheia de espinhas e podem passar por outras transformações, inclusive no comportamento.

É a partir da puberdade que o corpo se torna apto à realização de mais uma função: a **reprodução**. Cresce, assim, a responsabilidade pelos atos praticados, pois ter filhos deve ser uma decisão bem planejada. Conhecer o próprio corpo e como ele funciona ajuda a entender melhor como somos e a tomar decisões mais conscientes.

**Figura 3 - Parte do conteúdo sobre puberdade relacionando-a aos hormônios.**

Parthenogênese.....	22	CAPÍTULO 5 - MÉTODOS CONTRACEPTIVOS.....	75
Reprodução nos invertebrados.....	22	Evitando uma gravidez indesejada.....	76
Vertebrados e os diferentes ciclos reprodutivos.....	24	Métodos naturais, de abstinência ou comportamentais.....	77
<b>Atividades.....</b>	<b>27</b>	Tabelinha ou método do calendário.....	77
<b>Pense e resolva.....</b>	<b>27</b>	Temperatura basal.....	78
<b>Síntese.....</b>	<b>28</b>	Método Billings ou muco cervical.....	78
<b>Prática.....</b>	<b>30</b>	Métodos de barreira.....	79
CAPÍTULO 2 - PUBERDADE.....	31	Camisinha masculina.....	79
Adolescência, puberdade e sexualidade.....	32	Camisinha feminina.....	81
Os papéis sociais.....	34	Diafragma.....	82
Os hormônios, o sistema nervoso e a puberdade.....	35	Métodos hormonais.....	83
Hipotálamo.....	36	Métodos cirúrgicos.....	83
Hipófise.....	36	Laqueadura.....	83
A puberdade feminina.....	37	Vasectomia.....	84
A puberdade masculina.....	38	Métodos intrauterinos.....	84
Acne.....	39	A pílula do dia seguinte.....	85
Ginecomastia.....	41	<b>Atividades.....</b>	<b>86</b>
Trabalho infantil e do adolescente.....	41	<b>Pense e resolva.....</b>	<b>86</b>
<b>Atividades.....</b>	<b>43</b>	<b>Síntese.....</b>	<b>87</b>
<b>Pense e resolva.....</b>	<b>43</b>	<b>Desafio.....</b>	<b>87</b>
<b>Síntese.....</b>	<b>43</b>	<b>Leitura complementar.....</b>	<b>88</b>
<b>Desafios.....</b>	<b>43</b>	CAPÍTULO 6 - INFECÇÕES SEXUALMENTE	
<b>Leitura complementar.....</b>	<b>44</b>	TRANSMISSÍVEIS (ISTs).....	90
CAPÍTULO 3 - SISTEMA GENITAL.....	46	O que são ISTs?.....	91
Vamos conversar um pouco?.....	47	Gonorreia.....	92
Os órgãos do sistema genital.....	48	Sífilis.....	93
O sistema genital masculino.....	48	Tricomoníase.....	93
O sistema genital feminino.....	50	Candidíase.....	94
<b>Atividades.....</b>	<b>55</b>	Herpes genital.....	94
<b>Pense e resolva.....</b>	<b>55</b>	Aids (síndrome da imunodeficiência adquirida).....	95
<b>Síntese.....</b>	<b>56</b>	<b>Atividades.....</b>	<b>98</b>
<b>Desafio.....</b>	<b>56</b>	<b>Pense e resolva.....</b>	<b>98</b>
<b>Leitura complementar.....</b>	<b>57</b>	<b>Síntese.....</b>	<b>98</b>
CAPÍTULO 4 - GRAVIDEZ E PARTO.....	58	<b>Desafios.....</b>	<b>98</b>
Direitos reprodutivos e sexuais.....	59	<b>Leitura complementar.....</b>	<b>99</b>

Figura 4 - Sumário de um dos livros de Ciências da Natureza - 8º ano que faz parte do PNLD.

# PRODUÇÃO

Produção.

Máquina – engranagem – peças – produção

Quem produz, produz algo?

Ação gera produto – produto matemático?

Masculinidade

Produz ação -> que ação? Ah! São...

Engenharia de produção

3

Repare na organização dos conteúdos bem como os termos utilizados para referenciar os mesmos. Dos livros didáticos que já tive acesso nas escolas que lecionei, de modo geral, todos **repetem a organização destes conteúdos**. Talvez isso se dê por conta de uma **disputa de mercado**, afinal, esses **livros são escolhidos pelos professores** no período de aquisição dos mesmos - que ocorre a cada três anos. Caso algum livro escape muito a regra, possivelmente não chamará a atenção dos docentes que buscam literaturas para utilizar na escola. Além de quê, **caso escapem muito desta “regra”, estarão escapando da BNCC, o que é algo impensável nos dias de hoje...**

Pois bem, sabemos que por conta do ensino escolar ser obrigatório dos quatro aos dezessete anos, **um grande número de crianças brasileiras passará os olhos por essa sequência de conteúdos que estamos vendo aqui**. Os **processos de subjetivação** que estão atrelados, de um modo ou de outro, à essa composição didática dos livros que podemos observar aqui. Pense agora comigo: **o que raios estamos fazendo?!**

Logicamente essa é mais uma das forças que atravessam o **processo de formação do masculino**. O modo com o qual **validamos** a inscrição da genitália ao gênero; o modo com o qual validamos essa **performance** a partir de “saberes científicos”; afirmamos e encaixotamos os desejos a alguns hormônios de nome estranho e difíceis de decorar para uma prova, e por aí vai. Afinal, **quem questionaria um livro didático**? Ou um(a) professor(a)?!

**Generificar os corpos é pedagógico. Didático. Talvez até lúdico para aqueles(as) docentes que se aventuram por esse mundão...**

\*\*\*\*\*

## NEUTRALIDADE

Diz-se daquilo que não é neutro.

Neutro pode ser o pH. Já os homens...

Se colocarmos um “n” no final, temos uma partícula atômica: nêutroN

“Aquilo que não é visto, não é lembrado”...

---

4

Homo sapiens

ESTUDO DO CORPO HUMANO

PRIVILÉGIO

PRIVILÉGIO

QUAL CORPO É CONSIDERADO

HUMANO?

SACRILÉGIO

PRIVILÉGIO

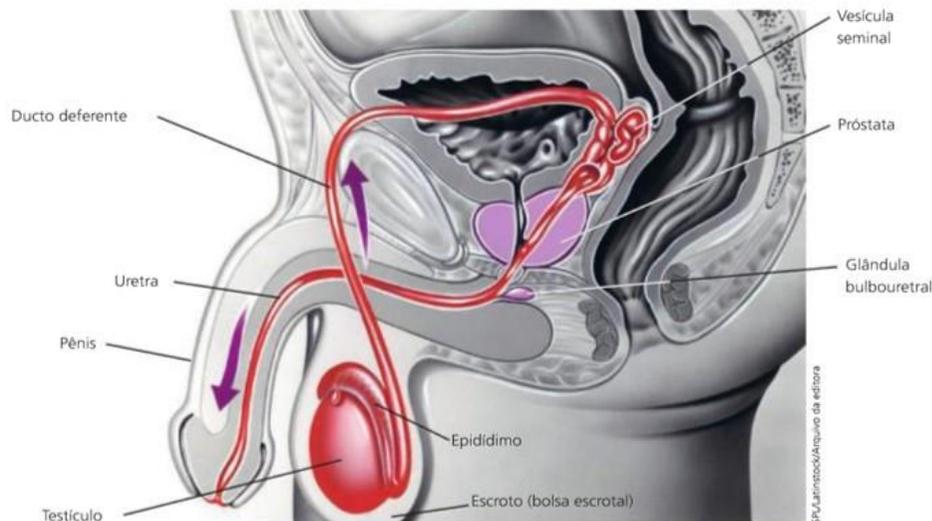
SACRILÉGIO

O HOMEM INVENTOU A MÁQUINA

O QUE SIGNIFICA SER SER HUMANO

#### 4 O sistema genital masculino

O sistema genital masculino é composto de órgãos externos (pênis e escroto) e por órgãos internos (testículos, ductos deferentes, glândulas seminais, glândula bulbouretral, vesícula seminal, próstata e uretra).  
A ilustração abaixo mostra o sistema genital masculino.



#### Orientações didáticas

O conjunto de nomes e estruturas pode ser inicialmente confuso para os estudantes. Por isso, sugerimos trabalhar o conteúdo com o auxílio da imagem da página anterior. Se achar necessário, solicite que os estudantes elaborem um pequeno texto que conte a formação e o deslocamento do esperma no sistema genital masculino como forma de sistematizar os assuntos trabalhados.

Figura 5 – Sistema genital (dito) masculino e exercício/atividade de reforço deste signo<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> Livro Inovar, de Sônia Lopes e Jorge Audino (2018, p.74 e 75).

**A dominação e produção do corpo** masculino está atrelada a uma **lógica de violência**, onde a dominação se dá na medida em que o mais violento (não apenas fisicamente) tem poder sobre o menos violento - estabelecendo a distinção dominante e dominado.

Essas violências se dão em diversos âmbitos, desde “violências masculinas domésticas aos estupros de guerra, passando pelas violências no trabalho”, e “tendem a preservar os poderes que se atribuem coletiva e individualmente aos homens às custas das mulheres” (WELZER-LANG, 2001, p. 461). Porém, Daniel Welzer-Lang (2001) nos alerta que essa relação de dominação não se dá apenas entre homens e mulheres, mas também entre homens. **O autor comenta que ao frequentar lugares monossexuados, os homens precisam se distinguir das mulheres, e, para isso, reforçam os mesmos processos de dominação entre homens e mulheres, mas desta vez entre homens e homens.** Nesses espaços se estabelece um risco, um perigo, “para ser um (verdadeiro) homem, eles devem combater os aspectos que poderiam fazê-los serem associados às mulheres” (WELZER-LANG, 2001, p. 462). Para denominar esses lugares e espaços, de dominação entre-homens, o autor propôs o uso de “casa dos homens”. As mulheres são proibidas desse espaço, e ali “os homens constroem a si mesmos e ao feminino (ali encarnado pelos mais novos) submetido por meio de violência ao masculino” (FREITAS, 2017). Uma pedagogia de dominação dos corpos é estabelecida nesses espaços e é transposta para fora do mesmo, estabelecendo a relação entre homens e mulheres, onde as mulheres são definidas nessa lógica sem sua participação (FREITAS, 2017).

A socialização masculina, portanto, atua como um sistema de violência e submissão dentre os próprios homens, trazendo, por vezes, intenso sofrimento na construção de suas identidades. Todavia, ela é ainda mais violenta em seu direcionamento às mulheres, definidas de antemão como seres que devem existir em situação de subjugação em relação aos homens (FREITAS, 2017).

## VIOLÊNCIA

Muito combina com virulência.

Condição enferma que acomete os homens. Doença que se propaga pelo contato, podendo ser: verbal; através de objetos; físico; social; visual; etc. O contágio pode ocorrer por contato de curto, médio ou longo prazo. Doença cumulativa: maior exposição gera aumento nos sintomas.

5

## HOMEM-MULHER

Binômio descabido.

Similar à atenção. Ao prestar atenção em algo, não estamos focando naquele objeto, mas sim excluindo todo o resto ao redor do mesmo. De igual maneira, ao classificarmos homem-mulher estamos evitando perceber todo o resto que existe para além desse binômio. Assim como a atenção fala mais sobre desatenção do que de si própria, o mesmo ocorre com o binômio homem-mulher.

6

OS BATUTINHAS

O QUE "A" FAZ EM "B", "B" FAZ EM "A"

INTRODUÇÃO À FÍSICA

DEVOLVE UM SOCÃO NELE!

VIOLÊNCIA LÚDICA

GAMES

DESIGUAL

CLUBE DO BOLINHA

# PLANO DE AULA

Série: Pré-escola	Disciplina: Machismo	Data: Ago/2020
Tópico: Ambientando-se	Aula nº 1	
<b>Foco e objetivos da aula:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>- Aprender técnicas de participação social ativa</li><li>- Desenvolver processos de socialização</li><li>- Aprimorar a capacidade abstrativa</li><li>- Desenvolver formas de poder e controle de outros corpos</li></ul>		
<b>Materiais necessários:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>- faixas para delimitar filas</li><li>- instrumentos opressores de comportamentos inadequados</li></ul>	<b>Objetivos de aprendizagem:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>- Aprender a diferença entre os corpos</li><li>- Não saber localizar-se nesse espectro</li><li>- Universalizar características alheias</li></ul>	
<b>Estrutura / Atividade:</b> <p>Atividade consistirá em dois momentos principais:</p> <p>1º - Participar de atividades sociais diversas. Durante essas atividades o educando deve estar atento para as técnicas utilizadas para oprimir e destituir de poder outros corpos; Durante a atividade o professor deve fazer uso da gramática correta, fazendo generalizações sempre no masculino; Deve separar os mesmos por sexo - 1 fila para meninos e outra para meninas; O professor deve estar atento ao uso adequado dos sanitários, onde será destinado um banheiro para meninos e outro para meninas.</p> <p>2º - Assistir desenhos e filmes, adequados para sua faixa etária, onde os personagens do gênero masculino: são fortes, protetores, brancos, e heróis; e do gênero feminino são frágeis, organizadas, carinhosas e indefesas. Após assistir tais materiais audiovisuais os educandos devem inventar histórias próprias e contar para os colegas.</p> <p>OBS: Professor deve estar atento para estimular a competição entre os mesmos.</p>		
<b>Avaliação (10 pontos):</b> <ul style="list-style-type: none"><li>- Atenção na atividade (2 pontos)</li><li>- Capacidade de comunicação violenta (3 pontos)</li><li>- Incapacidade de se perceber enquanto homem durante sua história (1 ponto)</li><li>- Agressividade com outros colegas (4 pontos)</li></ul>		

## J U S T I F I C A R

Justificamos o texto

(Ctrl+Shift+J)

Em busca de uma harmonia

Pedaço de página que agrimensura tudo

Onde cada canto é ocupado

Por cada pequena letra

Espichando o texto ou espremendo-o

Não deixando escapar as arestas da página

Justificamos o texto

Com argumentos,

Para livrar-nos das opiniões

Que com outras opiniões

Também são justificadas

Justificamos o texto

Se escrevo assim

É porque assim me parece melhor

Ou pior

Quem sabe?

Justificamos o texto

Com o pretexto

Desse texto

Atestar

Sua justificativa

Na descabida escrita

Que se justifica como desespero

\*\*\*\*\*

A cada momento e etapa da vida dos homens, algumas experiências vividas, individual ou coletivamente, tendem a produzir peças na casa dos homens. “Nessa casa dos homens, a cada idade da vida, a cada etapa de construção do masculino, em suma está relacionada uma peça, um quarto, um café ou um estádio” (WELZER-LANG, 2001, p. 462). Nesses espaços são realizadas comparações e experimentações entre os pequenos homens - como “competições de pintos, maratonas de punhetas (masturbação), brincar de quem mija (urina) o mais longe, excitações sexuais coletivas a partir de pornografia olhada em grupo, longe do olhar das mulheres e de outros homens mais velhos” (WELZER-LANG, 2001, p. 462). Diversos rituais e práticas compõem essa corporificação da identidade homem, como nas práticas esportivas que buscam o endurecimento do corpo, a violência na disputa, gestos e expressões que buscam a distinção do feminino: *Chutou como uma mulherzinha! Vai chorar?! Coisa de menina isso!* Esse sofrimento é uma das medidas utilizada pelas masculinidades (WELZER-LANG, 2001, p. 463), onde corpos que sucumbem ao sofrer, ou expressam o mesmo, são taxados de menos homens, e, se não fazem nada contra essas afirmações, podem ser excluídos destes espaços. Assim, se faz necessário o empreendimento de violência não apenas como forma de impor sua vontade sobre o outro, mas como forma de defesa também - em uma dupla via de reforço das violências masculinas. Para ser homem é preciso “ser diferente do outro, diferente da mulher” (WELZER-LANG, 2001, p. 463).

Habita também nesses meninos, futuros homens, o risco do abuso. Esse abuso se dá de forma a estabelecer uma relação de dominância dos homens<sup>10</sup> entre si, pois essa casa dos homens é frequentada por sujeitos de diversas idades (WELZER-LANG, 2001). Os mais velhos assumem o papel de mentores dos mais novos, que vão sendo iniciados nesses espaços, e, devem reproduzir tais comportamentos. “Alguns se nomeiam pedagogos, outros monitores de esporte, ou ainda padres, chefes de

---

<sup>10</sup> Também há o abuso com outros corpos, mas aqui pretende-se falar mais diretamente das peças das casa dos homens e sua relação na dominância entre seus pares.

escoteiros...” (WELZER-LANG, 2001, p. 463), por vezes fisicamente, em outras apenas enviando mensagens por intermediários, etc. (*ibid*, 2001).

Ainda na trilha de Welzer-Lang sobre os esportes, enquanto prática social de manutenção desses corpos-masculinos, vale lembrar que **esse esforço de diferenciação não está apenas ligado às mulheres, um contrato de gênero, mas também ao contrato heterossexual**. Gestos e expressões também recaem sobre corpos não heteronormativos, como: “Vai viado! Que frescura! Essa aí é sapatão.” e por aí segue. Segundo Welzer-Lang (2001), **a categorização psicológica do desejo sexual também contribuiu para impor nos homens a categoria “heterossexual” como natural. Assim, a sexualidade é naturalizada na figura do heterossexual**. “Assimilando a sexualidade, e seu bloco de jogos, de desejos, de prazeres da reprodução humana, o paradigma heterossexual se impôs como linha de conduta para os homens” (WELZER-LANG, 2001, p. 467). **O contrato heterossexual (BUTLER, 2003; PRECIADO, 2014) atua de forma a normatizar esses corpos e exigir a distinção entre os mesmos, acarretando na dominação de uns sobre outros**. “A **heterossexualidade** é o **modelo** de normalidade. Fora desse modelo temos patologias: um corpo mal tatuado pela natureza ou um ser que deseja mudar a tatuagem natural” (MÉLLO, 2012, p. 199). Aqueles que se negam a exercer essa divisão são impelidos o tempo todo a retornar a esse modelo de dominação, por conta de ofensas, homofobia, etc. (WELZER-LANG, 2001, p. 465). Em Butler (2003), assim como em Preciado (2014) percebemos que **“o sistema de sexo/gênero é uma escritura” (PRECIADO, 2014, p. 26)**. “A (hetero)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstruir através de operações constantes de **repetição** e de **recitação** dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais” (PRECIADO, 2014, p. 26). Discursos, gestos e **performatividades** que buscam a distinção do corpo-homem de outros corpos estão geralmente trajados do manto **do ódio**. Ofensas verbais, **violências** físicas, distinções no trabalho <salário e tarefas>, entre tantas outras que podemos observar atualmente, são práticas que tendem a reinscrever e

reinstruir (como nos fala Preciado) nossos corpos para esse modelo/contrato. Cuidado! Não apenas nas situações explícitas reside esse perigo, também precisamos estar atentos às nuances dessa dominação masculina.

Santos e Nardi (2014) vão reiterar o papel da violência entre os homens como forma de reforçar sua masculinidade. É apresentado em seu texto - cujo o enfoque é de homens envolvidos com criminalidade - que a maior parte do adoecimento e morte de homens jovens brasileiros está ligada a causas externas. Aqueles que não morrem nas ruas são submetidos ao cárcere - que lhes acarreta em uma morte social (SANTOS e NARDI, 2014, p. 932). Para sobreviver a esses espaços os homens são impelidos a “reiterar uma masculinidade que se fortalece a partir de relações conflituosas e hierárquicas” (*ibid*, 2014). Assim, **a violência se torna a principal moeda (e “idioma”) em suas relações**, como forma de disputa para sobreviver <entre matar e morrer>.



Violência

Quanto custa tua alegria?

Quanta violência cabe no desvio do olhar para com aqueles que nada tem para comer?

Quanto custa manter seus privilégios?

Quanta violência é preciso pagar para poder sorrir com os amigos? Para ser escolhido em um jogo?

Quanta violência?! Quanta violência...

7

Tanto os presos como os agentes penitenciários estão expostos a reiterarem os padrões heteronormativos de masculinidades como forma de sobrevivência perante as contingências locais da prisão. Qualquer sinal de fragilidade ou qualquer outro atributo que não cole ao regime de masculinidade imposto pode trazer graves consequências, como a humilhação ou mesmo a morte. **O masculino é, ao mesmo tempo, submissão ao modelo e obtenção de privilégios** (SANTOS e NARDI, 2014 p. 943 grifo meu).

Esse masculino que é um sistema de privilégios e submissão, como foi observado por Welzer-Lang (2001), também o é em Santos e Nardi (2014). “Pequeno, fraco, o menino é uma vítima marcada. **Protegido por seus colegas, ele pode agora fazer os outros**

**sofrerem o que ele ainda tem medo de sofrer**“ (WELZER-LANG, 2001, p. 464). Os homens em contexto de criminalidade fazem uma reinscrição, reinstrução - como nos diz Preciado (2014) - dessa condição. Sem seu **grupo**, facção, bonde, ou seja o que for, ele está sempre vulnerável. E entre os seus, é preciso sempre **reforçar seu lugar** para não ser excluído e sofrer as consequências da **perda de seus privilégios**. Isso é uma forma de reforço para a manutenção dessa violência (e privilégios) consigo mesmo e com os outros, como nos mostra Welzer-Lang (2001). “A solidariedade masculina intervém para evitar a dor de ser uma vítima; essa casa-dos-homens é o lugar de transmissão de valores positivos. Ter prazer juntos, descobrir o interesse do coletivo sobre o individual, são valores que fundam a solidariedade humana” (WELZER-LANG, 2001, p.465).

Um dos alertas que Santos e Nardi nos deixam é o de que a violência no masculino é uma produção social - assim como vimos em diversos outros autores e autoras, porém ela geralmente não é tomada como tal. Ao comentarem dos corpos no sistema prisional, os mesmos apontam para o uso da Medicina e Psicologia “[...]como forma de esquadrihar a perversidade, analisando e estabelecendo os níveis de periculosidade.” (SANTOS e NARDI, 2014, p. 936), e, ao invés de terem uma proposta mais relacionada a saúde desses sujeitos, essas disciplinas tendem a medicalizar e produzir os mesmos como extremamente violentos e necessários de intervenção direta sobre os mesmos para controlá-los. **O masculino é naturalizado, assim, a partir da lógica de dominação e agressividade** (SANTOS e NARDI, 2014), incorporando automaticamente nas masculinidades uma figura de violência. “Ou seja, o homem é réu antes mesmo de cometer o ato violento” (SANTOS E NARDI, 2014, p. 933). É como se houvesse uma imposição social dessa violência nas masculinidades, **naturalizando e reforçando a mesma - a partir de discursos da medicina, biologia e psicologia**. Assim como Freitas (2017), que a partir da frase de Simone de Beauvoir “não se nasce mulher, torna-se mulher”, questiona se “já nasceria o homem pronto?” (FREITAS, 2017), me pergunto: nós homens, já nascemos violentos? Segundo esses textos, não. Porém, como fazer para desacoplar essa violência do corpo-homem? E isso também me faz pensar: **que sociedades seriam possíveis se os homens não fossem violentos?**

Como falar de paternidades sem falar de masculinidades? Impossível. Assim como a masculinidade é uma construção social (BUTLER, 2003; PRECIADO, 2014; WELZER-LANG, 2001), a paternidade segue essa mesma trilha. É a partir das análises feministas que se colocam em evidência as construções hegemônicas de masculinidade e paternidade, permitindo que as mesmas passem a “[...]ser vistas sob outro prisma, como construções sociais” (HENNIGEN e GUARESCHI, 2002, p. 52).

\*\*\*\*\*

Quisera eu ainda ter pai, mas pai nunca deixei de ter. Mesmo seu corpo vaporizado, e os restos tragados pelo mar, algo de resiliência ainda lhe cabe. Às vezes parece que ele ainda está por aqui. Certa vez acordei sentindo o cheiro de fumaça de seu cigarro <Marlboro quando eu era piá, depois, Hollywood na minha adolescência>. Muito assistimos a Fórmula 1 aos domingos, e talvez por isso ele torcesse para a Ferrari, ou talvez por isso comprasse Marlboro. <Trabalho de piá: buscar cigarro no bar>. Alguns dias após sua morte percebi que não havia chorado. Nem uma gota. Não lembrava também quando havia lhe dito: eu te amo. Um aperto de mão, um cumprimento, o mais perto de contato que nossos corpos já tiveram. Nossos gestos de carinho e cuidado repousavam em nosso silêncio na presença um do outro. Bizarro amor encapuzado de divórcio. O velho se foi, e não chorei. Queria chorar, talvez para mostrar pro mundo - às escondidas para ninguém ver minha “fraqueza” - que o amava, amo. Tentei ver filmes tristes sozinho à noite, reviver memórias deitado na cama, e nada. Uma gota, era tudo o que pedia para meu corpo. Nada. Insistente, não podia desistir. E foi durante um banho que encontrei a esperança. Com a torneira aberta e a água a jorrar pelo corpo, afoguei minha cabeça sob as inúmeras gotas e tentei lembrar de detalhes nossos: olhares, incentivos, preocupações, vezes em que brigamos por ele estar preocupado. Talvez tenha chorado e minhas lágrimas se misturado às gotas que saíam do chuveiro. Até hoje não sei, e me emociono de lembrar, mas ainda assim, nem uma gota consigo derramar<sup>11</sup>.

\*\*\*\*\*

---

<sup>11</sup> Reviver sua própria história infantil e relação com genitores é parte constituinte da experiência de paternidade, ressignificando seu passado a fim de tornar-se/perceber-se pai (SILVA *et al.*, 2017).

Corpo represa  
rígido  
duro  
encerra água,  
fluido da vida  
água do amor,  
da dor.

Monolito da inoperância  
fugaz infância  
que de tanta cicatriz  
se tornou  
atriz<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Daniel Welzer-Lang cita que o sofrimento torna-se comum nas experiências masculinas e é forma de medir o quão “mais” homem se consegue ser, ou seja, o quanto consegue-se sofrer (WELZER-LANG, 2001, p. 463).

PATER NI-  
DADES

Munsberg e Rocha (2016), fazem uma análise sobre representações contemporâneas da paternidade em relação às suas modificações ao longo dos anos. Em seu texto intitulado *Masculinidades em foco: A (des)construção da paternidade a partir de crônicas de Rogério Pereira*, os autores usam crônicas de Rogério Pereira para relacionar as transformações da ideia de masculino e paternidade ao longo de duas gerações - dando a possibilidade de análise temporal dessas mudanças. As crônicas permitem a apresentação do cotidiano e experiências dos sujeitos em relação ao momento em que se escreve - ou seja, apresentam em geral o momento sócio-histórico-cultural e espacial ao qual estes sujeitos estão inseridos. Nas crônicas de Rogério Pereira, segundo os autores, o mesmo irá falar de duas gerações - uma enquanto ele é filho, e retrata a paternidade de seu pai, e, depois a sua própria paternidade - realçando as diferenças entre essas formas de paternar que se encontram em diferentes momentos históricos, sociais, culturais, políticos, etc.

Em um primeiro momento, Munsberg e Rocha (2016), baseados em outros/as autores/as, comentam que os **espaços públicos (trabalho, por exemplo) foram tomados enquanto espaços masculinos e os espaços privados (família, casa) foram tomados enquanto espaços femininos**. Sendo ainda que o corpo feminino foi tido enquanto corpo reprodutivo e mantenedor do cuidado com a criança - usando a lógica de que este corpo é biologicamente compatível com a gestação, e, portanto, com o cuidado da casa e das crianças. **Assim, forma-se uma estrutura social onde cabe ao masculino - paternidade - a tarefa de ocupar espaços públicos e ser o provedor; e ao feminino - maternidade - a tarefa de ocupar espaços privados e o cuidado para com a casa e crianças**. “É, portanto, a partir da divisão generificada do trabalho, que surge em torno da estrutura social primária - a família - toda a construção simbólica (...) idealizada de masculino e feminino” (MUNSBURG e ROCHA, 2016, p. 127). De igual maneira, Andrade (2015) ao falar sobre o feminismo marxista e seu papel em questionar a divisão sexual do trabalho também comenta das atividades masculinas estarem relacionadas à ocupação de espaços públicos enquanto o trabalho das mulheres restringe-se ao privado - sendo o trabalho dos homens remunerado (estabelecendo uma hierarquização de poder) e das mulheres não remunerado - que

por não gerar mais-valia é considerado menos importante (ANDRADE, 2015, p. 40-41). Essas implicações e **redes de poder que se estabelecem em torno do contexto** implicaram na **subjetivação do papel de cada gênero**, reforçando o modelo patriarcal e machista que compõem a sociedade.

No primeiro momento, **ao analisar os textos de Rodrigo Pereira, a descrição que é retirada sobre essa paternidade da primeira geração é de um homem “calado, rude e violento”** (MUNSBURG e ROCHA, 2016, p. 128). Vários são os relatos que os autores trazem no texto para contextualizar o alcoolismo, a violência física e psicológica como demonstração e reforço de poder do masculino. “Este homem é um bêbado, que bate na mulher e nos filhos ao menor sinal de desordem (a ordem aleatória imposta por ele) e que parece estar sempre pronto a executar alguma violência sem qualquer lógica a não ser a de fazer valer o seu poder de patriarca.” (MUNSBURG e ROCHA, 2016, p. 128). Esse pai tem o papel de provedor e está sempre distante do afeto e do cuidado com as crianças e da casa, sendo sempre relatada como uma tarefa da mãe. **Sua paternidade é validada a partir da violência, embriaguez, distanciamento da família e provimento da casa (financeiro).**

Em período histórico semelhante ao do conto - que retrata a primeira geração de pai e filho, **essa relação de poder baseada no gênero é contestada pelo movimento feminista, e a organização social é posta em xeque**. O lugar que as mulheres ocupavam - espaço privado, tarefas reprodutivas e de cuidado - é questionado e agora as mesmas passam a ocupar os espaços públicos - tornando-se força de trabalho (mais-valia). Vale lembrar que isso não coloca os homens na posição que antes era ocupada pelas mulheres, mas amplia os espaços que podem ser ocupados pelas mesmas. **Esse movimento amplia, de fato, as possibilidades de experiência do masculino também - mas ainda há o papel social do cuidado relacionado à maternidade - estas tendo agora duplo ou triplo turno de trabalho (casa e o emprego).**

Porém, toda essa nova organização social propicia novas formas de se ocuparem os papéis das tarefas domésticas e parentais, sem pôr em xeque as masculinidades. Essas mudanças também nos permitem perceber o gênero como algo que está intimamente relacionado ao contexto do qual falamos - ou seja, os corpos não possuem uma essência intrínseca que os torne masculinos ou femininos. **A genitália não impõe determinado gênero ao corpo, pois o gênero transcende a mesma (MUNSBURG e ROCHA, 2016).**

Assim, surge a segunda geração de pai e filho, onde o retrato é tido sempre dando realce a relação da paternidade (nos contos analisados por Munsberg e Rocha) - sem citar a maternidade envolvida nessa relação - e o pai aparece como a pessoa que está presente nas diferentes atividades do filho, como em partidas de futebol, nas tarefas de levar e buscar da escola, etc. Toda essa mudança organizacional e social produzida a partir do abalo nas estruturas causado pelos movimentos feministas, permite que novas paternidades se produzam de forma a sentirem-se validadas perante esse novo modelo contemporâneo que se apresenta.

Podemos perceber aqui que o **feminismo** tem papel crucial nas mudanças sociais atuais, **permitindo-nos pensar outras possibilidades de identidades de gênero** (MUNSBURG e ROCHA, 2016), bem como um compromisso em dar voz aos subjugados/as (ANDRADE, 2015). **Esse movimento**, ao causar um deslocamento das concepções previamente estabelecidas, **nos permitiu (e ainda permite) perceber aquilo que antes era tido como dado, que já estava estabelecido, e, portanto, naturalizado.** Porém, precisamos estar atentos de que o movimento feminista não é um grande aglomerado homogêneo. É um movimento que se construiu historicamente por mulheres inseridas em diferentes contextos (raça, classe, idade, nacionalidade, etc.) e que originou diversas vertentes ao longo dos anos. Por exemplo, o *Feminismo liberal* em geral estava vinculado a mulheres brancas, burguesas, heterossexuais; já o *Feminismo interseccional* busca considerar as diferenças que existem entre todas as mulheres - e não apenas de mulheres brancas, de determinada classe; o *Feminismo radical* acredita que o gênero é construído socialmente, e a

sociedade se faz opressora com as mulheres por estar alicerçada no patriarcado - assim, é preciso uma revolução nas estruturas sociais para acabar com o patriarcado; o *Feminismo negro* surge a partir de uma demanda não (ou pouco) acolhida pelas outras causas. Além de toda opressão que o corpo feminino sofre, o racismo traz consigo outras opressões não apenas relativas às questões do gênero<sup>13</sup>. O *feminismo marxista e/ou socialista* se preocupa com a divisão sexual do trabalho e também a construção do conhecimento em determinado momento histórico como reforço das diferenças entre homens e mulheres.

Essas questões quanto ao feminismo e as transformações sociais e de trabalho ficam evidentes também no texto *Para abaixo da linha do equador: o standpoint e as produções feministas acadêmicas do terceiro mundo* de Darlane de Andrade (2015). A autora aborda o papel do feminismo na ciência, cujo disparador para sua escrita são e-mails trocados com um amigo canadense. Nestes, ela comenta que seu amigo sempre se referia a ela como alguém que vive **abaixo da linha do equador**. Desta forma, **o equador (uma linha imaginária) torna-se a divisão entre aqueles que estão abaixo e acima da mesma, legitimando poder para os habitantes "acima" da linha em detrimento de nós (habitantes abaixo desta)**. A produção de conhecimento é posta em uma relação direta entre colonizadores e colonizados, onde quem **pode** produzir o conhecimento (inclusive feminista) está acima da linha do equador, legitimando essa divisão global (agora, não tão imaginária), em detrimento de nós, meros mortais que habitamos o sul global - as "melhores produções acadêmicas" devem estar em inglês, publicados em revistas estrangeiras, com métodos estrangeiros, etc. Para a autora,

[...] a trajetória do feminismo enquanto movimento social e como ciência é a história do processo de dar voz aos/às subjugados/as que ficaram silenciados/as ao longo dos tempos, porque o poder de participação na sociedade e de construção do conhecimento

---

<sup>13</sup> Vertentes dos feminismo baseadas no site Hipermídia - Feminismo e suas vertentes, por MOREIRA, NUNES e ROCHO (2019); e na Revista AzMina - Radical, liberal, interseccional... Conheça as principais vertentes do feminismo, por REIF (2019).

estava, em grande medida, nas mãos dos homens - brancos, burgueses, adultos, cristãos, de países desenvolvidos/do norte global (ANDRADE, 2015, p.37).

Aqui é importante percebermos **a importância do movimento feminista não somente para as mulheres, mas para os/as subjugados/as**. As mulheres ocupavam espaços coadjuvantes nos meios científicos (de modo geral), pois eram **marginalizadas** propositalmente pelos homens. Em alguns casos, como comenta Andrade (2015), elas utilizavam codinomes masculinos para terem voz. De igual maneira, a autora faz um apanhado histórico citando o início do movimento feminista por volta do século XIX e século XX - com origem em mulheres burguesas europeias, e com grande impulso pelos anos 1960. Com a expansão do movimento feminista vão surgindo as diferentes vertentes supracitadas, de forma a tentar acolher a diversidade que existe entre as mulheres. **Por conta das metodologias positivistas, que buscavam uma neutralidade e objetividade nas pesquisas, a ciência seguia sendo considerada algo do masculino - também agregando a ideia de que o homem (branco) é o sujeito universal, neutro, capaz de julgar, etc.**

## NATURALIZAÇÃO

Repetir...  
Como as ondas do mar, repetir  
Erodir e repetir  
Repetir e desgastar  
Repetir para não pensar  
Repetir, erodir...  
a ideia, a crítica, a vontade...

7

**O movimento feminista é fundamental para romper com essa ideia**, dando uma nova forma de se fazer pesquisa e problematizar o mundo que conhecemos - nos permitindo ver a cultura, história, política e sociedade sob outro prisma. Isso **é fundamental para romper com a inércia patriarcal que a sociedade vivia**, onde valores, signos, gestos, enfim, uma gama de fatores eram passadas de pai para filho - reforçando um modelo androcêntrico e heterocentrado. É isso que observamos nas crônicas de Rogério Pereira, onde Munsberg e Rocha (2016) citam uma transição geracional que coincide

com essa expansão do movimento feminista. No meio científico, o feminismo marxista ou socialista veio com muita força, por debater questões de classe e opressões do feminino em relação à mais-valia. A visão unilateral que existia, agora precisa se adequar a outras perspectivas, outras formas de se perceber a ciência, onde as percepções afetivas, sociais e culturais farão parte deste meio (ANDRADE, 2015, p. 42).

Enfim, **antes as mulheres eram impedidas de ocupar espaços públicos, estes sendo considerados um espaço masculino**. Assim, os gêneros (masculino e feminino) eram relacionados ao: provimento (força de trabalho/mais-valia) e ocupação de locais públicos pelo masculino; e cuidado da família (força reprodutiva) e da casa (ocupação de local privado), pelo feminino. **Isso se daria por conta das diferentes redes de poder que representavam a mulher e o homem nesses papéis por meio de processos de subjetivações, política, cultura, educação (pedagogias até hoje observadas - inclusive em alguns meios religiosos)**.

Desta forma, **percebe-se agora que a masculinidade <assim como a feminilidade> não é uma essência imutável**, fixa, que sempre foi e será assim - **eles são produzidos de acordo com o momento sócio-histórico e espacial em que se encontram (MUNSBERG e ROCHA, 2016)**. Toma-se assim a **masculinidade (e a paternidade) como processos de subjetivação** passados de geração a geração - porém, estes sempre em relação para com o mundo, ou seja, podendo ser problematizado e liquefeitos a partir de outras perspectivas (como a feminista). Então, Munsberg e Rocha (2016) dizem que “[...]o gênero não pode ser visto como essencialista ou normativo, uma vez que varia de contexto em contexto e, assim sendo, não parece ter algo intrínseco ao sujeito que o faça “feminino” ou “masculino” nos moldes normativos que conhecemos” (ibid, p. 133). Assim, **novas possibilidades se dão na medida em que o ambiente e os organismos modificam-se**.

Mas precisamos estar atentos aos processos de subjetivação que designam modos de pensar os diferentes corpos. Por exemplo, como já vimos com Lionço e Diniz (2008), somos **escolarizados a associar gênero e genitália** - um discurso muito comum nos livros de biologia e ciências da Educação Básica. No filme *Kindergarten Cop*<sup>14</sup> temos uma cena em que uma criança fala o seguinte: “*Boys have a penis, girls have a vagina*” - Meninos têm pênis, meninas tem vagina <tradução>. Podemos dizer que esse filme atingiu um grande número de pessoas ao longo dos anos, inclusive com recortes específicos dessa frase tida <por alguns> como célebre<sup>15</sup> e de grande quantidade de acessos<sup>16</sup>. Essas e algumas outras <várias> formas de poder que objetificam e naturalizam gêneros em corpos usam de recursos diversos, como mídias, literatura, discursos, rituais, propagandas, etc., como processos de subjetivação do que concerne ao masculino e/ou ao feminino - e por conseguinte, quais são as funções/responsabilidades da paternidade e da maternidade.

\*\*\*\*\*

---

<sup>14</sup> A tradução do filme é *Um Tira no Jardim de Infância*, dirigido por Ivan Reitman (1990).

<sup>15</sup> Ao exemplo do Deputado Federal Eduardo Bolsonaro em seu perfil em uma rede social: <<https://www.facebook.com/watch/?v=837390006453625>>. Acesso em: 01 out. 2020.

<sup>16</sup> Mais de 500 mil acessos em uma plataforma de vídeos, com esse recorte em específico. <<https://youtu.be/T3wvxHiorJ4>> Acesso em 01 out. 2020.

Não lembro bem que dia era ou o mês, setembro talvez, mas estávamos em 2015. Eu e M. (minha companheira) morávamos com meus pais - recém havia terminado a graduação, assim como ela. A M. tinha ido ao banheiro do segundo andar, e, ao sair, me chamou. Fui lá pensando: “*deve ter faltado papel higiênico!*”. Quando cheguei pelo corredor na porta do banheiro ela estava com a porta aberta e um palito na mão, e disse: “*Tô grávida*” - de voz profunda, direta e reta (como ela sabe fazer muito bem). Na verdade ainda não sei se era com um “ar” mais de preocupação ou o quê, só sei que não lembro muito bem minha reação<sup>17</sup>. Acho que foi algo do tipo uma exclamação posterior a um silêncio de alguns (bons) segundos: “... *Bah! Que coisa boa! E tu soube como?! Ou tu acha?*” - durante a pausa pensei em pelo menos uma dezena de coisas, mas me agarrei em algo do tipo: vamos pegar juntos essa bronca! Ela me deu um olhar mortal e debochado que ela sabe fazer, muito bem por sinal, e só me acenou com o teste na mão: “*tá cego, ô pau no cú?*”. Na verdade não sei se foi bem isso que ela disse, mas não tenho dúvidas de que tenha pensado assim.

\*\*\*\*\*

---

<sup>17</sup> A produção do homem, corpo-homem, se dá a partir de diversas vivências que esses sujeitos experimentam e se submetem. “Nesses grupos monossexuados se incorporam gestos, movimentos, reações masculinas, todo o capital de atitudes que contribuirão para se tornar um homem” cita Welzer-Lang (2001, p. 463) ao falar como se aprende a ser homem. Não reagir é uma reação possível dos homens, pois demonstrar “emoções” pode ser visto como algo da mulher. Assim, não reagir parece configurar uma reação desse corpo-homem, bem como não chorar, etc.

Obviamente estava cagado nas calças, mas quem não estaria<sup>18</sup>? Hoje penso que a M. talvez estivesse mais assustada que eu, mas naquela hora tentei agir de forma a apoiá-la - o que talvez não fosse exatamente a melhor alternativa. Aquela gravidez não era só dela, era nossa. Quando pensei em apoiá-la, estava reproduzindo um comportamento masculinista e “empurrando” para ela toda a tarefa de preocupação e cuidado com aquela gravidez. Que insensatez!

Bueno, depois de nosso encontro à porta do banheiro, acompanhados da A. (do tamanho de um caroço), nos questionamos: a quem contar primeiro? Os pais dela ou os meus? Haveria alguma injustiça em contar primeira para algum deles? A M. sempre foi de decisões certas e resolução rápida do problema, já eu sou muito “enrolão”. Então descemos as escadas e ela já falou para meus pais. Minha mãe ficou num misto de choque e alegria, já meu pai deve ter freado as cuecas - apesar de tentar mostrar uma carranca de preocupação conosco. Logo ligamos para os pais dela e contamos a notícia. Eles prontamente vieram à casa dos meus pais nos abraçar e saudar pela gravidez. Confesso que era algo muito estranho para mim, mas muito reconfortante de saber do apoio que estávamos tendo. Logo na chegada dos pais da M. o meu pai largou uma assim para minha sogra: “*E agora? O que vai ser deles?*”. A mãe da M. sempre foi muito “good vibes”, e não lembro direito a resposta, mas com certeza era algo nesse estilo de pegar junto.

Eu estava desempregado, recém formado. A M. havia se formado no começo do ano, e estava atendendo em uma academia como autônoma. A realidade ia aos poucos sendo mastigada e, a cada deglutida que eu dava nela, maior era a preocupação que carregava consigo. De alguma forma precisaríamos “fazer uns pilas”, mas como?! Aqueles que me conhecem sabem que sempre

---

<sup>18</sup> Quem tem o privilégio de “estar cagado nas calças”? Quem **pode** ter medo e usar este como desculpa para afastar-se das obrigações quanto ao cuidado/responsabilidade da criança? Uma mesma expressão pode apresentar diferentes significados simbólicos para homens e mulheres. Segundo Welzer-Lang, “[...] essa cosmogonia baseada sobre o gênero, mantém-se e é regulada por violências [...]”, violências as quais “[...] tendem a preservar os poderes que se atribuem coletivamente e individualmente os homens às custas das mulheres” (WELZER-LANG, 2001, p. 461).

tive uma “rixa” muito grande com o capitalismo, e com o dinheiro. Lógico, com todos os privilégios que sempre tive, nunca foi um problema de fato a questão financeira. Nunca passei uma dificuldade, de fato, por conta do dinheiro (daí é fácil ser *punk*, né?). Porém, naquele momento muitas das minhas verdades, e não apenas financeira, começavam a cair por terra. Me agarrei no que conhecia de mais próximo, todos discursos que a vida inteira escutei desde a adolescência: “*Quando tiver filho, vai ter que trabalhar pra sustentar! Daí não tem escolher emprego. Aproveita agora...*”; “*Tu que vai ter que sustentar a criança, te prepara*”<sup>19</sup>. Evidentemente tive um corpo-homem produzido, heteronormativo, etc. Além de toda propaganda midiática, estética e política (da maneira mais ampla que se pode imaginar) que já influenciava meu corpo, o discurso em casa não escapava desse modelo. Eu tentava manter a calma e pensar em soluções à medida em que os dias passavam. Fazer cerveja? Dar aula? Telemarketing? Largar currículo?! E, no fim, não fazia nada.

\*\*\*\*\*

Quando começa a nossa **paternidade**? Pelo começo (que já é meio)? Pelo meio, então? Não é possível pensar a paternidade enquanto algo com começo, meio e fim, é? **Sempre é meio** do caminho. Pensando que, nesse caso, ela já poderia estar acontecendo mesmo quando uma criança nasce <falo de uma criança que no futuro poderá ser pai>, ainda poderia dizer que é meio, afinal, ela é uma construção prévia <e futura> ao nascimento, então ela já estaria pairando sobre esses corpos. Mas tudo isso pode ser considerado sem nenhum sentido e que estou extrapolando demais, para além da compreensão e do que é possível escrever <**extrapolando, novamente, que conseguimos compreender algo de fato**>.

---

<sup>19</sup> O papel de provedor constitui um poder simbólico de dominação do homem sobre outros corpos. A construção do masculino se dá de forma a distinguir os homens das mulheres (Welzer-Lang, 2001), e tornar-se o provedor é produzir uma nova peça na casa-dos-homens.

Retomo a paternidade, que começa pelo **meio**. Como biólogo não poderia deixar escapar essa, e, vamos falar um pouco de meio. Para a biologia, em especial a ecologia, se fala muito sobre o meio: meio ambiente. Segundo o *Dicionário de termos técnicos usados em Ecologia* (LIMA, FILHO e ARAÚJO, 2016), temos “**Meio ambiente**: conjunto dos agentes físicos, químicos, biológicos e dos fatores sociais susceptíveis de exercerem um efeito direto ou mesmo indireto, imediato ou a longo prazo, sobre todos os seres vivos, inclusive o homem”. Não vou comentar sobre o uso absurdo do termo “homem” como uma generalização da humanidade - remetendo a tudo o que foi dito anteriormente sobre o masculino como opressor, violento, etc (ops, já comentei). Mas dando enfoque a questão do meio, **em ecologia o meio faz referência ao ambiente: tudo aquilo que é externo ao organismo (seja ele o que for). Nós somos o meio, e, também parte do meio.** A luz do sol é parte do meio, assim como o calor do ambiente, as rochas, o vento, o canto dos pássaros, uma frase que escutamos na rua, as mudanças climáticas, etc. **Se assim for, podemos dizer que nossos<sup>20</sup> filhos são parte do meio - parte dessa paternidade que é sempre meio, não?**

Esquecido na prateleira aqui de casa encontrei um livro que ganhei de um amigo há muitos anos atrás (mais de dez anos) e o usei apenas duas ou três vezes. Como é a vida, não? Enfim, agora o resgato para falar do meio: *Dicionário etimológico e circunstanciado de Biologia* (SOARES, 1993). “**MEIO**. (Do lat. *mediu*). Lugar onde se vive, com suas características e condicionamentos geofísicos” (SOARES, 1993, p.276). **De fato, a paternidade é um lugar onde se vive.** E vale ressaltar que paternidade não é tudo igual <logicamente alguns clichês existem>, então **a paternidade, assim como o meio, podem variar.** Ainda consta, neste livro, várias formas de referência ao meio, como meio de cultura: “material artificialmente preparado e mantido em recipiente especial para nele se promover a reprodução de determinada cepa de microorganismos” (ibidem, 1993, p.276). Pode parecer estranho, mas não consigo deixar de pensar no texto de Hennigen e Guareschi (2002) onde falam sobre **mídia, cultura,**

---

<sup>20</sup> Falo em nossos por ser pai. Porém, vale lembrar que qualquer filho(a) da humanidade deveria (no meu entender) ser tratado como filho(a) de todos(as). Várias espécies usam essa estratégia para ter maior “sucesso” (péssima palavra) com sua prole (outra péssima palavra). Porém, essa é outra discussão.

subjetivação e paternidade. Penso na **mídia como o meio de cultura** para algumas <várias> paternidades. **As cepas <nós, pais bactérias, ou até amebas> nos nutrimos desse meio: gestos, performances, discursos.** Após conseguirmos esses recursos **<nutridos dessas forças de subjetivação>**, estamos prontos para a fase reprodutiva: **reproduzi-los.** O pai/homem provedor. Aquele que não sabe trocar fralda de crianças, algo que é tratado como divertido, até engraçado e fofo <ajudando-o a se esquivar dessa responsabilidade>. **Paternidade ao meio, pela metade, distante, ausente.** O pai bobalhão, que pode falar bobagem e sempre “desvirtua” a criança - mas tudo bem, ele é pai (ironia). **Os exemplos são vários, e os meios <de cultura<sup>21</sup>> também.**

Há uma descrição no dicionário DICIO<sup>22</sup>, que me chama a atenção: “O que tende a ser possível; possibilidade: não há meio de obter isso!”. **O que tende a ser possível... Me parece que isso fala sobre algumas paternidades,** não aquelas que estão atreladas à falta ou desleixo, mas daqueles **casos em que há um esforço para aumentar sua presença, seu cuidado, e que podem acabar em alguma frustração - não dei conta do que deveria; não estive presente tempo suficiente, que acreditava ser o ideal.** Nem sempre conseguimos fazer tudo o que gostaríamos, investir maior tempo com seus/suas filhos/as, dar mais atenção, estar presente. Eu mesmo, neste momento, estou sentado em frente ao computador enquanto minha filha está na sala. Poderia estar com ela, investindo meus finitos dias com a mesma, construindo novas relações, jogando, correndo - mas não, estou aqui escrevendo. **Fazendo o que é possível nesse momento.**

\*\*\*\*\*

---

<sup>21</sup> Culturais, sociais ou biológicos.

<sup>22</sup> MEIO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/meio/>. Acesso em: 12 set. 2020.

Segundo Hennigen e Guareschi (2002), é sempre interessante relembrar alguns processos na produção dessa identidade-pai. Como já foi dito, o corpo-homem é uma produção. E a paternidade? Tais autoras, em seu texto *A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos estudos culturais*, falam da paternidade como “[...]uma construção que deve ser compreendida face ao contexto sócio-cultural de um tempo” (HENNIGEN e GUARESCHI, 2002, p.54). Ao falarem sobre **a mídia**, comentam sobre seu **papel pedagógico - e de privilégio** - para fazer circular discursos e, assim, modular e produzir identidades. Sugiro que assistam de forma atenta a alguns comerciais (preferencialmente nos canais de TV aberta) - em diferentes horários do dia e percebam como vão se alternando os tipos de propagandas (durante jogos de futebol, novelas, jornais, etc.) de acordo com a programação. Atentem-se a qual meio de cultura (nutrientes/informações) a mídia deseja que o público consuma - de acordo com o estilo da programa (e nem vou comentar dos horários) e a propaganda que intersecciona o mesmo. Vale lembrar que **em tempos de isolamento social uma parcela dessas paternidades não estão se nutrindo apenas dos meios de cultura da televisão, mas também de mídias sociais**. Toda essa **pedagogia** tende a legitimar ou não alguns discursos e práticas - **nos ensinando “a melhor forma de ser pai”**, ou pelo menos o *modus operandi* paternal<sup>23</sup>.

Esses discursos e práticas buscam aproximar formas de pensar parecidas. Tendem a naturalizar alguns comportamentos. Por exemplo, quais são os perfis que sigo, ou sou amigo, nas redes sociais? Quais tipos de programas ou filmes costumo assistir? Todas essas **tendências são modos de reafirmar o que eu acredito**, ou ideias que **“comprei”** num lugar ou em outro. **É o mercado dos afetos, das sensações, dos desejos**... Por vezes, até um “kit violência” pode ser adquirido - como durante uma partida de futebol e seus comerciais - ou algum vídeo viral que circula por alguma rede social, até mesmo um *meme*. De igual maneira instalamos nossos mercados de pulgas nas escolas. Como já vimos, os livros didáticos carecem de uma atualização adequada de

---

<sup>23</sup> Aqui o enfoque está na paternidade, mas essa pedagogia midiática extrapola a paternidade e nos produz subjetividade sobre todo um modo de viver, vestir, portar-se, etc.

seus saberes, e, vendemos produtos obsoletos para as crianças brasileiras. Não falo de bens físicos, mas, da venda do conhecimento que os professores realizam todos os dias. Se você não “cativar” seu cliente, ele não irá “comprar” aquele conhecimento. **O problema é o que estamos vendendo, esses saberes do corpo heteronormativo, de “órgãos reprodutivos”**. Nos faltam produtos nas prateleiras. Vendemos apenas produtos velhos, obsoletos. Carecemos de prateleiras com produtos que discutam gênero, machismo, patriarcado, corpos como corpos (e não já confinados em uma “caixinha” pré-determinada). Prateleiras essas que me refiro aos pequenos quadrados da tabela da BNCC. Enfim, a escola também é uma espécie de mercado, porém, nos faltam produtos mais adequados.

As autoras, Hennigen e Guareschi (2002), ao falarem sobre os comerciais analisados, citam o uso de **humor como estratégia** para romper com os padrões geralmente retratados pela paternidade “clássica” (homem, branco, **heteronormativo**, de classe social privilegiada, etc.). Fazendo com que geralmente estes (que escapam ao dito normal) apareçam como pai pastelão. Além disso, **a paternidade quando aparece vinculada ao cuidado de si, está relacionada ao cuidado de animais de estimação** (pois cuidar de criança é retratado como papel da mãe). **Os pais que falham, que são desajeitados e expõem suas filhas e filhos, com frequência são tidos como pais bobalhões, divertidos, etc.** *Está tudo bem ele ser assim, não precisa se preocupar em ter mais cuidado, estar mais atento às crianças, etc.* **Ele é assim mesmo (ironia)**. Lembrando ainda algo que já ouvi de minha companheira: “*Ai! Não, né?! Às vezes parece que tenho dois filhos!*”.

Há outro alerta no texto dessas autoras: mesmo no caso das paternidades que dividem tarefas domésticas e o cuidado da(s) criança(s), talvez isso seja possível apenas para uma pequena parcela desses pais, pois **tais modos de agir não colocam em risco o status masculino dos mesmos**. O que quero dizer é que para alguns grupos de homens - tenho a impressão - ser participativo, se responsabilizar, enfim, estar mais alinhado com uma paternidade presente e carinhosa, não é algo que irá diminuir a

masculinidade destes (aquela masculinidade viril, afastada, violenta, etc.), **pelo contrário, nessa “bolha” de pais isso irá lhes trazer benefícios arraigados na imagem de grande homens**, dos homens dominadores que são exemplo para outros nesta casa dos homens. **De igual maneira estes participam da casa dos homens, mas ao invés de se destacar pela força, violência, o destaque vem com o cuidado, participação - também concedendo benefícios e uma certa dominação sobre os outros homens dessa casa.** O que me faz perguntar: quais riscos envolve a paternidade para mim? Me sinto ameaçado ao dividir as tarefas de casa e o cuidado da nossa filha com minha companheira? Ou é apenas algo que pode ser utilizado para reforçar minha dominância masculina de homem intelectual, cuidadoso, afetivo, etc.? Quero dizer, entre os meus pares (amigos, homens brancos) a paternidade é tomada como diferente de outros grupos de homens, e talvez para a nossa "casa dos homens" o reforço dessa dominância esteja justamente atrelado à algumas práticas que não são as mesmas de outros grupos - como o cuidado, responsabilidade, limpeza da casa, etc. Então, será que minha masculinidade/paternidade está em risco?

\*\*\*\*\*

**Paternidade é invenção. Invenção de si, e de mundos também.** Paternar talvez esteja atrelado a juntar partes de coisas, pequenas peças soltas pela casa, objetos, gestos, afetos, coisas que não imaginávamos se relacionarem, e conectá-los, dando um outro sentido para as experiências que vivenciamos. Uma **gambiarra, que é pai também.**

Esse paternar me remete a seguinte cena: a filha dormiu, e, chegou o fatídico momento de juntar as peças do quebra-cabeça que estão espalhadas pela sala: é preciso recolher todas aquelas pequenas peças em uma caixa - que às vezes já está aos “trapos”. Cada peça recolhida é como se recolhesse as **pequenas experiências** do dia, que estão também **espalhadas pela casa**: um sorriso, o cansaço, aquele abraço gostoso (que apesar do corpo se afastar, parece deixar uma maca, ainda pode-se sentir o outro

corpo minutos depois), enfim, todos esses **atravessamentos** são recolhidos e crochetedos, fazendo da gambiarra verbo<sup>24</sup>, nesse corpo <caixa> pai.

Atualmente vivemos um período de isolamento social. Essa mudança na forma de se relacionar com o mundo e consigo mesmo gerou uma ruptura em vários aspectos da vida que conhecíamos. Os abraços foram proibidos; paira um medo dos corpos se tocarem; as antigas visitas agora são encontros virtuais, em alguma peça da própria casa; o tempo de trabalho disputa espaço com a paternidade e com a/o companheira/o; o descanso se mistura com as obrigações; o corpo parece saturado daqueles outros que antes desejava estar o mais próximo possível. É tomando a paternidade <assim como o masculino> como algo produzido nos corpos e a rachadura que se produz durante o isolamento social que essa pesquisa questiona: Como problematizar a paternidade durante o período de isolamento social? O que reverbera nesses corpos isolados? Como produzir tensionamentos nessas paternidades que geralmente não ocorrem?

\*\*\*\*\*

---

<sup>24</sup> Ação; conexão - assim como o verbo conecta palavras, a gambiarra conecta linhas. Como um buraco de minhoca.

Estamos em **31 de dezembro de 2019**. **Um alerta é enviado para a OMS** comentando diversos casos de pneumonia ocorrendo na cidade de Wuhan, na República Popular da China. **Ao que parece, uma nova cepa de coronavírus**. No dia **09 de janeiro de 2020** vem **a confirmação** de se tratar de um tipo de coronavírus humano - segundo a Fiocruz, os coronavírus humanos são conhecidos desde a década de 1960<sup>25</sup>. Esses vírus são relacionados com **síndromes respiratórias**, e, o novo tipo de coronavírus não foi diferente. O governo chinês em conjunto com a OMS (Organização Mundial da Saúde) acompanham os casos de infecção e começam a tomar medidas para controlar a propagação da doença junto com governos locais. Em **13 de janeiro** a Tailândia anuncia a descoberta de um caso importado desse novo coronavírus, seguida pelo Japão (no dia 16 de janeiro). **O tempo vai passando**, e, apesar da divulgação da doença pela mídia e dos **pedidos de maior cuidado** com a transmissão da doença pela OMS, **pouco caso se fez em vários países**. **Poucas medidas de controle e diagnóstico foram adotadas**, dando possibilidade do aumento do número de casos. **30 de janeiro de 2020**: a OMS anuncia que a nova doença constitui uma **Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional**. No dia **06 de fevereiro** o governo brasileiro publica a Lei N° 13.979<sup>26</sup>, que determina medidas para o enfrentamento da doença. Em **11 de fevereiro** a **OMS anuncia o nome COVID-19** para se referir a essa cepa de coronavírus<sup>27</sup>.

Estamos em **março de 2020** agora, e os números de **casos diários relativos à COVID-19 começam a aumentar** rapidamente em caráter global. Em **11 de março** a doença é **caracterizada como pandemia**. Novas medidas legais vão sendo tomadas pelo governo

---

<sup>25</sup> Palma, A. (2015).

<sup>26</sup> BRASIL (2020).

<sup>27</sup> WORLD HEALTH ORGANIZATION (2020).

brasileiro (juntamente com os governos estaduais e municipais). Alguns estados se preparam para a grande onda de casos que estão por vir, juntamente com negacionistas que dizem não ser necessário tanto alvoroço por conta da doença. **A vida ainda seguia como se fossem apenas notícias da mídia**, sem paralisação das rotinas de trabalho, das aulas, e qualquer outra medida de afastamento social necessárias para controlar a doença. Alguns países já atingiam altos números de casos diários e percebiam o custo em vidas que isso acarretaria. Nós, por outro lado, estávamos com a atenção voltada para as emendas parlamentares, gastos de verba pública, manifestações em apoio do presidente e aglomerações deste com seus pares (apesar das recomendações da OMS). Porém, **com o tempo o Brasil decide fechar suas fronteiras e alguns governos estaduais paralisam diversas as atividades presenciais** - como o fechamento de comércios, escolas, etc. **Apesar das medidas, uma grande parcela da população não poderia parar de trabalhar** - pois não teria verba para seu sustento, enquanto outra ainda seria “obrigada” a seguir trabalhando de forma presencial. **Poucos são privilegiados com a possibilidade de seguir trabalhando em casa**. Inicia-se o fenômeno das lives, que explodem em grande número e com os mais variados assuntos. Os corpos ciborgues nunca estiveram tão animados e muitos “caem de cabeça” no mundo virtual (aqueles que tinham essa possibilidade).

**Os meses vão passando** e junto a isso surgem diversos pronunciamentos do governo brasileiro, em especial o presidente, sobre a doença: **“gripezinha”, “superdimensionado”, “vamos todos morrer um dia, e daí?”**, e algumas outras<sup>28</sup>. Apesar disso, a **rotina e vida dos pandêmicos** é completamente **alterada**. Os horários de sair e voltar para casa (para aqueles que ainda precisam fazer suas tarefas na rua), **os hábitos sociais, os encontros, as finanças, os afetos, e tantas outras coisas são ajustadas para uma espécie de “modo sobrevivência” em meio a crise**. Os **abraços e beijos ficam proibidos**; deve-se cobrir a maior parte possível do corpo; após qualquer “escape” na rua deve-se tomar banho<sup>29</sup>. As **rotinas de várias famílias se alteram junto a isso, girando principalmente em**

---

<sup>28</sup> BBC NEWS BRASIL (2020).

<sup>29</sup> Numa espécie de higienização não apenas do corpo, mas quase que uma higienização dos afetos para com o espaço externo a sua casa.

**torno da questão sobre o fechamento das escolas** e o acesso às atividades remotas (escolares e/ou de trabalho). A convivência obrigatória (para os *quarenteners*<sup>30</sup>) consigo mesmo ou com outros membros da família reorganiza as formas de se relacionarem com a casa e entre si. Assim, **as paternidades<sup>31</sup> que estão <ou não> em isolamento precisam se ajustar e se reinventar** - a partir dessa ruptura ocasionada pelo momento, numa espécie de “rearranjo” tátil<sup>32</sup> de/com seu corpo.

Junto a isso, para lidar com as informações publicadas pelos governos (federal, estadual e municipal), que por algum tempo tiveram conflitos nos dados referente ao número de casos e óbitos da doença, cria-se um consórcio de veículos de comunicação: G1, O Globo, Extra, Estadão, Folha e UOL; na tentativa de ter maior transparência sobre os reais números desta no Brasil.

Dia **03 de outubro de 2020**, segundo a OMS o Brasil tem 4.847.092 casos (sim, quase cinco milhões) diagnosticados <lembrando sempre da subnotificação pois não foram aplicados testes em massa>; e **144.680 óbitos<sup>33</sup>**. Segundo o consórcio de veículos de imprensa, temos 4.888.926 casos diagnosticados e 145.555 óbitos<sup>34</sup>.

Aos poucos o **governo foi se obrigando a ceder** em alguns aspectos, e, **apesar de seguir com uma política negacionista** em relação à diversas dificuldades que foram e seguem se apresentando. Primeiro foi a queda de braços para iniciar a vacinação, com uma infinidade de *fake news* divulgadas na tentativa de invalidar a capacidade das vacinas. Depois, **Mandetta não consegue criar um plano integrado para combater a doença no país**. Junto a isso, um desgaste em relação ao presidente que seguia arduamente

---

<sup>30</sup> Expressão adotada nas redes sociais para definir que se está em isolamento social.

<sup>31</sup> Apesar de citar apenas paternidades, é importante lembrar que a maternidade também foi e é muito afetada pelo contexto da pandemia.

<sup>32</sup> Como se estivessem precisando reaprender a se organizar no ambiente ao seu redor - e reaprender sobre si também.

<sup>33</sup> WORLD HEALTH ORGANIZATION (2020a).

<sup>34</sup> G1 (2020). É importante lembrar que a pandemia segue, e quando você ler esse trecho os números serão outros, assim como as medidas adotadas para controle (ou propagação) da doença.

tentando minimizar uma pandemia. Instaura-se uma **crise na rede pública hospitalar** com o aumento de casos e o descaso do governo frente à isso. Janeiro de 2021, **Manaus sofre um colapso** e **pacientes morrem por asfixia à espera de atendimento**. Familiares correm pelas ruas da cidade em busca de esperança em forma de suspiro. A Anvisa aprova o uso emergencial da vacina. Uma esperança emerge até mesmo para os incrédulos. **São Paulo não espera e vacina a primeira pessoa no Brasil**, **Mônica Calazans**.

Mudanças ocorrem no Ministério da Saúde – com **a recusa da candidata Ludhmila Hajjar** após conversas com o presidente – e **afirmando que chegaríamos a 600 mil mortes**<sup>35</sup>. Em seguida, assume Marcelo Queiroga. **Enquanto isso, o país ultrapassava os dois mil óbitos diários**. São Paulo desaba, e, registra-se óbito de pacientes por falta de leitos para atendimento. **Não demora muito e chegamos a 3 mil óbitos diários**. Terminamos março de 2021 tendo passado a marca de 300 mil óbitos totais pela covid. **Em abril, um novo recorde: mais de 4 mil óbitos diários**. Terminamos esse mês passando a marca de 400 mil vidas perdidas pela “gripezinha” do presidente.

**Aos poucos a vacinação vai avançando, e, os hospitais se esvaziam**. Em meados de julho já pode-se perceber uma queda de mortes considerável. Quando parecia que estaríamos mais próximos de um desfecho, **aparece a variante Delta Índia. Uma variante com uma taxa de transmissão maior**. O país retornava aos poucos à uma tentativa de viver o seu passado, com a reabertura das escolas, a volta aos trabalhos presenciais por parte de algumas empresas, etc. O alerta ascende novamente, porém, com o avanço da vacinação são mantidas as medidas protocolares de segurança sem mudanças no retorno ao homeoffice para àqueles

---

<sup>35</sup> Entrevista concedida a GloboNews. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/03/15/ludhmila-hajjar-recusa-convite-para-o-ministerio-da-saude-por-divergir-da-conducao-da-pandemia.ghtml>

que haviam voltado ao “presencial”. Não demora muito e essa variante se alastra pelo globo, assumindo a maior parte dos casos de covid.

Chegamos próximos **ao final de mais um ano, e, uma nova variante** é identificada na África do Sul: **a ômicron**. A vacinação já está avançada no país. **Muitas pessoas receberam duas doses do imunizante, e, uma parcela da população recebera a terceira dose.** Apesar disso, a doença se espalha em uma taxa muito maior que a delta – que já era um grande risco. **A OMS emite alertas quase que diários sobre a ômicron enquanto o número de casos diários aumenta vertiginosamente, chegando a atingir mais de 3 milhões de casos diários no início de 2021**<sup>36</sup>.

A **vacinação infantil**, que já estava em discussão desde final de 2020, **gera uma nova queda de braços, com o Ministério da Saúde fazendo manobras para procrastinar o início da mesma** – apesar do aval favorável do corpo técnico da Anvisa e de tantas outras entidades. **Uma nova onda de perigo se alastra**, com o aumento absurdo do número de caso – e da morte de diversas crianças por conta de covid, **enquanto o governo publica um plano de vacinação retardatário enquanto o país extrapola a marca de 620 mil óbitos por covid.**

Assim, como estão esses corpos-pais que experimentam a pandemia? De que forma estão “tateando” essa nova forma de viver? De compreender sua própria existência e a existência alheia? Que medos podem ter sido despertados pela pandemia? Que outras possibilidades de existência podem ter aflorado?

\*\*\*\*\*

---

<sup>36</sup> Retrospectiva 2021. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/retrospectiva-2021-segundo-ano-da-pandemia-e-marcado-pelo-avanco-da-vacinacao-contra-covid-19-no-brasil>

São 23h57min. Estou sentado em frente ao computador pensando sobre paternidades. O que escrever? A rua está silenciosa, raramente ouço algum ruído de carro ou moto passando. Um cachorro, vizinho da frente e velho conhecido, começa a latir. Ele sempre late quando alguém passa pela rua, ou algum gato. Estava de fone, retiro os mesmos para escutar pois parecia ter ouvido alguma voz junto. Em seguida, uma voz mais grave esbraveja alguma coisa que não entendo. Surge um choro, quase murmurar em voz alta. Então vem palavras como: **“para de chorar! Cala a boca! Tua mãe te mandou ficar quieta! Para!”**. E junto a isso segue o choro aumentando e diminuindo de intensidade - parecendo um esforço para cumprir a ordem, mas a própria ordem causando dor para um novo ciclo de **lágrimas**. Corro assustado para a janela do quarto - que dá vista para a rua, já pensando: um homem e uma criança essa hora? Nesse frio? Observo pelas frestas um pai caminhando de mãos dadas com sua filha - não maior que a minha de quatro anos - e ordenando que a mesma se emudecesse. Mais a frente vejo só um vulto de outra pessoa e o homem repete: **“olha ai, tá afastando tua mãe! Para gurria. Para de chorar! Porra!”**.

**Fico na janela sem reação**. Meu coração aperta. Penso na nossa filha pequena. Penso no frio novamente, no perigo da rua a essa hora. Volto aos poucos para o escritório, de frente ao computador. Covarde - é a palavra que me salta à mente. Por que não fiz nada? Mas fazer o que? Chamar a polícia? Abrir a janela e gritar para que não fizessem isso com a criança? **Será que não puniriam ela ainda mais com a desculpa de que foi ela que chamou a atenção?** E o que eu faria com essa atitude depois? Já não sei mais. Só fica uma agonia estranha e algo parecido com frustração por não ter feito nada.

Repenso: **que paternidades são essas?** Estou julgando, mas também já gritei com nossa filha em um momento de raiva. Não procuro a desculpa por uma ou outra violência, mas justamente para pensar: porque tão violentos? O que essas experiências de conflito podem fazer mudar as nossas paternidades? Que angústia é essa que sinto ao ver uma criança sofrer? Já não sei mais...

\*\*\*\*\*

## MÉTODO

Essa pesquisa, que buscou problematizar algumas paternidades, é um pseudópode<sup>37</sup> do Oficinando em Rede: Figurações Corporificadas. Com uma proposta imersiva, há um esforço de que os participantes criem afinidade com esses marcadores sociais da diferença, de forma que os mesmos sejam também transformadores dos espaços que ocupam - para além das oficinas. Buscou-se nessa proposta a imersão e a construção de narrativas ou figurações, que estão em relação com tensionamentos e problematizações que foram surgindo ao longo dos encontros. Assuntos que lhes incomodavam, ou lhes despertavam desejo de fala e escuta.

Desta forma, no intuito de investigarmos e nos questionarmos sobre *como se atualizam as experiências de paternidade*, a pesquisa se propôs a convidar pais de crianças de até dez anos – que estavam ou estiveram em isolamento - a comporem um coletivo de paternidades que se encontrou semanalmente, por um período de uma hora, durante um mês (quatro encontros no total). A proposta de convidar pais que tenham filhos(as) com idade máxima de dez anos e que estiveram ou estavam em isolamento social se deu por acreditar que há um maior investimento de tempo e atenção para com crianças nessa faixa de idade.

---

<sup>37</sup> Pseudópodes são estruturas de extensão do corpo das células (citoplasma e membrana), que geralmente tem função de locomoção (deslocamento) ou alimentação (englobando substâncias).



## CONVITE PARA PARTICIPAR DE PESQUISA MESTRADO

PPGPSI  
UFRGS

### RODA DE CONVERSA SOBRE PATERNIDADES NA PANDEMIA



**Sábados, das 15 às 16h, no Meet - acolhimento às crianças que estiverem circulando pela casa! Previsão de início: 15/05/2021 (4 encontros)**

*Para pais que convivem com crianças de 0 à 10 anos de idade.*

**Contato através do instagram: @danielracheli  
ou pelo e-mail: daniel.racheli@ufrgs.br**

Os encontros ocorreram aos sábados à tarde nos dias 15/05; 22/05; 29/05; e 05/06 – todos no ano de 2021. Durante esses encontros, foi solicitado que eles produzissem mapas atencionais da criança com a qual convivem ao longo de seus dias - podendo ser mais de uma criança - pela casa. O mapa tem a proposta de percebermos a relação que se estabelece entre nós, pais, e nossos(as) filhos(as) - sendo o enfoque nas paternidades, na forma de olharmos para as crianças, revisitando essa relação que foram mapadas e de estimulando uma percepção acerca da experiência enquanto imbricada na atualização da paternidade.

Ao lado encontra-se o formato do convite divulgado na plataforma *Whatsapp* para rede contatos conhecidos do pesquisador, e, também pela plataforma Instagram. No total, estiveram envolvidos nesta pesquisa um grupo de nove pais, sendo que destes nem sempre todos estavam presentes a cada encontro.

O grupo, em sua maioria, era composto de professores. Dois professores da educação básica, e, dois do ensino superior. Engenharia, comércio exterior, pesquisador, profissional da saúde, TI e marketing completam as profissões desse grupo de pais. A maioria de nós vive no Rio Grande do Sul. Outro está em São Paulo e outro, no Pará.

Somos **todos homens brancos**, em sua maioria de **classe média (ou mais)**. **O próprio fato de ser um encontro virtual já diz um pouco sobre isso, afinal, são pais que estão/estavam em isolamento social**. Esse isolamento envolve **um privilégio**, que, reflete mais ainda na questão de nossa classe social: homens, brancos, empregados, em *home office*. Muitos brasileiros(as) durante essa época da pandemia, perderam seus empregos, sendo obrigados a saírem de casa em busca de trabalho, além da responsabilidade do cuidado para com as crianças em casa ao mesmo tempo, pois as escolas estavam fechadas.

**O primeiro** encontro se deu no formato de um diálogo introdutório, a apresentação da pesquisa, apresentação dos participantes, e uma discussão acerca de atravessamentos que nos tocavam durante o isolamento social. **Para o segundo encontro**, os participantes receberam um vídeo disparador para ser assistido antes do mesmo. Um vídeo que fala sobre a paternidade de alguns homens e como acontece esse processo de descoberta por parte deles. Desta forma, o segundo encontro esteve mais direcionado para questões como: O que é ser pai? Como e quando se dá o tempo da apropriação da paternidade? **No terceiro** encontro retomamos rapidamente algumas dificuldades enfrentadas pelo isolamento social e o medo da doença e, principalmente, foi um momento de apresentar os mapas de Deligny e a forma de confecção dos mesmos. A maior parte do encontro girou em torno da questão dos mapas, e, um “vídeo tutorial” também foi produzido (no intuito de contemplar os pais que não puderam participar desse dia) e enviado para todos. **O quarto** e último encontro foi marcado por uma debandada. Nenhum pai apareceu para o último encontro, deixando-o caracterizado pelo que chamo de (des)encontro.

Quanto aos mapas, para colocar em prática essa tentativa, foi enviado para os pais que se dispuseram um *kit* com os materiais necessários para a tarefa – no total, cinco pais se dispuseram a compor tais mapas. Este *kit* era composto de: folhas A3; um conjunto de lápis de cor; papel vegetal; uma caderneta para anotações e uma caneta. O *kit* tinha a finalidade de facilitar o acesso aos materiais necessários para produzir os mapas, evitando de se tornar mais uma demanda na rotina dos mesmos. O intuito destes mapas era de que os pais desenhasssem os trajetos costumeiros e de errância das crianças, além de também qualquer outra questão que pudesse lhes chamar a atenção. Junto a isso, os mesmos foram convidados a fazerem anotações na caderneta sobre qualquer atravessamento que desejassem, bem como o que quiserem anotar ao longo de seu dia-a-dia. Foi explicado que as anotações não estavam restritas à algo que eles observem apenas no convívio para com as crianças, mas qualquer outro aspecto relacionado à suas paternidades - podendo ser uma notícia que lhes fez pensar sobre isso, uma lembrança de algum momento que mudou seu dia, alguma história que queriam registrar, etc. Enfim, uma espécie de diário de bordo.

Assim, essa pesquisa surgiu de uma inquietação desse lugar ocupado pelos pais, mas também de uma demanda de ruptura e mudança do espaço social que ocupamos, onde casos de violência (nas mais variadas intensidades) estão presentes e são rotineiros. Há, aqui, no texto e durante a pesquisa, um compromisso ético de cuidado, para consigo mesmo e para com os outros também. Toda informação obtida dos participantes no decorrer da pesquisa não foi e nem será identificada, assim como a produção das contografias e figurações não tem proposta de representar os relatos e realidade dos participantes, mas sim de problematizar as mesmas com um viés inventivo.

No **ANEXO A** encontra-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que será utilizado para a realização da pesquisa.

\*\*\*\*\*

Fernand Deligny, um educador francês, trabalhou no começo de sua vida com crianças e adolescentes considerados delinquentes, psicóticos, inadaptados socialmente, junto a instituições - como clínicas e hospitais psiquiátricos - em um período permeado pela Segunda Guerra Mundial (MATOS, 2016, p.97; MELO, 2018, p.35). Esse primeiro momento de sua trajetória é mais urbano. Já em um segundo momento, Deligny se muda para a região de *Cèvennes*, na França, onde constitui uma rede de acolhimento para crianças marginalizadas pela sociedade por conta de suas diferenças. Nesse local onde a rede aracniana<sup>38</sup> vai se compondo, Deligny <e sua trupe> cartografam mapas a partir de traços sobre papéis transparentes<sup>39</sup> de forma a registrar o caminho cujo crianças autistas seguem ao longo de seu cotidiano, marcando acontecimentos, de forma a diferenciar o fazer (*trajeto costumeiro*) do agir (*trajetos de errância*) (PELBART, 2013, p.264). Assim, vão se formando esses mapas a partir dos traços que aos poucos configuram uma rede, uma teia. Porém, como os mapas são de mais de uma criança, não temos a rede se formando a partir de apenas um indivíduo, mas sim a partir das camadas de redes que são registradas em folhas transparentes e que acabam por se sobrepor ou imbricar. Alguns caminhos se cruzam, enosam, embaralham, outros são um misto de forças cartografadas em forma de traços. São também pistas de uma existência que nunca se esvaiu.

A partir do registro desses traços, Deligny percebe que as crianças autistas possuem uma forma singular de existência, onde o *agir* se apresenta com maior frequência do que o *fazer*, diferente dos adultos que acompanham essas crianças, cujo os quais estão mais preocupados com seus planejamentos prévios e o cumprimento de tarefas, de forma a coibirem o *agir*. Algo importante nos

---

<sup>38</sup> Concepção de rede descrita por Deligny, baseada nas teias das aranhas. Rede essa que está presente por toda parte de sua vida, desde sua infância até sua vida adulta, onde os trajetos todos se ligam - de forma a tecer uma rede (PELBART, 2013, p.262).

<sup>39</sup> As folhas transparentes utilizadas para elaborar os mapas ficavam sobre um segundo mapa, do território, a fim de localizar (territorializar) os caminhos percorridos e movimentos realizados.

trabalhos de Deligny é que a rede aracniana não tinha a proposta de curar essas crianças frequentadoras deste território, mas afastá-las daquilo que as sufocava, era um lugar de escape, de resistência (PELBART, 2013, p.264). É uma tentativa! Uma tentativa de encontrar os pontos de referências para esses corpos se localizarem no território, e como os mesmos se relacionam consigo mesmos e com o ambiente a sua volta a partir desses fios que vão se tecendo, da teia que vai se formando. Todo trabalho de Deligny, desde antes da rede aracniana, está atravessado por diferentes tentativas - que no caso da rede, era de criar uma vida em comum entre pessoas que têm formas completamente diferentes de viverem e experimentarem o mundo e a si mesmas (MIGUEL, 2015, p.58).

Ao registrar os traços das crianças e adolescentes autistas, emerge a necessidade de um outro vocabulário, onde o trajeto registrado dos corpos é marcado por traços, anéis, desvios, derivas, paradas, enfim, outros símbolos que permitem a leitura cartográfica desses mapas (MATOS, 2016, p.99). Essa forma de documentar o cotidiano das crianças autistas evidencia o seu *agir* em relação ao *fazer* dos adultos com as quais convivem. “O agir autista, diferente do fazer do sujeito, diz respeito a um modo de ação não intencional, agir sem fim (sem finalidade e que não cessa) de seres que não são sujeitos” (MIGUEL, 2015, p.59). Também é importante citar que alguns registros de Deligny retratam os momentos em que pontos de referência desse mapa são perdidos pelas crianças - mapa que se mostra não apenas traçado no papel transparente, mas também na cabeça dos membros da teia. Por exemplo, se algum ponto de referência para uma criança é deslocado para outro lugar do território, essa tende a se perder e, por vezes, dá voltas sobre si - fazendo círculos, anéis - de forma a procurar se localizar novamente. É um movimento de desterritorialização e reterritorialização. Deligny chama o *agir* autista de *linhas de erro* ou *linhas de errância*, onde o *agir* autista não está preocupado com a linha reta - que otimiza o tempo - com a linha pontual e sem desvios - que otimiza a finalização do processo pensado anteriormente - mas sim com o fluir pelo território, de forma a explorá-lo de acordo com o campo de forças que atravessam e são atravessadas pelo mesmo. A criança autista pega “atalhos” que são mais longos do que o trajeto costumeiro, ela

dá voltas, ela se deita à beira de um riacho para ficar observando-o por horas, ela não usa o seu “bom senso” em suas ações como os adultos “normais”, ela comete “erros”, por isso ele chama de *linha de erro* tais percursos (MIGUEL, 2015, p.60).

Dessa forma, os mapas não falam apenas das crianças, mas de um conviver em rede - afinal, Deligny acreditava que o humano não é o ser da *razão*, mas sim o da *rede* (PELBART, 2013, p.263). São mapas dos corpos, dos gestos, afetos, seguranças, incertezas - uma espécie de vocabulário corporal - onde micro-acontecimentos surgem, onde o *agir* e o *fazer* se expressam no corpo - como vestígios, acontecimentos efêmeros, e, sempre em relação para com outro - corpo, objeto, espaço, etc. (MIGUEL, 2015, p.61). São movimentos de territorialização e desterritorialização, mas não apenas das crianças, pois aqueles que acompanham e colocam no papel esses traços também estão envolvidos na cena. Esses traços não estão apenas marcando o movimento de um corpo, mas também falam de uma relação para com a criança de quem demarca esses movimentos, falam de uma forma de olhar. O traçar, o observar, acompanhar, também é o retrato da relação entre esses corpos, e destes para com o mundo. Observar e riscar um papel enquanto acompanha o outro também é um processo de subjetivação, faz movimentar, derivar, repensar cada detalhe que lhe captura para marcar aquele traço. Traçar também é um processo de escolha, onde registramos aquilo que nos implica, que nos toca, que nosso corpo sente, é afetado, e lançamos isso em um movimento em forma de linha. Esses mapas também falam de quem os registra, também fazem pensar, confluir, revisitar esses momentos, essa relação para com o outro. Não é apenas um mapa do movimento dos corpos, também é um mapa de si para consigo mesmo, para com o mundo e para com o mapa novamente. Esses mapas falam tanto das crianças quanto do próprio Deligny e sua trupe - não é a toa que o mesmo passava horas a fio revisitando aquelas linhas, aquelas teias, a si mesmo.

\*\*\*\*\*

Todo dia é a mesma coisa  
A rotina que engole a vida  
Vida em casa  
Isolada  
Ilha seca  
Sem barreiras  
Mas que ainda assim, aprisiona  
Como em *Dogville*<sup>40</sup>

Criança  
Logo cedo,  
Desperta  
Lança pela sala  
Todas suas peças:  
Quebra-cabeça  
Blocos e tocos de madeira  
Tijolos miniaturas...

---

<sup>40</sup> Filme *Dogville* dirigido por Lars von Trier (2003).

Espalhadas,  
As peças parecem se fragmentar  
Em seguida, misturam-se

Por vezes, surge uma figura do quebra-cabeça  
Misturada com janela  
Telhadinho de madeira  
E um calçado de boneco  
Brincadeira improvisada  
Gambiarra<sup>41</sup>  
Que dá novas formas  
Para tudo aquilo que já estava posto como finalizado

Risada é o cimento  
Criatividade  
e  
Concentração <que o corpo expressa como língua que escapa da boca>

Crepúsculo que abraça o dia

---

<sup>41</sup> BRUNO (2017) comenta do uso despuerado dos objetos, na tentativa de improvisar algo novo.

Em seguida, noite

Dorme, enfim, a criança

Outro dia parece surgir

Ter filhos é assim: aprender a alargar o dia para mais coisas caberem dentro dele

É tempo de fazer o que antes não se podia

Por conta da rotina

Como por exemplo

Escrever

Um texto

Esse texto...

As peças

Espalhadas pela sala

Lembram o dia que passou

Cada bloco, pedaço de quebra-cabeça, ou telhadinho de madeira

Uma experiência

Gesto

Afeto...

Que pouco a pouco vou recolhendo

Dentro de meu corpo

Em nova gambiarra  
Composta por esses fragmentos  
Que ao longo do dia  
A cada dia  
Estavam sendo  
Espalhados pela casa

\*\*\*\*\*

### *Iconofósseis*

Parte do material produzido durante esta pesquisa está atrelada à icnologia. Do grego *lchnos* = pistas, vestígios, e *logia* = estudo. Para Deligny, os mapas são trajetos, pistas, vestígios de movimentos de organismos que de alguma forma criaram cicatrizes nas delicadas folhas de papel vegetal. Há muito tempo fazemos mapas e, não apenas nós, ditos humanos, mas também diversos outros organismos. Uma das áreas de estudo da Paleontologia é a Paleoicnologia, ou seja, o estudo de vestígios, pegadas, marcas deixadas por animais, e que se tornaram fósseis. Não arriscaria dizer que esta pesquisa procura produzir fósseis vivos, mas, pegar emprestado esses termos que circulam por diferentes áreas do conhecimento. E, que apesar de parecer que pouco conversaram nos últimos tempos (ou desde que surgiram), em muito se parecem. Os mapas de Deligny, assim como os mapas que foram solicitados para os participantes desta pesquisa, não deixam de ser vestígios, trajetos, linhas que foram produzidas a partir do perambular de corpos em um determinado espaço.

O tempo todo produzimos essas marcas sem perceber. E isso fala muito sobre nós. Habitamos um território, um espaço e, por sermos seres que, indubitavelmente, modificam o espaço à sua volta, ao deixarmos nossas marcas nele, nós também estamos fazendo uma espécie de autorretrato nesse local. A organização da mobília, a disposição dos objetos, os caminhos que percorremos com maior ou menor frequência, enfim, todas essas movimentações que fazemos nos espaços em que habitamos também falam muito sobre nós. Desse modo, olhando para o espaço também estamos olhando para nós mesmos. Nossos corpos e nossos desejos estão ali: nos pequenos detalhes, nos gestos, nos estratos que criamos dentro da casa, no ambiente de trabalho, seja onde for que habitamos. Esse espaço está tomado de nós, e, nós também estamos tomados por esse espaço.

Traçar mapas das crianças, ou de nós mesmos, na casa, é produzir esses icnofósseis que muito falam de cada organismo que ali se encontra, é territorializar e, também, desterritorializar. É uma forma de procurar aquilo que nos escapa, é dar outra luz à uma vivência que parece engessada, a um cotidiano que parece inerte.

\*\*\*\*\*

*Vestígios*

corpo que vaga,  
sobre a terra  
deixando marcas  
linhas,  
traços,

pronunciando o silêncio

se arrasta,  
marca profunda,  
que atravessa o tempo,  
enunciado sua presença  
no silêncio de seus passos  
em um espaço qualquer

cartografia paleolítica,  
linhas de errância<sup>42</sup>  
bordadas sobre o solo...  
fissura, lacuna  
que é potência, é corpo, é rede, é mapa!

é uma existência que ganha sentido

*vida*

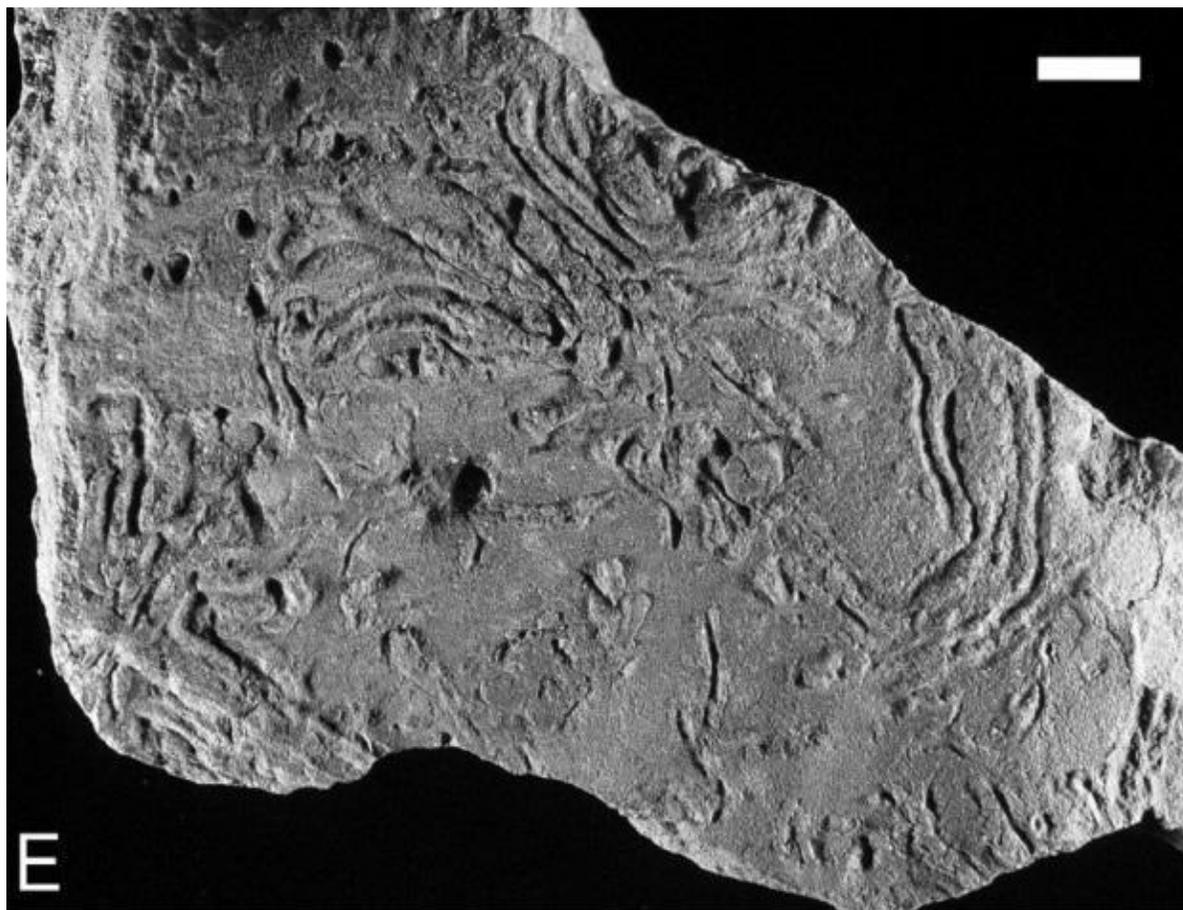
---

<sup>42</sup> Segundo Pelbart (2013, p.268), linhas de errância são traços, registrados por adultos, do caminho que crianças autistas percorriam ao longo de um dia em *Cèvennes*, durante os trabalhos de Deligny. Neste caso, trazemos as linhas de errância para falar sobre lcnofósseis - vestígios de atividade orgânica fossilizados, ou seja, pegadas deixadas, trajetos percorridos, ninhos, etc. (ZUCON; SOBRAL; TEODÓSIO, 2011, p.17). Algumas espécies são conhecidas não pelo corpo morfológico que tinham, mas pelas pistas que deixaram. O que lhe confere sentido de existência não é o corpo do organismo, mas seu vestígio, mapa, corpo sem órgãos (DELEUZE e GUATTARI, 2011).

não pelo seu nome  
mas pelo traço que deixou  
criatura-rizoma  
corpo sem órgãos  
errática existência

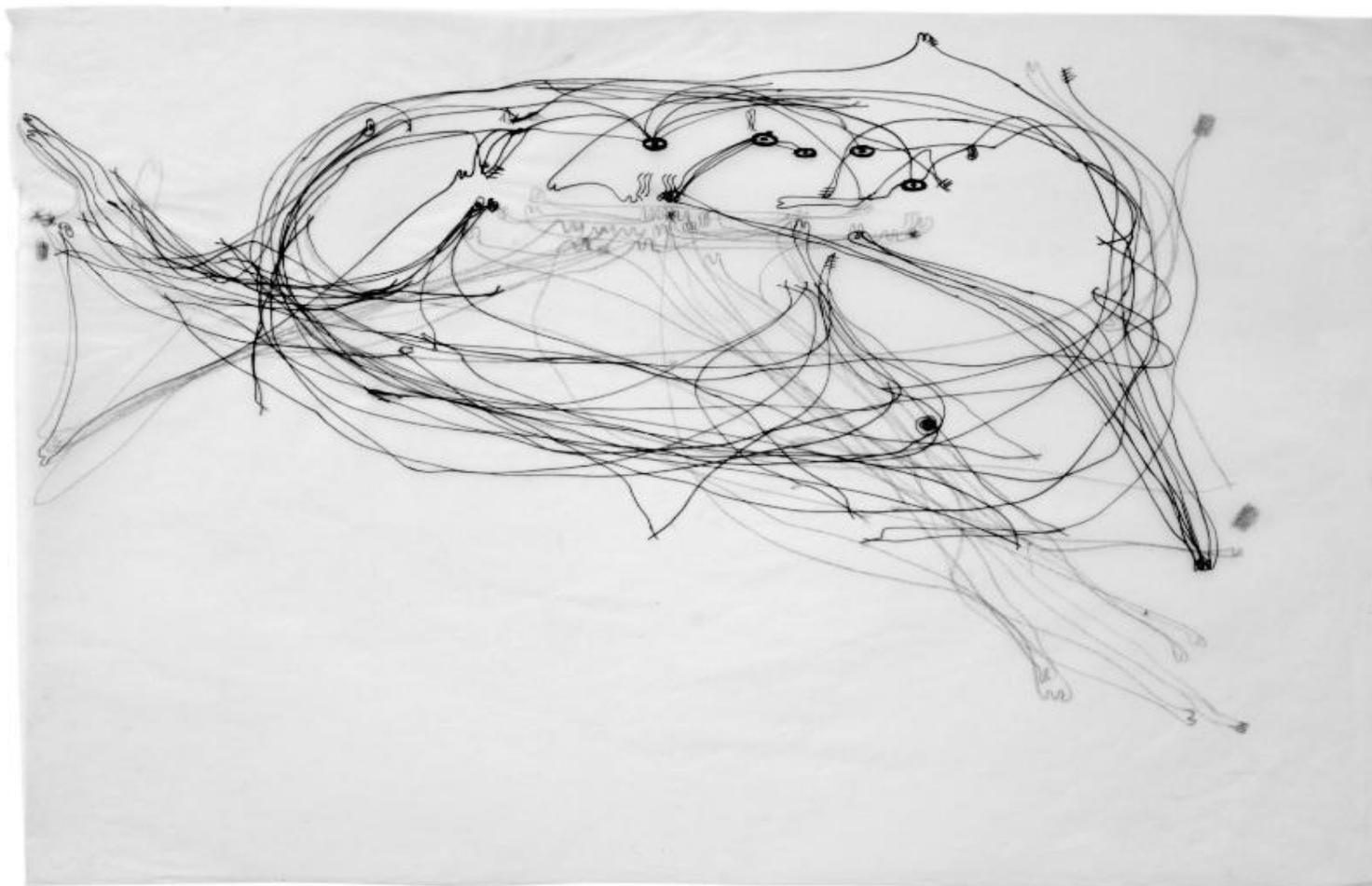
\*\*\*\*\*

Figura 6 - Icnofósseis de *Phycosiphon incertum*.



Fonte: Fernandes; Fonseca; Ponciano (2012).

Figura 7 - Mapa de Fernand Deligny



Fonte: Deligny (2015).

Ilhado, **observo o horizonte em busca de algum sinal** - e tenho a certeza de que qualquer um me deixaria satisfeito: uma imagem que se forme nas nuvens, algum movimento em outras ilhas desse arquipélago, sinal de fumaça, **qualquer coisa**. **Mas o que se passa é um vazio, um imenso vazio** - transbordando possibilidades, mas que por algum motivo estranho, se mantém assim, vazio.

Assim estamos, como organismos que ficam isolados em eventos de *vicariância*. A vicariância consiste em um evento cujo um **grupo** ancestral **é dividido**, separando esses indivíduos em dois grupos (agora) afastados. Essa fragmentação do espaço geográfico tende a estimular esses dois (ou mais) grupos afastados à expressarem novos fenótipos - visto que **o ambiente ao se fragmentar irá se apresentar como uma nova paisagem**, com novas características. Somos pais ilhados, isolados por esse evento biogeográfico, que nos fez arquipélago.

**Os dias se passam e vou ganhando coragem para me aventurar pela ilha**, a fim de tentar descobrir alguma coisa a mais nesse lugar. Em uma certa manhã, percebo que a ressaca do mar regurgitou sobre a praia uma pilha de resíduos. Algumas linhas de pesca enosadas, tábuas apodrecidas, um bocado de plástico (garrafas, potes, sacolas, tampinhas), o pé esquerdo de uma sandália, um pneu de bicicleta (com câmara de ar), três latas de alumínio, alguns livros destruídos e diversas garrafas de vidro. Enfim, para tentar preencher o vazio, organizo todo o material e, com alguns outros recursos da ilha, construo uma jangada. E assim me lanço, a navegar em torno da ilha ao desejo da correnteza, em busca de outros ilhados, naufragos. A jangada<sup>43</sup>, estrutura rudimentar, é feita com o que é possível, para suportar os intempéries das ondas de forma a deixá-las atravessar os vãos dos troncos e cordames, daquilo que a mantém enquanto tal. Na tentativa de fluir, assim fazemos, **navegamos sobre jangadas**. **A jangada é uma tentativa, assim como tudo o que essa ilha nos oferece**.

---

<sup>43</sup> Jangada é uma referência usada por Deligny em comparação às suas tentativas - "algo frágil e persistente como um cogumelo no reino vegetal..." (PELBART, 2013, p.265).

\*\*\*\*\*

Deleuze e Guattari (2011) em *Mil Platôs*, ao falarem sobre os princípios do rizoma, citam a cartografia. O 5º e 6º princípios, “Princípio de cartografia e de decalcomania” (ibidem, 2011, p.29) já nos dão pistas sobre esse método, que no Brasil tem se afirmado cada vez mais. Nesta obra, os autores citam o sistema de radícula, um sistema que se justifica pela hierarquia e sequência - como uma raiz pivotante, de lógica binária - algo que culmina no decalque (reprodução, algo que sempre volta a si mesmo), e, em contrapartida falam do mapa: “diferente é o rizoma, *mapa e não decalque*”, e seguem “o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p.30). O mapa está voltado para a experimentação, ele não reproduz, ele constrói. “Um mapa tem múltiplas entradas contrariamente ao decalque que volta sempre ‘ao mesmo’” (ibidem, 2011, p.30). Essas pistas, assim como algumas outras anteriores vão ser coletadas por autoras como Suely Rolnik (1989) em *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*; Guattari e Rolnik (2011) em *Micropolítica: cartografias do desejo*; Passos, Kastrup e Escóssia (2009) em *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* - carinhosamente chamado de Pistas (lembrando que também existe o Pistas 2 em versão de livro ou com seus textos divididos na revista Fractal<sup>44</sup>); enfim, diversos autores e autoras brasileiros(as) seguiram as pistas deixadas por Deleuze e Guattari, e insistiram no método da cartografia, consolidando-a aqui. Todos buscaram uma produção de maneira coletiva, mas não homogeneizante do método - tendo em vista que isso poderia resultar no decalque do mesmo <um perigo!>. “É bom lembrar ainda que existem tantas cartografias possíveis quanto campos a serem cartografados[...]” (FILHO e TETI, 2013, p.46), sendo assim, o próprio método é rizomático e tende a estar em constante transformação de acordo com as singularidades que defronta-se no campo. Seguindo as pistas deixadas pelos

---

<sup>44</sup> Acesso ao volume 25, número 2 de 2013 que contém esses textos: <<https://periodicos.uff.br/fractal/issue/view/v25n2/showToc>>.

autores e autoras durante esse trajeto, vamos tentar compreender um pouco mais a cartografia enquanto método, partindo do que tomamos enquanto ciência “clássica”, moderna.

A ciência moderna buscou, ao longo de seu curso, fazer a distinção entre o objeto a ser investigado e o cientista, de forma a causar um afastamento entre os mesmos e impor certa neutralidade na figura do pesquisador. Essa separação fez surgir o dispositivo experimental - algo que pode ser reproduzido por outros cientistas, no intuito de atestar a veracidade daquele experimento. Desse modo, as hipóteses que o cientista inventasse poderiam ser colocadas à prova, e se validadas de modo coletivo (por outros cientistas que poderiam reproduzir o experimento) seriam configuradas como descobertas (BARROS e KASTRUP, 2009, p.54). Esse modelo de ciência tem um viés representacionista, onde os objetos de estudo precisam ser apresentados da maneira mais “limpa” possível <uma espécie de higienização da pesquisa>, onde o resultado é “puro” e com o menor número de "sujeiras" (interferências de outras variáveis) possível.

Diferente desse modelo de ciência, como citado acima, “[...]a pesquisa cartográfica consiste no acompanhamento de processos, e não na representação de objetos” (BARROS e KASTRUP, 2009, p.53). Esse método “não busca desvelar o que já estaria dado como natureza ou realidade preexistente” (KASTRUP e PASSOS, 2013, p.264), e para tal, é necessário que o cartógrafo habite o território que irá pesquisar, estando em contato direto com esse espaço de forma que influencie também os processos que irão ocorrer no mesmo. A convivência necessária para tal pesquisa está atrelada, também, a uma problematização do próprio pesquisador nesse território, que estará em constante tensionamento <consigo mesmo e com o campo>. Como nos falam Alvarez e Passos (2009, p.131), não se trata de um sobrevoo sobre a realidade, mas de compartilhar o território onde sujeito e objeto da pesquisa se relacionam e co-determinam. Porém, esse território não é um aglomerado de objetos e paisagens determinadas, objetificadas - ele é o conjunto das forças em constante movimento que se encontram em determinado tempo e espaço. É requisito

da cartografia que se habite um território, a fim deste se tornar um processo de aprendizagem para o cartógrafo e, também, de <re>compor o próprio território (ALVAREZ e PASSOS, 2009, p.135).

É assim que a proposta da cartografia encontra-se vinculada ao desenho das forças que compõem a rede à qual o fenômeno a ser investigado está conectado. Isso não se dá de forma a determinar o objeto de pesquisa como algo imutável e fixo (livre de “impurezas”), mas sim de forma a perceber que o objeto de pesquisa é, também, composto por diversas forças, assim como o pesquisador e o próprio território, e estes, estão em constante relação e em um movimento permanente. Assim, o cartógrafo que pretende acompanhar esses processos, esse jogo de forças, precisa “[...] se deixar levar por esse campo coletivo de forças” (BARROS E KASTRUP, 2009, p.57).

Ao invés da representação do mundo, como propõe a abordagem da ciência moderna, a cartografia se propõe a explorar o que mais existe no território, que não apenas as formas e os contornos definidos. Precisamos entender as formas como coágulos das forças que estão em constante e intensa relação, de modo a desacelerar esses movimentos em determinado momento, fazendo com que um conjunto de forças assumam o que caracterizamos como forma. Assim, nos convencemos de que o mundo a nossa volta é composto apenas por formas variadas, como uma cadeira, um livro, a lua, etc. Essas formas são nossas percepções de mundo, a partir dos sentidos que nosso corpo utiliza para delimitá-las e desacelerá-las para, só então, criar os objetos que imaginamos constituir a realidade, por exemplo: o conjunto de sentidos como o tato, visão e audição para determinar o que é uma cadeira. Porém, o plano das formas (mundo que nos convencemos existir à nossa volta) não é o mesmo que o plano das forças. Este plano é composto por um coletivo de forças (linhas de forças) que estão em perpétuo embate e dinâmica relacional, sem nenhuma regra fixa. É um plano composto por forças plurais, instáveis e em constante movimento (ESCÓSSIA e TEDESCO, 2009,

p.97). É importante ressaltar que o plano das formas não está em contraposição ou indissociado ao plano das forças, pelo contrário, eles coexistem e estão em constante relação entre si - produzindo a realidade (ibidem, 2009, p.94).

Assim, a cartografia se propõe a investigar as formas, mas sem desconectá-las do plano de forças que está em constante movimento naquele território. O pesquisador cartógrafo precisa acessar esse plano de forças de maneira sensível, para poder acompanhar os processos que configuram a sua experiência de mundo. Ao mesmo tempo precisa perceber que sua presença também é parte desse plano de intensidades em constante variação, fazendo derivar novas experiências nessa composição de forças e capturas. Acessar esse plano de forças é algo que nosso corpo faz o tempo inteiro, porém não conseguimos perceber isso facilmente. É por isso que o cartógrafo precisa estar atento a essa complexa composição do território, permitindo reconhecer afetações que experimenta .

Tomada enquanto possibilidade de intervenção, a presença do pesquisador também está atrelada à desestabilização do processo a ser cartografado, de forma a desterritorializar e reterritorializar a si mesmo e ao campo, possibilitando novas invenções e agenciamentos coletivos. Enquanto método de pesquisa-intervenção, demanda que o cartógrafo abdique-se do discurso positivista de neutralidade, pois para tal é necessário que ele perceba que conhecer e fazer são inseparáveis (PASSOS e BARROS, 2009, p.30). Esta é uma aposta ético-política de pesquisa por conta de seu desejo em rearranjar essas forças de forma a desterritorializar esse espaço para complexificar o mesmo (PAULON e ROMAGNOLI, 2010, p.97). Kastrup e Passos (2013, p.264) nos alertam que o ato de “[...] conhecer é criador de realidade[...]”, e, deste modo “[...] conhecer traz um mundo às mãos[...]”. Assim reafirma-se o compromisso ético-político dessa pesquisa, pois cartografar é conhecer, e sendo assim, é também “intervir sobre a realidade[...]” de maneira a “transformá-la para conhecê-la” (KASTRUP e PASSOS, 2013, p.264).

Encontramos, ainda, em Kastrup e Passos (2013), uma pista importante ao nos alertarem que cartografar é acessar o plano comum, porém esse plano comum não é um espaço onde todas as coisas são iguais ou serializadas, mas um espaço de pura heterogeneidade não totalizável. Ele procura o que escapa, a diferença e não a semelhança, resistindo a lógica homogeneizante e totalizante que o mundo globalizado insiste em produzir. É esse lugar comum que se procura ao cartografar, àquilo que escapa e se movimenta de modo incessante, em constante transformação e em estado relacional. Nesse esforço de acompanhar processos, é preciso estar atento à esse território heterogêneo a ser habitado, pois é preciso reconhecer sua heterogeneidade e pluralidade de forças que se articulam e atravessam, de forma a “comunicar singularidades heterogêneas” (KASTRUP e PASSOS, 2013, p.265) que compõem o comum. Assim, o comum é a experiência partilhada pelo coletivo em relação a si mesmos, aos outros e ao território que habitam e transformam.

\*\*\*\*\*

### *Traçando palavras*

Para Boechat e Kastrup (2009), a Literatura, enquanto expressão artística, é uma potente forma de produzir subjetividades. Ler é sempre um movimento ético, de transformação de si e do mundo como o entendemos. Ler é se expor a outras experiências, mesmo no caso daquelas que muito se assemelham com algo que já vivemos. Por exemplo, mesmo que eu tenha já tenha experimentado alguma sensação relativa a uma atividade, quando lemos em um livro sobre uma cena que se parece com uma experiência nossa, prontamente somos tomado por uma identificação com o que a obra retrata - criando um vínculo entre nós (texto e eu). Em seguida, as diferentes forças que compõem o texto, e seu enredo, intensificam sua relação com as nossas (e da experiência vivenciada), transformando-as em algo novo - dando novos sentidos para aquela experiência que vivenciamos, dando

novos olhares sobre algo que estava tomado enquanto estático, imutável, já fixado no formol da memória. A Literatura possui essa potência de deslocar, de desacomodar e fazer mover. São como as pequenas ferroadas que levamos ao longo de nossa aprendizagem ao costurar - agulha e linha atravessam não apenas o tecido, mas também a carne.

Precisamos considerar que a ação da leitura não se dá somente quando concluímos um texto, mas o simples fato de iniciá-lo já nos coloca em movimento, de forma a transformar a si mesmos e ao mundo. “A leitura de textos literários possibilita o desenvolvimento de modos de subjetivação ou processos de singularização e maneiras de resistir a modos sobrecodificados preestabelecidos” (BOECHAT e KASTRUP, 2009, p.28). Um livro é composto por linhas, de forma a organizar estratos e formas que o territorializam, porém também há no livro aquilo que escapa, as linhas de fuga, velocidades diversas, aquilo que desterritorializa. Dessa forma, o livro é um agenciamento, é uma multiplicidade, e por conta de suas características significantes e assignificantes ele não para de dissolver os organismos (incluindo a si mesmo) (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p.18). Isso constitui o Corpo sem Órgãos que é o livro, e enquanto agenciamento, ele está sempre em relação com outros Corpos sem Órgãos. São essas intensidades e relações que fazem texto literário frequentemente nos deixar sem chão, de forma a ressignificar tudo aquilo que já tomávamos enquanto pronto, terminado, fechado. A arte literária é, assim, uma ferramenta importante para a transformação social e produção de subjetividade, ela esgarça os perímetro do si e as fronteiras do mundo que nos cerca (BOECHAT e KASTRUP, 2009, p.24).

Pozzana e Kastrup (2009) relatam sua experiência de oficinas de leitura de textos literários com crianças, e durante esta comentam que ler possibilita a relação consigo mesmo, de forma que “as relações que têm lugar na roda de leitura não se esgotam no plano pessoal, nas relações intersubjetivas, na troca de informações ou de experiências vividas, mas ocorre no plano impessoal das sensações, dos perceptos e dos afectos que o texto literário veicula” (ibidem, 2009, p.5). De igual maneira, a

literatura é tomada pelas autoras enquanto instrumento poderoso, e, que desarruma a linguagem ao ponto de produzir rupturas, fendas na mesma, possibilitando novas subjetivações a partir desta. Nessa oficina, as autoras não vão com a proposta de entender e interpretar as opiniões e falas dos participantes da roda de leitura, mas sim com a ideia de fazer circular afectos, sentimentos, percepções de si e de outras possibilidades de mundo. Seu intuito é derreter os corpos, possibilitar agenciamentos, desterritorializar e reterritorializar, fazer surgir algo novo, tensionado e problematizado a partir dessa relação com o literatura. Porém, o intuito não é homogeneizar os corpos nesse movimento, é justamente o contrário, permitir que a diferença se faça presente de forma a explicitar suas relações para com outras diferenças, de forma a costurar uma rede heterogênea.

De igual maneira, Kastrup e Pantaleão (2015) reforçam a ideia de oficinas de escrita e leitura como produtoras de subjetividades, mas também tomando a leitura enquanto possibilidade de se relacionar com outras existências <próprias e do mundo> também são disparadores de uma escrita-inventiva para aqueles que pretendem correr o risco de traçar linhas no papel - de forma a possibilitar devires e atualizações de si, bem como problematizar a si mesmo e ao meio <mundo> que nos cerca. Tomando assim as paternidades e masculinidades como fenômenos de captura e maior viscosidade - que tende a reter os sujeitos nessa produção de corpo e territorialização, de forma a não conseguirem escapar da mesma, a literatura e a escrita se mostram como potentes estratégias para tensionar e atualizar essas experiências de corpo e de mundo que nós, pais, temos. Algumas palavras podem passar por nosso corpo como os passageiros de um ônibus passa todos os dias pela rua sem de fato nos atermos à eles, porém algumas outras podem adensar-se em nosso corpo e provocar movimentos desterritorializantes que fazem nossas vísceras se enredarem, desacomodado o corpo e nos possibilitando outras formas de existir. Ao falar sobre a escrita-inventiva, Kastrup e Pantaleão (2015, p.31) nos dizem que “o sujeito constituído se dilui, em meio aos movimentos, e fios diversos e heterogêneos vão tecendo um texto encarnado, feito do viver e do sofrer. Subjetividades e mundos vão sendo engendrados”. É um processo de ressonância, de eco, que nos abisma. A arte tem essa potência, de transpor o eu, e, nos levar a lugares que nunca imaginamos

poder ir antes - assim como lugares que já frequentamos <ou estamos nesse momento> e não percebemos (KASTRUP e PANTALEÃO, 2015).

No livro *Corpo, arte e clínica* de Tânia Mara Galli Fonseca e Selda Engelman, encontro um texto de Peter Pál Pelbart: *O Corpo do Informe* (2004). Esse texto vem a compor aqui, onde Pelbart (2004) arrasta em sua rede diversos outros autores, como Agamben, Kleist, Kafka, enfim, carrega seu bando consigo para nos dizer que a literatura e o pensamento, assim como a ciência, também fazem experimentos. Porém, diferente da ciência, esses experimentos do pensamento e da literatura “São experimentos sem verdade” (PELBART, 2004, p.41). Com isso, o mesmo busca nos mostrar como a literatura e o pensamento possuem uma força capaz de causar um desabamento daquilo que já tínhamos como cristalizado para algumas situações. Utilizando-se deste bando que carrega consigo, Pelbart ao falar dos personagens de corpos moribundos, opacos, inertes, etc., não nos traz uma imagem daquele corpo que parece não ter mais potência alguma. Porém, esse corpo dissolvido em sua dor, em sua escassez de gestos, é o corpo-potente com capacidade de produção do novo, de se transformar, é o corpo aberto às experiências e sem nenhum contrato para com a verdade. É um corpo potente, corpo sem órgãos, uma outra viscosidade da vida que se apresenta. É um corpo que “não aguenta mais tudo aquilo que o coage, por fora e por dentro” (PELBART, 2004, p.44).

É nessa trilha, junto à Pelbart, Deligny, Pozzana, Kastrup, Deleuze, Guattari, enfim, junto a esse bando que nos acompanha até aqui, essa pesquisa faz mais uma tentativa. A tentativa de compor, com todos atravessamentos que lhe aconteceram até o dado momento, textos que não representem ou cristalizem tudo aquilo que lhe acometeu. Isso seria deixar essa pesquisa enferma, moribunda, desprovida de gestos. Tomando a literatura enquanto instrumento potente de dissolução dos corpos, das verdades, daquilo que está dado enquanto pronto e acabado, essa pesquisa urra pela possibilidade de se deixar levar pelo experimento literário e do pensamento. Uma tentativa de produzir agenciamentos outros, de costurar, desterritorializar, acelerar intesidades,

tropeçar e cair, re-existir, territorializar, fazer rede. Enfim, essa pesquisa se lança ao entreguismo da inverdade, de produzir jangada em bando, com esse bando, com teu bando, e navegar por esse paradoxal deserto literário.

\*\*\*\*\*

Podemos pensar, agora, que a paternidade é produzida a partir de múltiplas forças. Se falarmos da nossa sociedade atual e sua práxis consumista, prontamente nos percebemos consumidores de qualquer coisa que possa parecer estar “a venda”. Às vezes nos deparamos com um tipo de *liquida total* de gestos, podendo você adquiri-los em doze vezes sem juros, eu disse: DOZE VEZES SEM JUROS! Imperdível! São roupas, comportamentos, expressões, modos de falar, olhares, automóveis, e tudo mais o que puder imaginar, está à venda. Logicamente os bens e serviços vendidos estão separados em seções masculina e feminina (ironia) - criando uma estética binária para os mais variados produtos, excluindo qualquer diferença que possa existir nos modos de existência de outros corpos que escapam a essa classificação fictícia.

\*\*\*\*\*

Enquanto leio uma história infantil para minha filha, onde todos os personagens são animais - gambás, raposas, tartarugas, etc., percebo que a história está sempre fazendo relação das animaiscrianças com suas animaiscrianças mães. Nas mais de trinta páginas de histórias (que tentam retratar situações cotidianas como brincar no pátio, ir a uma loja fazer compras, arrumar a casa, etc.) não há nenhuma personagem animal que represente um pai cuidando das crianças animais. Não me entendam mal, sou biólogo e não vejo nenhum problema em chamar todos de animais, afinal, assim somos de fato, porém é preciso estar atento que para uma boa parcela da sociedade a palavra animal vinculada à pessoas é proferida de forma a tentar ofender as mesmas. Me

faz pensar que tipo de atravessamentos os leitores destas histórias tem, bem como quais agenciamentos possíveis são disparados a partir de todas essas mensagens nas diferentes histórias em que apenas mães estão sempre em atenção com as crianças. O mais apavorante foi narrar uma das histórias dizendo que a raposa era na verdade um “papai” que estava com sua filha raposa, e a outra personagem castor(a) também era um “papai”, e ver minha filha enfurecer-se pois eu estava errado, era uma mamãe. Uma criança de quatro anos já está totalmente enviesada à pensar que por conta de uma bolsa estar a tiracolo de personagens adultos, assim como a presença de saia e sapatos nos mesmos, as torna femininas.

\*\*\*\*\*

## DOS ENCONTROS

Éramos nove. Antes de sermos nove, talvez fossemos dez. Um de nós queria estar junto, mas não poderia. Sua filha tinha um pequeno relógio na barriga. Almoçava e dormia, horário que findou por coincidir com o dos encontros. Talvez dez, mas, afinal, nove.

Nos encontros, nem sempre todos estavam presentes, variando em quantidade nosso número. **No primeiro encontro** estivemos entre oito – sendo que fomos sete até metade do mesmo, e, depois mais um se juntou ao bando. **No segundo encontro** éramos seis. **No terceiro**, quatro. No último, e **quarto encontro**, somente eu estive presente – o que chamo aqui de desencontro. Desta forma, tivemos uma gradual redução dos participantes, sendo que os que estiveram no penúltimo encontro também estavam nos outros dois anteriores.

Esse texto não tem por objetivo meramente reproduzir e transcrever os encontros, mas, para além disso, permitir que atravessamentos durante esses episódios relacionais pudessem fermentar no meu corpo e gerar algo novo. De igual maneira, não se pretende expor nenhum dos participantes e nem mesmo momentos privados de suas vidas. Desta forma, a narrativa e a literatura assume aqui um papel importante para a produção do novo. O corpo perfeito, o texto perfeito, está completamente desprovido da possibilidade de criação, está morto. Afinal, se sua perfeição assim se faz, que forças poderiam atravessá-lo? Transmutá-lo? Metamorfoséá-lo? Aqui não se procura uma perfeita retratação dos encontros, mas a deformidade que compõem os mesmos. “Essa deformidade, esse inacabamento, seriam a condição própria da literatura, pois é ali onde *a vida se encontra em seu estado mais emrionário*[...] (Pelbart, 2004, p. 43)

A partir disso, surgem textos, poemas, expressões de formas gerais acerca das afetações e forças que me capturaram durante e após os encontros. Assim, numa espécie de cartografia, de traço da palavra, de mapa improvisado, uma gambiarra literária se constrói junto destes acontecimentos. De igual maneira que a cartografia e os mapas de Deligny, tais textos não buscam de forma alguma representar os eventos que

\*\*\*\*\*

*A regra é clara*

A frase surge durante um dos encontros. O computador de um de nós “deu pau”. Se desligou e estava relutante em voltar a funcionar. Assim, este pai voltou para o encontro utilizando seu *smartphone*. Disse algo sobre ter caído na área, sofrido pênalti. Outro de nós brinca respondendo: “*A regra é clara*”. Rimos, e, seguimos.

São aqueles detalhes que nós, brancos, não percebemos normalmente. Sim, a regra é clara pois os corpos negros são os que mais sofrem em nosso país. A regra é clara, pois, de forma geral, gente branca e rica parece ter mais privilégios com essa tal regra. A regra é clara, pois os corpos negros que ingressam no sistema carcerário, não raramente, são esquecidos lá.

A regra é clara, onde diversos pais negros morrem jovens ainda, e, seus/suas filhos/as testemunham isso todos os dias.

A regra é clara, afinal, estivemos em isolamento social, dentro de nossas casas, realizando nossos encontros de pais. A regra é clara, no país do futebol.

Nesse lugar, onde assistimos propagandas povoadas de corpos brancos e serelepes, sorrisos límpidos e bem vestidos, a regra é clara... Ela também é clara quando um corpo negro aparece, desta vez, em uma propaganda de um produto de limpeza.

A regra é clara e heteronormativa, com todos atravessamentos que nos violentam diariamente. Rituais, olhares, discursos, práticas, toda essa infinidade de forças se faz regra, e, claro, se faz clara.

A regra é clara, é claro...

\*\*\*\*\*

*Vida e morte*

Era uma quinta-feira quando recebi uma ligação durante o horário de trabalho. “Lorena Casa” aparecia na tela do celular.

- Oi, tudo bem? – lhe perguntei logo que atendi.

- Oi. Sabe o Chico? Seu primo, Francisco. Infelizmente ele faleceu. Não deu. – falou a voz pesarosa de minha mãe.

- Puta merda. Não acredito. – respondi, e, logo ficamos em silêncio por algum tempo. - Tá bem. Depois a gente conversa, pode ser?

- Sim. Tchou. Me liga depois.

Acho que o silêncio que nos atravessava nessa ligação, as moribundas pausas, nada mais são do que algo que já prevíamos. Pedimos que todos se cuidassem, que evitassem se contaminar com esse coronavírus. Mas não adianta, família é aquela coisa que a gente não escolhe, né? A insistência de não usar máscara... E agora, com esse absurdo da falta de leitos, falta de oxigênio.

Como pode isso? É tanto ar que tem aqui. Como pode faltar? Como puderam dizer que estavam preparados? Que haviam preparado leitos... UTIs...

Chico que morava a algumas casas de distância da minha. Primo-irmão, amigo de infância. Lembro de quando éramos criança ainda, como éramos felizes tomando um simples banho de chuva, deitados à beira do meio-fio enquanto aquela água suja passava por nosso corpo. Era banho de risos e alegria.

Chico. Chico que estava lá quando meu pai morreu. Chico que me defendeu na escola. Chico que não podia estar junto de nós quando Bia nasceu, por causa da pandemia, mas que nos ligou por vídeo para conhecê-la. Porra, Chico... Bia está com dois meses agora e não vai poder te conhecer. O que custava botar a porcaria da máscara?...

Agora estou aqui, aos trapos, com uma vida no colo que não se deixa tragar pelo naufrágio brasileiro que é uma pandemia tratada com tamanha insensatez. Uma vida nova que germina, que com toda sua pequenina força arrasta seu diafragma capturando o ar, esse bem mais precioso nos tempos atuais. O ar que dá a vida, e que também lhe tirou a sua, Chico.

Como viver, agora? Como lidar com esse caos que se vive? Queria que Bia te conhecesse. Queria que Bia já soubesse o que é um parque. O que é passear. Queria que Bia já pudesse ter apalpado o teu rosto, o rosto de nossos pais... Bia, que nunca saiu de casa depois que veio do hospital. Bia, que por medo nosso, nunca respirou o ar da rua, o ar que lhe faltou, meu primo.

\*\*\*\*\*

É ambíguo, assim, te ter aqui em casa. Se fosse outro momento, se não fosse nosso privilégio, estaria na rua preocupado com cada trago de ar que inalasse nos pulmões. É tão ruim não poder sair. Mas também é tão bom estar contigo, assim, tão pertinho. Em outra situação, não teríamos essa oportunidade, de nos conhecer melhor. De estar mais tempo ao teu lado, mesmo que disputado a anteção em uma tela cheia de quadradinhos de gente e contigo ao mesmo tempo. É tão bom poder passar a mão na tua cabeça, mesmo que só de passada mesmo, enquanto vou na cozinha buscar uma xícara de café enquanto tenho um intervalo do trabalho. Pensa só, a força desse toque... Só de sentir os pequenos fios de teu cabelo na ponta dos dedos. Um leve toque que poderia mover uma montanha nesse momento.

Queria que tu pudesse estar na escola, com teus colegas, brincando e se divertido. Mas, também quero te ter aqui, pertinho de mim. Mais tempo para nós, mesmo que seja apenas para trocar alguns olhares as vezes. Para eu ver se está tudo bem contigo. Para tu me procurar, ver se eu estou em casa achando que eu sai por algum motivo qualquer. É ambíguo. É umbigo... É fio, cordão. É laço. Que nos liga, que nos embaraça, que nos enoza.

\*\*\*\*\*

Sem escola, sem nada. Celular, *smartphone*. Pais que tentam trabalhar em casa enquanto as crianças estão ilhadas também. Televisão ligada direto. Coisas espalhadas pela casa. Estão ansiosas também, essas crianças, mais do que nós até. Desgraça. Em uma aula qualquer, mais uma dessas que temos que dividir a atenção do nosso trabalho e estar junto com eles na aula, tentam

alfabetizar a turma. Seis meses de repetições, seis meses nessa lenga-lenga, e nada. A professora não aguenta mais, frustrada. A criança também. Eu, também. O que estamos fazendo?!

Ouçó em algum lugar, numa dessas chamadas de vídeo, do tempo perdido. Tempo perdido?...

Ouçó, nesse mesmo lugar, algo sobre essa geração, do meu filho, ser uma geração perdida...

**GERAÇÃO PERDIDA É A NOSSA!**

Nós, que não sabemos o que estamos fazendo. Nós, que votamos. Nós, que negamos. Nós, que cobramos o incobrável. Nós que insistimos no absurdo. Nós, que nos afogamos na atmosfera... Nós! Nós... Nós somos a geração perdida...

\*\*\*\*\*

Temo, não nego  
Temo por tua vida, pela minha também

Temo o que será de ti  
se estarei aqui...  
daqui a 5 minutos  
10...

Temo não ter tempo  
pra nada  
nem pra ti  
nem pra nada

Temo, aqui, sentado  
à beira da janela  
enquanto o Sol me banha...  
E quando nos formos?!

Temo que tu  
aos ternos 5 anos  
já não mais possa  
ser criança

\*\*\*\*\*

<Tira calçado, lava mão, passa álcool>

O tempo, nos últimos tempos, se alargou. O doméstico nos atropelou, como um trem descarrilhado. É preciso pensar... esse tempo de estar, na sala de estar. Doméstico como força, de mudança, de andança, vizinhança, esperança...

<Escuta tosse pela janela. Orelhas em pé como um cusco atazanado>

Protocolos, medo, covid. Tormento que não cessa. Perigo invisível, espreita a cada suspiro.

<Lava a mão. Espirra. Mão na testa. Parece quente. Será que estou com febre?!>

Não quero sair mais. Não aguento mais a casa. Minha filha diz: “não precisa se preocupar, agora podemos aproveitar a casa”. Fascínio. Tristeza. Poesia viva.

<Lava mão. Troca de roupa. Lava pescoço, rosto, antebraço. Desiste do banho de pia. Abre o chuveiro. Será que foi dessa vez?>

Enquanto em casa, encanto. Onde nos perdemos? O que nos levou a chegar a isso?

<Passa álcool nos calçados. Lava mão. Passa álcool. Limpa tudo, de novo, e mais uma vez pra ter certeza>

Ela vem, de mansinho. Alarga o tempo em seu andar. Escapa aqui, ali. Embriagada de vida, fascinada com cada detalhe, cada coisa que a encontra pelo caminho, ela para. Da sala ao escritório levo mais de cinco minutos. Uma parada pela estante, outra pelo rodapé. Uma formiga que corre, ela a acompanha até a mesma se enfiar em outra fresta. A casa, que parecia ter cinquenta metros quadrados, agora parece ser do tamanho de um bairro.

<Passeia com cachorro. Volta, passa álcool em tudo. Na guia, na roupa, no chão, até no pescoço>

A formiga lhe dá pistas... de frestas. Temos agora a chance de espiar por essas frestas. A vida pode estar nas frestas? Os pequenos raios de Sol que me ofuscam pela fresta... da janela. Enquanto trabalho, espio por uma fresta o que ela está fazendo. Enquanto me entristeço, enclausurado, apavorado do presente, por uma fresta ela me arrasta para fora. Pequenas frestas, desvios que tomamos, a cada instante. Sobre<frestas>vivemos.

\*\*\*\*\*

## *Monstros*

Microcefalia. Mosquito. Zika. Recém nascida. Perigo. Zumbido. Luz. Perseguição. Morte. Escuro. Zumbido. Raiva. Caça. Morte. Escuro. Zika. Cansaço. Zumbido. Choro. Pavor. Perigo. Inflamação. Emergência. Sustos. Casa.

Álcool. Perigo. Vírus. Máscara. Covid. Vizinho. Perigo. Mercado. Compras. Espirro. Fuga. Álcool. Trajeto. Casa. Higienização. Plástico. Medo. Delta. UTI. Oxigênio. Máscara. Trabalho. Isolamento. Risos. Tristeza. Casa. Perigo.

*“Cada fase temos um monstro que nos atormenta”* - Um dos participantes dos encontros.

\*\*\*\*\*

## *Despertar*

Todos os dias convivíamos. Almoço, janta, brincadeiras, risadas, brigas, enfim, tudo o que manda a regra da família feliz. Estava ao teu lado, dia após dia, mas não te via. Não me entenda mal, sempre estive presente, cuidando de ti, mas algo era estranho nesse nosso convívio. Eu não entendia muito bem tudo isso.

Certa vez, quando tudo parecia desmoronar, estava sentado no sofá da sala, o choro contido e a cara amassada numa tentativa fugaz e teatral de parecer bem. Você surge vindo do quarto, com seu copo de bico em mãos e o andar ainda apressado, e

estende a mão “roubando” meu nariz, naquela brincadeira que você sempre gostou. Você, aquela vidinha junto de mim, um ser ao meu lado, me alegrando, cuidando de mim também.

Coitado de mim, que te enxergava mas não te via, enquanto você já me via a muito tempo. Levei mais de ano para perceber que era pai. Teu pai. Meu filho...

\*\*\*\*\*

**“Essa apropriação da paternidade, ela tem um tempo que é diferente da maternidade”** – participante da oficina.

\*\*\*\*\*

O que que é ser pai? Ocupar um lugar social? Responder à um padrão que te demandam? Ter alguma função? Ter que fazer alguma coisa?

De algum modo, estar presente...?

\*\*\*\*\*

Ser pai para não ter que enfrentar esse outro? Por conta da pressão social, ser pai por causa dos outros, e não a partir do que me faz me perceber como pai...

\*\*\*\*\*

Dias esses, entre agosto e setembro de 2021, em um grupo de pesquisa que frequento, decidimos ler um livro de título *Crianças*, de María Jose Ferrada e María Elena Valdez. O livro inicia citando a ditadura chilena, que teve duração de dezessete anos. Durante esse período muitas pessoas foram perseguidas e mortas, sendo que, “trinta e quatro crianças menores de 14 anos estavam entre elas” (FERRADA e VALDEZ, 2020). As autoras buscaram em documentos elaborados pelo Estado o nome destas crianças, e, produziram essa obra em homenagem às mesmas.

Ainda não entendo bem o que se passa no meu corpo quando leio isso. Na verdade, agora que releio pela quinta ou sexta vez para escrever esse pequeno trecho algo ainda me atinge violentamente. As tripas se enroscam, um nó na garganta, a cabeça que não para de escapar para outros lugares, projeções sobre minha vida, minha filha, enfim...

Quando realizamos a leitura do livro, nos foi proposto escrever algo para essas crianças. Fiz, assim, uma carta destinada à Carmen, uma das crianças que teve sua vida abruptamente interrompida por tamanha estupidez. Pensei por um tempo se deveria trazer a carta que escrevi para esse texto ou não e confesso que até me sinto um pouco envergonhado, agora, de ter pensado isso. Como eu poderia lhe negar sua memória? Como poderia ter cogitado isso? É embaraçoso...

Segue a carta que lhe escrevi, Carmen:

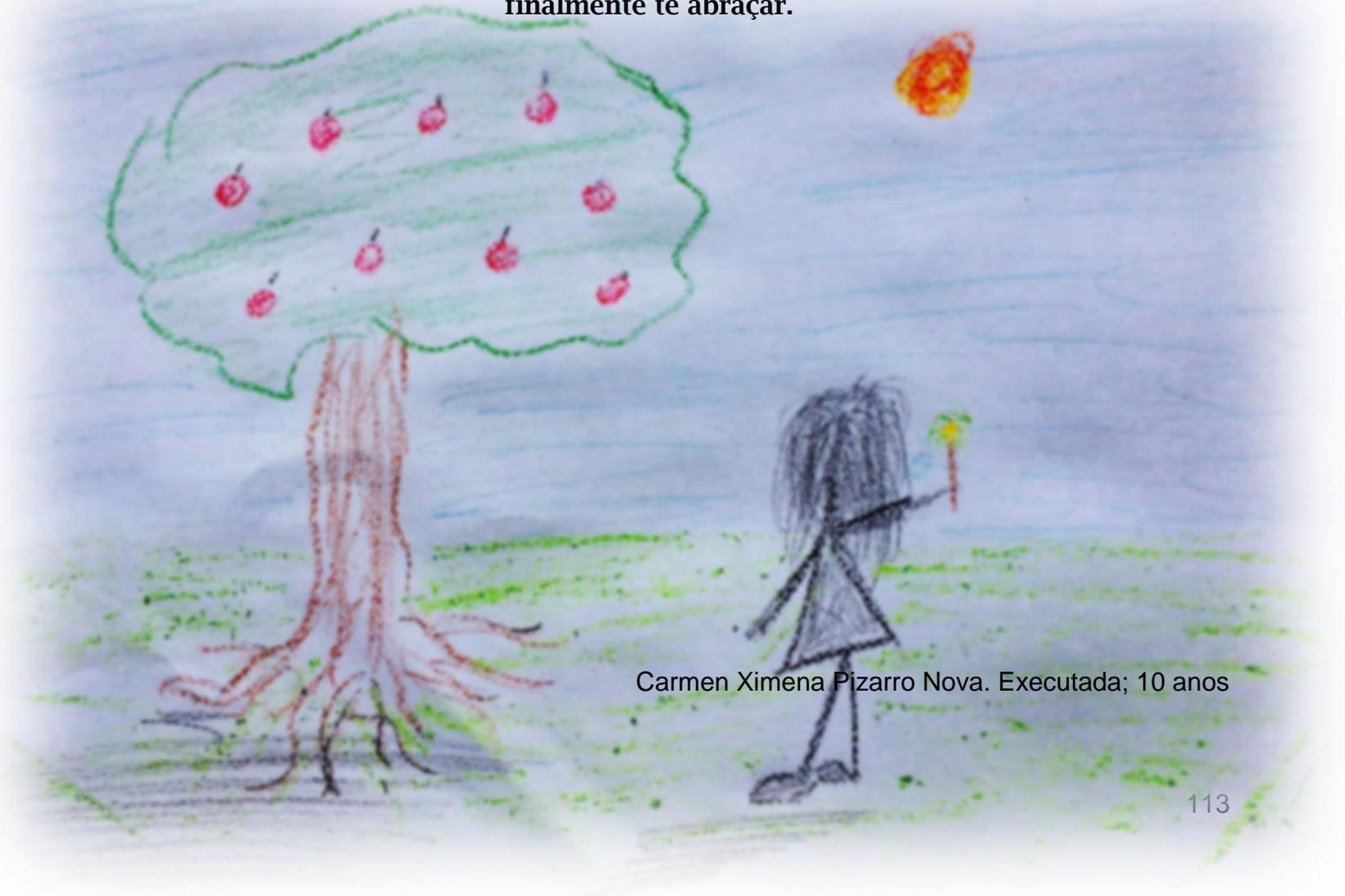
Carmen,

menina das horas,  
horas de árvore.  
ora, bolas  
não sabia?  
as folhas e os frutos  
estando ou não  
dizem em horas  
qual é a estação

se a folha caiu,  
ou até mesmo voltou,  
talvez seja Outono,  
ou quem sabe, Verão.

fruta que é relógio  
folha, ponteiro  
giram e giram  
o dia inteiro.

se meu braço pudesse  
aí longe, te alçaçar  
talvez eu conseguisse,  
finalmente te abraçar.



Carmen Ximena Pizarro Nova. Executada; 10 anos

Não se assuste com a frase acima. Apesar de parecer algo sem nenhum sentido, talvez haja algo que liga os mesmo entre si. A Teoria da Bolsa<sup>45</sup> aqui trazida vem de um texto escrito por Ursula K. Le Guin, traduzido por Camilla Zachello, onde a autora fala sobre o primeiro dispositivo cultural dos seres humanos ter sido, provavelmente, um recipiente – em contraposição à imagem clássica que nos venderam dos heróis com lanças caçando mamutes gigantescos. Ou seja, nosso imaginário sobre os primeiros seres humanos conhecidos gira em torno de violência, caça, morte, etc. Porém, Le Guin resgata essa história de forma a nos lembrar que nossos antepassados foram principalmente coletores. Assim sendo, antes da lança, flecha, faca, tacape, ou seja lá qual instrumento violento que pudermos pensar, o primeiro dispositivo cultural provavelmente seria um recipiente – para armazenar todos os itens que coletavam para poderem se alimentar em outro momento. Transportar e armazenar faz mais sentido do que o heroísmo violento que nos venderam todos esses anos.

Você sabia que *Hippocampus* é um gênero de peixes ósseos, pertencentes à família dos Syngnathidae. Talvez você nunca tenha ouvido falar de *Hippocampus*, mas já deve ter escutado sobre cavalo-marinho... Os cavalos-marinhos são animais ovovivíparos, ou seja, “colocam” ovos, e estes ficam depositados dentro de uma bolsa incubadora no abdomen até eclodirem, e, os filhotes serem liberados já aptos à nadar e se alimentar. Bolsa incubadora... armazenar... recipiente...

Paternidade. “Pai herói”, vi esses dias em algum lugar – uma rede social, ou propaganda na mídia, não lembro bem. Pai forte, que provê para o lar. Pai que caça mamute, que é o desbravador das fronteiras longínquas. “Que másculo!” – diriam alguns, por aí. Pai alcoolista, que se embriaga em frente à televisão e é violento – até mesmo na fala. Sucesso garantido, só que não.

---

<sup>45</sup> A Teoria da Bolsa aplicada à ficção, no título original: *The Carrier Bag Theory of Fiction*.

Imagine, agora, nossos antepassados há 120-150 mil anos atrás. Talvez não fosse o pai com lança que veríamos, mas o pai com a bolsa, o recipiente, coletando, armazenando, transportando. Talvez não seja a história que alguns gostariam de ver nos livros, como nos fala Le Guin, mas é um história tão, ou mais, importante do que uma lança e tripas com fezes pelo chão.

\*\*\*\*\*

## SOPA DE LETRINHAS

Memória de tempos passados. Faz tempo que não vejo no supermercado essas coisas. Na verdade, nunca prestei muita atenção nisso quando vou às compras. Não sei qual hábito tinham lá em casa, mas lembro que, para mim, a sopa de letrinhas era quase que um evento quando ainda era criança. Esses dias me peguei estudando as letras novamente. Dizem na escola, que a A. está no letramento. Logo pensei: eu também. Na verdade, depois de vários dias escrevendo letras das mais variadas formas (giz, tinta, canetinha), me aconteceu um acidente: um pensamento esbarrou em mim, assim, sem mais nem menos.

Já não me via mais no papel como Daniel, apenas como D. Em seguida, outros nomes foram assumindo forma de uma única letra: M, A, S, D, Q, G e por ai vai. As letras foram se somando no papel, em forma de abreviatura - que faz imagem de gente. Gente que faz aceno de afeto. Afeto que dá saudade. Saudade que se perde por aqui ou ali no canto.

Abandonamos, então, os pedaços de papel riscados e partimos para letras recortadas. Letras soltas, navegando em suas jangadas e sendo arrastadas pelas nossas mãos. As jangadas-letras eram imbricadas de vez em quando, formando um conjunto de letras. Disse para A que aquilo eram as palavras. Brincamos de palavras “sem pé nem cabeça”. Algumas vezes, ela me pedia para ler essas palavras que faziam som de tampa de panela caindo misturado com latidos e ecoavam risadas.

Nesse brincar letrado fomos nos palavreando cada vez mais. Já não éramos apenas letras soltas, mas começamos a nos perceber palavras. Percebi que estava no meu processo de letramento. Pescando letras para formar um nó(s) que é palavra. Talvez seja isso, então, que são as palavras: é um mundaréu de gente imbricada.

Quem sabe, é assim que a gente se forma gente. Se palavreando, como em uma sopa.

\*\*\*\*\*

## DE UMA ANÁLISE

A partir do início, é importante reiterar que essa pesquisa se deu em um grupo de perfis restritos. Como já dito anteriormente, homens, pais, brancos, hetero, de classe média/alta e com o privilégio de poder estar em isolamento durante uma fase da pandemia de COVID-19. Tais características do nosso grupo de pais pode ser que falem um pouco de quem somos, mas será que somos apenas isso?

Fomos produzidos nessa masculinidade, sem dúvidas. Isso se retrata em algumas piadas que “escapam” eventualmente. Fazer algumas relações sobre o sinal da internet com um pênalti de uma partida de futebol é um deles. No Brasil, o futebol era um retrato de algumas características da masculinidade. Nos últimos tempos, com uma maior visibilidade das mulheres ocupando lugar neste esporte, há um esforço de ruptura desse imaginário arcaico. Futebol é geralmente referenciado como um esporte violento (de “contato” como alguns gostam de dizer), e é tomado como uma das práticas da produção da masculinidade. Como já vimos nos autores anteriores, a prática da violência é um dos constituintes dessa masculinidade, e, ela retorna a todo tempo a nós, homens (mesmo para aqueles que nunca mais praticaram o esporte) na forma do discurso, piadas, frases clichês, etc.

De igual maneira, fazemos parte de uma sociedade em que esses padrões normatizadores estão incrustados, e nos atravessam o tempo todo - pelas mais diversas formas. Gestos, olhares, discursos, práticas, tecnologias, enfim, todas essas forças não produzem apenas um modo de pensar o masculino, mas também o feminino. Fazemos piadas, entre homens, que não fazemos enquanto há uma mulher no grupo. O que isso quer dizer? Muitas coisas, não?

Vamos lá. Vou utilizar alguns termos - como menino ou menina - no sentido de ser um termo frequentemente utilizado na vida em sociedade. Por exemplo, no nosso grupo haviam pais de meninos e pais de meninas. Só por dizer isso, de forma a ser preciso categorizar esses sujeitos para a sociedade e para as instituições, já há uma produção de subjetividade nessas crianças (e adultos) - sendo que **crianças** também é uma categoria que poderia ser discutida (mas esse não é o intuito nesse trabalho) o que irá mudar também o modo pelo qual nós, pais e mães, nos portamos perante eles e perante a sociedade e as instituições. As brincadeiras que serão disponibilizadas para essas crianças, o modo de se vestir, até mesmo o modo de como parar as pernas ao sentar, tudo isso, e mais um pouco, também é o que nos constitui enquanto seres produzidos, de subjetividades produzidas, mas também enquanto produtores. Um leque de estímulos que afeta nossos corpos e relações. O fato de refletir e questionar que tipo de sujeito estamos produzindo, enquanto pais ou mães, talvez seja algo que ainda precisamos exercitar muito (enquanto sujeitos, sociedade e instituições).

\*\*\*\*\*

Nossos corpos estão o tempo inteiro se relacionando com os mais diversos atravessamentos dessas forças que compõem nossa subjetividade, bem como estamos a exercer outras forças no meio - seja em outros corpos ou no mundo inanimado. Aprendemos a nos relacionar com o mundo de forma a sexualizar o mesmo, numa tentativa bizarra de generificar até mesmo objetos. Como nos alerta Guattari e Rolnik (2011), a produção de poder subjetivo está atrelada ao lucro capitalista, de tal forma que todos os processos sociais e materiais podem e são, em variadas medidas, consumidos - e estes nada têm a ver com as categorias naturais universais. Porém, os mesmos também nos alertam que não somos apenas vasilhames vazios esperando para serem depositadas subjetividades. Esses vários atravessamentos se confrontam com o próprio corpo - que também é um emaranhado de forças, de tal forma a se reconfigurarem o tempo todo, e coletivamente formarem a subjetividade (que seguirá também em

perpétua atualização). Assim, não bastam apenas os processos externos serem capturados, eles são confrontados com outros processos já próprios do corpo. Nossos corpos têm história, possuem seus preceitos éticos e morais, são políticos, já possuem uma estética que lhes agrada, etc, e, dessa forma, há sempre uma constante relação consigo mesmo e com os processos externos de tal forma a se constituírem em outra “coisa”. Hoje leio a história dos personagens animalizados de um modo, porém em outros tempos provavelmente leria de outro modo, a interpretaria de diferente maneira.

Que atravessamentos existem em uma postagem de vídeo em que um homem branco mostra uma menina de quatorze anos trabalhando e reforça o comportamento da mesma? Em seguida, ele ainda desafia a qualquer um que deseje a processá-lo e dá exemplos de outros casos que foram considerados trabalho infantil - debochando da questão. O que pode disparar esse tipo de atravessamento? Os comentários que percebo em seguida, nesse mesmo vídeo, são de várias pessoas parabenizando o autor do vídeo sobre sua atitude. Ainda existem comentários dizendo que se a criança estivesse se prostituindo ninguém falaria nada, mas como está trabalhando estão fazendo alarde da situação<sup>46</sup>. Como nos alerta Guattari e Rolnik (2011), a subjetividade não é algo que se produz individualmente, é algo coletivo - como se observa nesse caso do vídeo publicado em uma rede social.

Os comportamentos agressivos entre homens, como as demonstrações de poder, as competições de quem urina mais longe, os testes de quem aguenta sofrer mais dor, e várias outras formas de reforçar o masculino enquanto dominante, são todos processos compostos por diferentes linhas de forças que se enozam - o desejo, a sensação, os signos atrelados à isso, o “respeito” para com seus “iguais”, as possibilidades de futuro que se apresentam, entre várias outras linhas se enosam formando algumas dessas representações que culminam por representarem-se enquanto formas do corpo - discursos, estética, ética, gestos, política, etc. Os processos de subjetivação condicionam um sentido para essas representações e verdades de mundo que possuímos. Um corpo

---

<sup>46</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/marcos.lopes.75685/videos/3875707809123345>>. Acessado em 20 nov. 2020.

dito masculino, generificado, não nasce assim. O gênero lhe é imputado a partir de diferentes atravessamentos - linhas de forças - que vão flertando com o mesmo enquanto em relação com o ambiente, cultura e momento histórico em que está inserido, de tal forma a formar um fenótipo tido enquanto corpo masculino, com todos seus pressupostos representativos necessários para manter-se nessa categoria fenotípica. As paternidades são um risco, nesse sentido, pois nossos corpos não conseguem escapar do meio (ambiente) ao qual estão inseridos - e tendem a reproduzir de várias maneiras esses signos, discursos, gestos, que conferem sua forma como a conhecemos - assim sendo, as crianças que convivem com os mesmos acabam por participarem desse processo de subjetivação também. Porém, é interessante percebermos que os corpos não se comportam todos da mesma maneira, e isso não significa que a criança irá necessariamente se apropriar dessas formas generificadas apenas por conta disso, pois há outros atravessamentos que participam da vida da mesma (mídia, relações sociais), bem como a própria presença da criança <esse outro corpo> também entra em relação com o jogo de forças que compõe o corpo paterno, de tal forma que outros agenciamentos são possíveis.

Dessa forma, os processos de atualização das experiências de paternidade estão intimamente relacionados à subjetividade, sendo essa um conjunto de linhas de forças em constante embate entre si. Com a pandemia os corpos se depararam com novas linhas de forças que tendem a desterritorializar e reterritorializar os mesmos incessantemente, dando possibilidade a outras configurações de um “*vir-a-ser*” novidade.

Estar em casa com essas crianças é gerar novas atualizações, possibilidades de possibilidades de (re)pensar o próprio corpo masculino que compomos ao longo de nossa vida. Assim como os encontros que tivemos também foram, e são, formas de repensar a masculinidade – mas também de, talvez, reforçar a mesma.

\*\*\*\*\*

O humor é uma forma de ação muito antiga entre nós, humanos. Ele nos permite dar boas risadas, descontrair, relaxar e por aí vai. De forma geral, ele nos remete a uma sensação boa e reconfortante. Mas, apesar de tudo isso, o humor também sempre foi uma forma política de lidarmos com alguns assuntos, para além de uma inocência prazerosa. Temos as sátiras, por exemplo, ou ainda, várias piadas indiscriminadas nos meios midiáticos, hoje em dia, onde o entretenimento usa e abusa desses gestos humorísticos, acalentando o coração e a alma da sociedade que tenta esquecer dos seus problemas corriqueiros.

Para além de tudo isso, ou junto a tudo isso, temos o humor nos meios masculinos. Bueno, nada de novo, não? De fato, o humor me parece estar muito atrelado a uma “saidinha”, um escape para a masculinidade ter um espacinho e poder aflorar nesses corpos. Em nosso grupo de pais não foi muito diferente, apesar de termos ficado o tempo todo dando risada, uma hora que outra alguma frase risonha, ou alguma rápida “piada”, era lançada no intuito de descontrair uma fala que poderia ser “mal interpretada”. Para a sociedade, é normal os homens deslizarem, o que é um perigo. Então, o humor se torna uma ferramenta muito útil para podermos “pôr pra fora” algumas coisas que queremos dizer, mas que temos medo, ou não sabemos se ela será bem aceita.

Além disso, com o feminismo assumindo seu lugar em uma parcela da sociedade, e sendo um tema de discussão mais amplo atualmente, a impressão que tenho (na bolha em que vivo) é de que essas piadas machistas estão cada vez mais “fechadas” à grupos de homens, ou seja, momentos em que apenas homens estão juntos, sem mulheres.

Precisamos lembrar sempre que o humor não é apenas uma forma de nos alegrarmos, mas também um confessionário. Diria eu que, pior ainda, além de tudo isso, ele também é político. Ou seja, quando utilizamos essa ferramenta e externalizamos algo que,

mesmo sem perceber, seja machista, estamos produzindo subjetividades desse viés. Mais perigoso ainda, produzir subjetividade assim, que envolva uma boa risada, é produzir uma subjetividade que tem uma imagem positiva, que traga uma sensação boa, e, que se incruste mais profundamente em cada um de nós. Digo isso como professor, que utiliza do humor frequentemente para tentar associar alguns conteúdos, tentando fazer com que se lembrem deles futuramente.

Risadas são boas? Sem dúvida. Mas risadas também podem ser perigosas.

\*\*\*\*\*

Talvez esteja dizendo alguma bobagem aqui, mas dentro das leituras que fiz para essa pesquisa e a tessitura deste texto não encontrei algo sobre uma nova versão da Casa dos Homens. Lógico que segue sendo uma casa dos homens como nos traz Daniel Welzer-Lang, mas me atento a uma suspeita que já tinha antes de iniciar a pesquisa e da qual parece que vi algum lampejo durante o encontro de pais.

É importante citar que essa suspeita se dava para um “nicho ecológico” muito específico. Principalmente para homens com maior nível de instrução e escolarização. A casa dos homens é algo do qual não conseguimos escapar. Pelo menos nunca me vi escapando desse lugar. Foi muito certa e precisa a concepção desse conceito por Welzer-Lang. Essa construção coletiva e sequencial da masculinidade, em espaços estritamente masculinos, se dá de uma forma estruturada e que vai se repetir em diversos lugares. Inclusive nesta pesquisa.

Quando surge a ideia de fazer uma pesquisa sobre as paternidades e essa ideia é levada ao grupo de orientação da minha orientadora, várias ideias de como fazer a pesquisa vão sendo lançadas pelas/pelos colegas. Uma delas era de chamarmos mães também, ou seja, tentar confrontar um pouco essas paternidades com as maternidades (a coisa ia ficar séria, imagino eu. Heheheh). Porém, apesar das diversas ideias que tivemos, optamos (eu e a orientadora) em buscar um grupo apenas de homens. O meu medo, que havia confessado a orientadora, foi de que com a presença de corpos femininos no grupo talvez os homens se sentissem sufocados e amedrontados para “abrirem seus corações”. Então, imaginando a casa dos homens como um dos pilares para a produção dessa masculinidade, juntamente com a repetição incessante desses acontecimentos que vemos em Butler, a decisão se deu por convocar um grupo apenas de homens, mais “aconchegante” para os mesmos. Dito isso, é importante sempre

lembrar que sou homem também, branco, de classe média, produzido nessa óptica, e, que me considero instruído o suficiente para ser um perigo. Digo isso pois no início desse texto levanto o aspecto da instrução como uma forma de tensionar essa casa dos homens que se apresenta cimentada principalmente na violência, na exclusão, etc.

Voltando à questão da instrução e ao grupo de pais que se deu para essa pesquisa, digo que me considero um perigo pois, por conta de quem sou, também posso ter reproduzido e dado abertura para aspectos da masculinidade que estão mais complexificados do que apenas aqueles que geralmente percebemos. Há nuances da masculinidade que me parecem estar para além da violência banal, ou de um discurso direto que menospreze o feminino, etc. A instrução e escolarização permitem aos sujeitos masculinos complexificar essas formas de imposição da masculinidade dentro de espaços que frequentamos, inclusive utilizando de humor para tal. Como disse, ao meu ver a instrução pode ser perigosa.

Bueno, não digo isso para tentar falar que em nosso grupo fomos super masculinistas, ficamos falando mal de corpos femininos e etc. Não mesmo, isso não foi o nosso caso. Mas digo isso pois tive a impressão de que, como havia suspeitado, a casa dos homens se produziu em um outro viés diferente daquele que eu havia me apropriado nas leituras que havia feito. A casa dos homens, dos homens intelectualizados, não se dá pelo mais forte, pelo que urina mais longe, pelo que tem o maior pênis, etc. Pelo contrário, essas coisas são até mesmo consideradas barbaridades para esses homens instruídos, são até mesmo piadas. Para os homens intelectualizados, aquele que parece ser mais “desconstruído”, mais a par dos assuntos do feminismo, que tem maior cuidado para com as crianças, que é um pai que participa mais, etc., é justamente o que nos coloca em uma escala hierárquica de “comando” - ou de poder da palavra (onde outros irão escutar e até tomar como exemplo) para determinar o “caminho” que deverá seguir nossa masculinidade. Ou seja, a masculinidade para homens intelectualizados torna-se algo complexificado, onde as formas de perpetuação da masculinidade e de produção da casa dos homens se dá em um outro viés, um viés que é “melhor

aceito” pela sociedade do que as formas violentas, pois se trata, ainda, de ocupar uma posição superior aos homens comuns, ou seja, de homem-não-machista. O que quero alertar é que precisamos estar atentos para o fato de que os homens, mesmo aqueles que estão mais próximos dos estudos feministas, estão mudando de fato, porém há um risco aqui de quem em alguns grupos - estes grupos de homens instruídos, isso possa estar se dando na forma de complexificar esses comportamentos de forma a criar novos níveis hierárquicos da masculinidade. Ou seja, uma forma de reforçar a masculinidade, mesmo que essa se dê dentro de uma percepção que possa parecer mais feminista.

Afinal, ser um bom pai é importante para nós. Estar presente, participar, etc. Nesses nossos “clube do bolinha de óculos” a maior representatividade, o maior mérito, será que ser um “bom exemplo” de pai não é justamente o que mantém seu status masculino maior do que dos outros? Que te torna o “chefe escoteiro” da masculinidade nessa nova casa dos homens? Não é o que te permite ir até as redes sociais e divulgar toda sua linda, bela e “perfeita” paternidade? Que, como vimos em Hennigen & Guareschi. te dá poder sobre outros corpos utilizando a mídia?

É uma forma de manutenção e uma masculinidade, e paternidade, mais saudável? Talvez seja. Mas me parece bastante paradoxal e paradigmática essa coisa toda dessas novas masculinidades que se apresentam nas redes sociais, na mídia, nos professores homens (cultos)...

\*\*\*\*\*

*Do amor...*

Amor... um tema inesgotável, talvez. Tantas e tantos teóricos já se aventuraram por esse caminho que parece uma estrada sem fim. Falamos em amor, por vezes, de modo genérico, universalizante, mas o amor nunca foi genérico ou universal. Amamos? Sem sombra de dúvidas, sim.

Mas o que gostaria de levantar aqui não é se amamos ou não, ou ainda se o amor é algo bom ou ruim. O que quero trazer aqui é algo que me incomoda um pouco, aquela pequena coceira que segue incomodando, mas, que não sei ao certo o que fazer com ela.

Bueno, o amor é uma importante faceta da paternidade como a conhecemos - pelo menos moralmente falando. Amar está atrelado à estabelecer alguma relação com a(s) criança(s), de modo a estar junto, protegê-las, dedicar-se à mesma, etc. Ao cuidado parental, como dizemos na biologia. Um investimento dos progenitores para tentar ao máximo dar sucesso para sua prole. Mas para falar do que quero, preciso juntar alguns pontinhos.

Somos pais. Amamos. Mas também somos homens, produzidos em uma masculinidade onde a violência e o afastamento se apresentam como estratégias importantes para manutenção dos privilégios dos homens. Não vejo uma factível possibilidade de excluir uma questão em benefício da outra. Afinal, homens, pais, também amam - mesmo que sejam machistas. Assim, o que pretendo levantar de questão aqui é: seria a violência uma possível forma de amor para esses homens?

Veja bem, caso a ideia anterior se mantenha possível, a produção da masculinidade não exclui de forma alguma o amor. Pelo contrário, o amor é um importante instrumento para a produção dos grandes homens - na casa dos homens. De que se crie uma admiração por figuras masculinas que serão o exemplo para a produção dessa masculinidade - e que, como nos comenta Butler, a partir de repetições incessantes destes modelos ela irá se incrustar nesses corpos. Mas o amor ali está, em meio a violência, a humilhação, a disputa, a raiva, etc.

Agora, vamos passar para a questão dos pais e do seu amor. Pois, o amor não é algo estrito, ele é uma nuvem com diversas nuances em si mesma - com diferenças de altitudes, de pressão, de gases, temperaturas, etc. Vejam bem, como o amor poderia se apresentar em uma situação onde um filho, ou uma filha, sofra uma violência extrema de uma fonte externa - por exemplo, uma criança sendo assassinada. De que forma o amor desse pai, que perde seu filho, poderia se apresentar para com os agressores do mesmo? Eu tenho a resposta de como me sentiria, mas, isso seria um grande perigo pois estaria me colocando como sujeito universal ao respondê-la aqui. Porém, é algo para cada um de nós pensarmos um pouco - principalmente no caso de pais que buscam desconstruir (mesmo que um pouco) sua masculinidade. Logicamente esse questionamento vale para as mães também. Para todos que amam, de fato.

Digo isso pois nesse exato momento, da escrita desse texto, uma guerra é travada entre Rússia e Ucrânia. Um dos discursos que ouvi, que me chamou a atenção e me fez pensar sobre a relação do amor com a paternidade/masculinidade, foi do presidente ucraniano Volodymyr Zelensky. Neste, ele basicamente diz que a Ucrânia não perdoará os bombardeios russos com a morte de civis. De igual forma, ele inflama sua população para utilizar o amor pelo país, e por seus entes queridos, para fazer uso da violência contra os russos. Não vou tomar partido aqui quanto ao apoio de um ou outro país, mas quero pegar a questão da masculinidade fazendo uso do amor como incentivadora da violência contra o outro.

O que seria uma dessas facetas do amor para os homens? Para a paternidade? Amamos aqueles que estão perto de nós, que nos nutrem de alguma forma, seja com um sorriso, um “roubo” de nariz, um abraço, um “eu te amo”, etc. Mas, se atacarem quem amamos, avançamos como cães raivosos pra cima desse outro, desse inimigo de meus entes queridos, dos meus amores, para dilacerá-los, destruí-los por completo? Seria isso uma faceta do amor de um pai?

\*\*\*\*\*

## DOS MAPAS

Traçar é um processo de escolha. Uma escolha relativa à decisão de iniciar um mapa, mas, também, uma escolha durante o processo de produção do mesmo quanto aos traços a serem marcados - o que lhe captura naquele momento e que você (a)risca no papel. O mapa é sobre os detalhes, aqueles detalhes que lhe pegam pelo pulso e o colocam em movimento.

Partindo da escolha de fazer ou não os mapas, apenas dois pais decidiram-se por tracejar, o que totalizaram três - contando comigo. Os mapas, esses mapas, talvez falem um pouco de muitas coisas diferentes, talvez não. A começar pelo fato de três produzirem os mesmos em um grupo total de nove participantes.

São mapas em tempos de pandemia, em um tempo em que o isolamento social dava indícios de estar se aproximando do fim, ou seja, mesmo para todos nós, privilegiados, que estávamos em casa, alguns de nós já ensaiavam o retorno à modalidade presencial de trabalho. Para aqueles que permaneceriam em casa, talvez a vida ainda estivesse um “enrosco”, pois, mesmo com mais de um ano em isolamento social, a rotina nunca se organizou nesse período - ao menos em minha casa. Quando algo estava começando a se organizar para ter aquele tempo “sobrando” para as atividades extras, alguma novidade florescia e surgia outro acontecimento, o que já desestabilizava tudo novamente. Assim sendo, parar por alguns minutos e dar início ao processo de produção do mapa, talvez fosse mais um fator desestabilizador, o que poderia tornar-se um novo problema.

Talvez, também, a lógica temporal que está em nosso entorno pode ter sido um fator importante. As instituições, sejam elas a família, a empresa, a escola, enfim, são formas de regularem (em alguma medida) nosso tempo. Ser pai (ou mãe), trabalhar, prestar contas, dar conta de outras tarefas domésticas, são um turbilhão de fatores que podem ter influenciado nessa desistência

de mapear as presenças próximas. Somos arrastados por cada segundo que passa do nosso dia. Uma tarefa se costura em outra, e quando vemos, já se passou o dia. Essa é outra possibilidade que pode ter sido um impeditivo para a realização dos mapas.

Há, também, o perigo em fazer um mapa. Um mapa é lançar luz sobre algo. É marcar o relevo desse território, e de forma compulsória, nos fazer observá-lo. O próprio mapa pode ser um duplo risco: o de riscar no papel, mas também o risco de se expor. Para alguns homens, se expor pode ser um risco muito grande, ou um risco muito profundo na trama de celulose do papel. Afinal, todo risco vai, de alguma forma, deixar cicatrizes, marcas, vestígios. Lançar luz também é prestar atenção nas presenças próximas a nós. É ter atenção e cuidado para com o outro. E, vale lembrar, somos homens, produzidos nessa masculinidade que estimula o contrário disso. As brincadeiras de nossa infância não foram para cuidar do outro, mas para subjugá-los de alguma forma – pela força, pelo discurso, pela intimidação.

Nesses mapas, nessa tentativa de fazer jangada, fazer rede, é curioso pensar que as linhas de movimento de nossos corpos podem produzir algum efeito. Ouvi, certa vez, na biblioteca do prédio do Instituto de Psicologia da UFRGS, durante um evento memorial para a professora Tânia Mara Galli da Fonseca, alguém comentar sobre algo que Tânia havia lhe dito. Não lembro exatamente as palavras, mas era alguma dessas frases impactantes, que nos desconcertam, e que falava sobre o olho que toca. O olho que toca... Vejam só, o olho que tem o poder de tato, de se lançar para além dessa limitação que impusemos no mesmo, e vai lá longe, tocar na distância que a mão não alcança. Nos mapas, esse olho toca, e também desenha. Acompanhar os corpos, traçar linhas, é tocar nesses movimentos, tocar nesse plano que está em outra ordem, para além da linguagem, para além do tato, para além do “permitido”. Com Deligny aprendi a desenhar mapas, mas foi com Tânia - mesmo sem nunca tê-la conhecido muito bem - que aprendi a tocar nos mesmos.

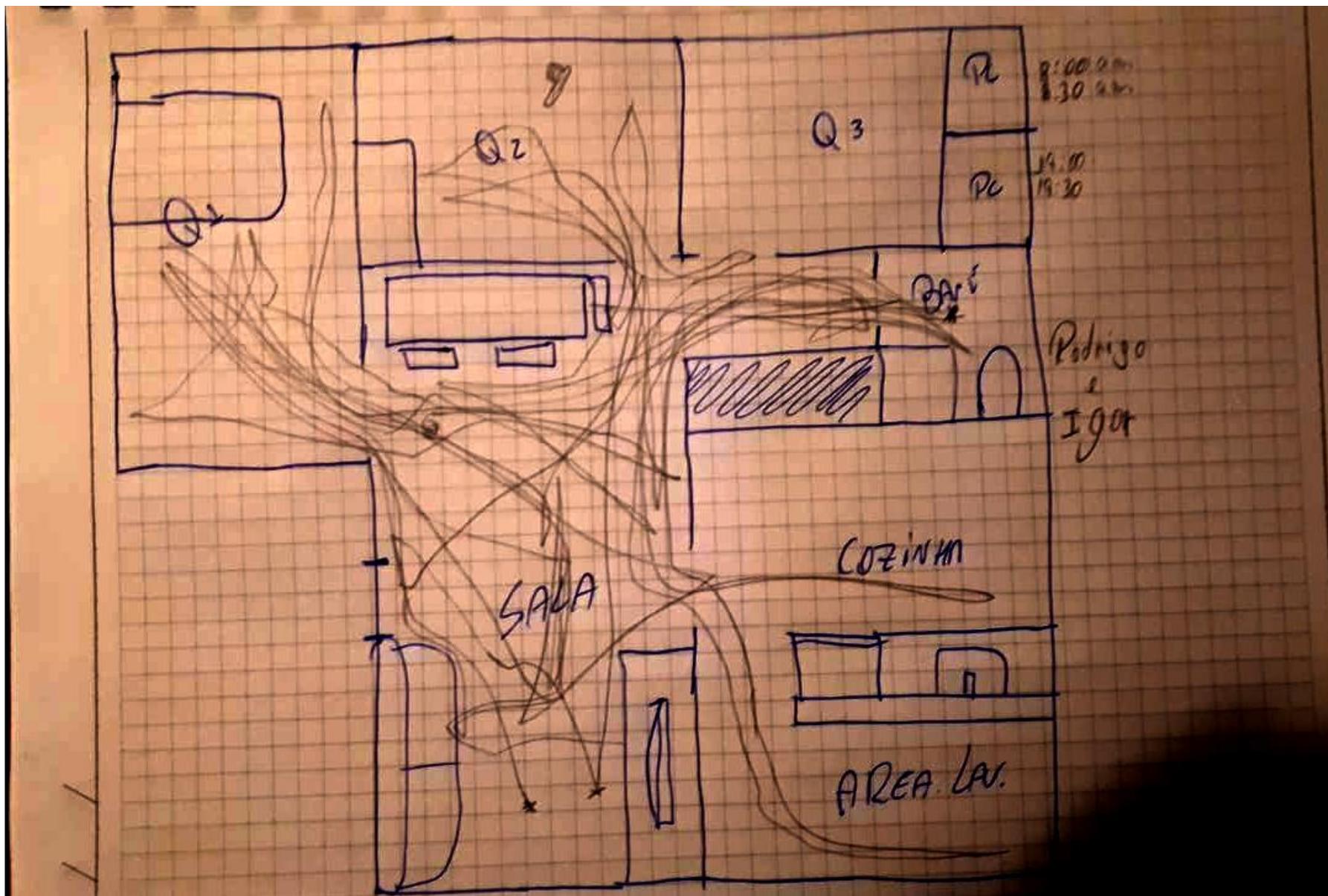


Figura 8 – Mapa realizado em papel milimetrado.

Este mapa foi produzido pelo pai que mora em São Paulo. Sendo assim, o mesmo rejeitou os materiais do *kit* que seriam enviados e o fez com os que tinha em casa. Podemos reparar que o mapa se deu em um intervalo de tempo de 30 minutos de manhã, e 30 minutos à tarde – totalizando uma hora de produção do mesmo.

Há um investimento territorial nessas presenças no Q1 (quarto 1), na sala e no Q2 (quarto 2). Mas, essas presenças que ali estão, circulando pela casa, se apertam pelos corredores em busca de algo que lhes convoca a circular. O relato desse pai é de que a sala é o local da televisão, uma zona de parada. De fato, as linhas são escassas nesse ambiente, apesar de podermos ver *desvios*, linhas que escapam. Em uma dessas linhas, talvez possamos sentir a pequena mão que vai de encontro a televisão, numa tentativa fugaz de tocar na imagem em movimento projetada. No corpo da criança, que ainda constituído em *homenzinho* – ainda desprovido da palavra que localiza e estabelece limites para as coisas – tenta romper a distância da tela e do que ela projeta, para então, estar junto em corpo, com o programa que assiste. Enquanto isso, o corpo do *Homem*, dotado do discurso inscrito em seu corpo, dos gestos já organizados em representações cotidianas, se lança em movimentos diretos e assertivos. Vai à lavanderia e coloca a máquina a funcionar, vai à cozinha e volta, desloca-se pela casa longe das paredes, no intuito de não esbarrar nos objetos, na parede, no território que é ilha, casa. Sem esbarrar, sem tocar a geografia do que o cerca, ele vai, perambula pela casa. Diferente da criança-lagartixa, que se arrasta pelas paredes ao transitar de um lado para o outro, faz visitas constantes a outros endereços, onde o corpo não está séssil, enraizado na representação. Mas notem, esse mesmo corpo já dá sinais da linguagem, da mesmisse que transpira pelos poros: o Q3 (que é um escritório, segundo o pai) não é visitado pela criança. Há, porém, um flerte. Uma parada na porta. Um vislumbre. Quem sabe a criança-lagartixa havia visto um inseto lá dentro? Um pequeno invertebrado pronto para nutrí-lo desse desejo? Quem sabe esteja tocando, com os olhos, tudo aquilo que é possível?

Enfim, há linhas duras, repetidas como a produção de respostas em uma prova, e há pequenos escapes, linhas desviantes: a cadeira da sala, a televisão e o escritório que lhe chama sussurando seu nome. A casa se faz, para o pequeno, enquanto espaço para explorar, e para a presença do adulto que ali estava, se faz enquanto espaço para gerir, organizar, controlar o *homenzinho*.

\*\*\*\*\*

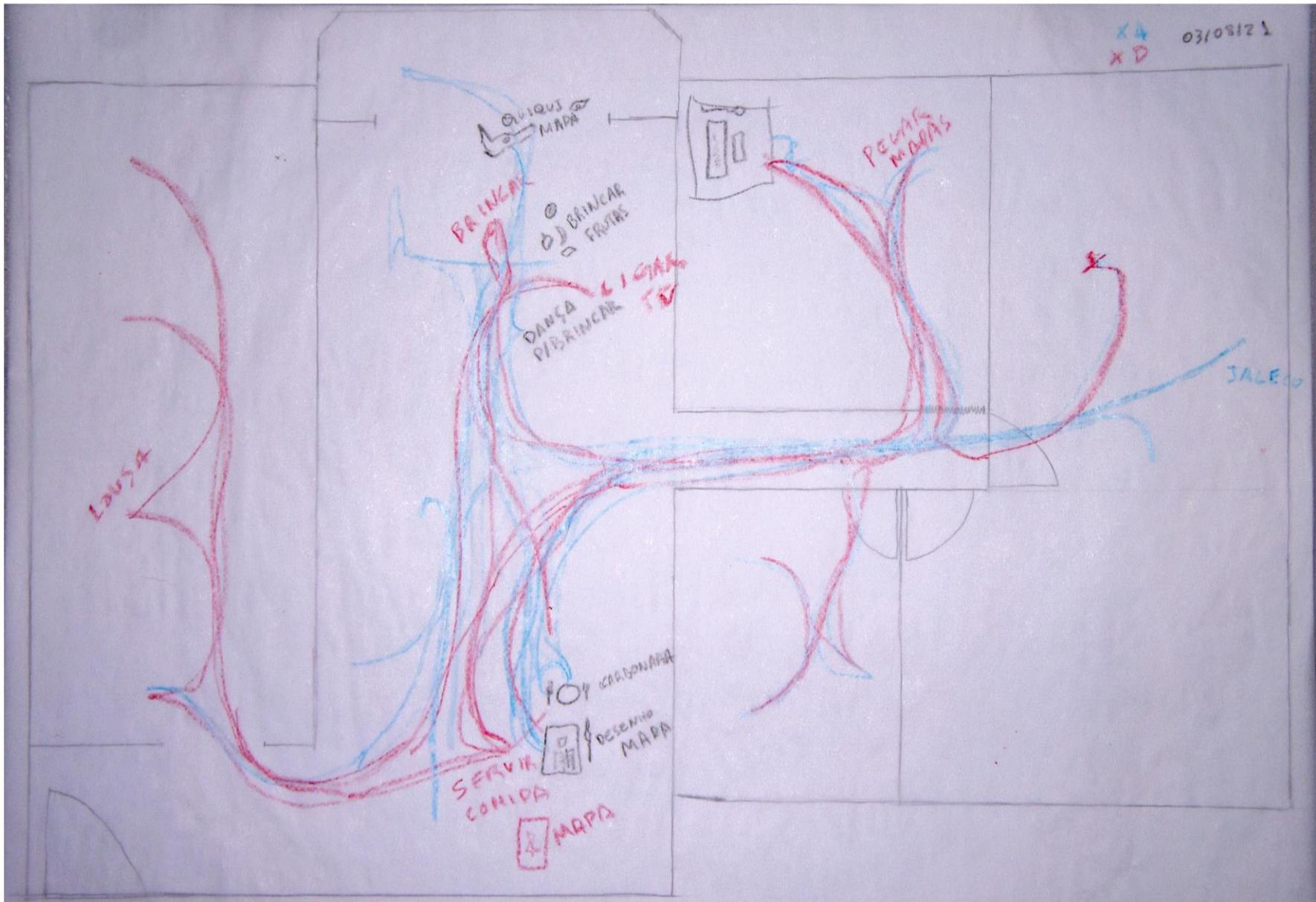


Figura 9 – Mapa atencional. Linhas azuis – criança; Linhas vermelhas – pai.

As linhas demarcam movimentos comuns, mas também aproximados. O pai pouco se movimenta, tenta ser mais assertivo em seu transitar pela casa, de igual maneira que pode-se ver no mapa anterior. A criança explora mais frequentemente os espaços, porém fica evidente que há uma assemelhação do outro mapa (figura 8), ou seja, a diferença aos poucos dá espaço para um código permitido. Gestos, movimentos, limites “estabelecidos já pela casa”, que findam por ser em alguma medida coercitivos para os corpos. Esse movimento, já tomado enquanto pronto, uma representação do movimento, uma fração do movimento, por assim dizer, abafa a diferença do corpo comum, dessa rede que se dá na casa.

Apesar disso, pode-se reparar alguns movimentos errantes da criança. Deslizes, desvios, pequenas escapadas. Em certo momento o corpo se expande e dança no meio da sala. Em outros momentos, apesar do caminho parecer direto, algo lhe chama a atenção e ela, criança, escapa, desvia. Assim, o território vai aos poucos se moldando, deixa de ser o ambiente inerte da casa de alguns segundos atrás, e se abre em uma linha de fuga, que se coloca a produzir outros universos. Um gesto sem sentido. Outro gesto que era o esperado pelo pai. Esse corpo comum, essa jangada, aos poucos vai tomando forma.

\*\*\*\*\*



Os corpos transitam pelos cômodos. No primeiro andar: cozinha, sala/mesa e sofá. No segundo andar: cama, corredor, banho (banheiro). Trafegam entre andares, como fazem os gases nos estratos da atmosfera. Hora nuvem de chuva, hora nuvem de algodão. Por vezes, há uma volta em si mesmo: esse corpo, perdido nesse lugar, gira em torno de si como faz a Terra, buscando encontrar algo que lhe ajude a se localizar no território. Essa volta, uma volta qualquer, tomada enquanto fôlego, é a mesma volta que já estamos dando todos nesse momento. Giramos, incansavelmente, sobre a Terra a mais de mil quilômetros por hora: é um giro sobre outro giro; aceleração do movimento da Terra, que, desloca o centro da mesma – do corpo, da alma, do lugar.

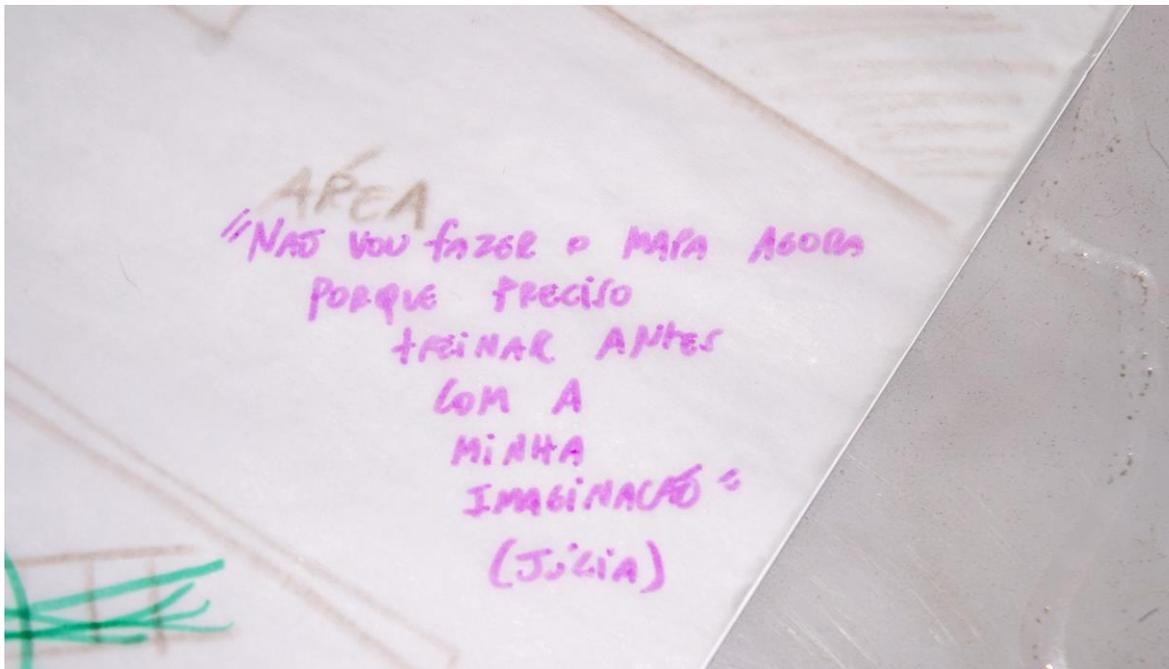


Figura 11 – Frase dita pela criança e registrada pelo pai durante a tecitura do mapa.

\*\*\*\*\*

A criança, por vezes, está num outro lugar. Está naquele lugar onde o olho toca. O adulto, geralmente, não está mais lá. A criança experimenta, se perde, dá voltas, se arrisca, enquanto que o adulto, já “calejado” não mais o faz. Está assimilado, esse adulto aí. Ele repete, na sua práxis, no discurso, no gesto, aquilo que já “lhe cabe”. O que “pode” ou “não pode”, barreira imaginária, como uma casa com paredes imaginárias - apenas riscadas no chão. Não percebe mais, esse adulto confuso no seu raciocinar, que também está brincando. Brincando de imaginar parede, limite, prisão. Encena, representa, e sem perceber também escapa, desvia. Por vezes, até se “pega” rindo sozinho. Nessa rede, nesse lugar onde as presenças próximas se orientam em conjunto, onde se faz jangada, o limite do que “pode” e “não pode” se afrouxa como a gola mastigada de uma camiseta. Se esgaça, não de forma a fazer a jangada afundar, mas, pelo contrário, como forma de dar a maleabilidade adequada para a mesma, permitindo-a navegar sem se desfazer.

Por sua vez, a criança também irá se assemelhar, mas agora na forma do discurso e prática que o adulto lhe apresenta. Cria seu próprio repertório de possibilidades, a partir dessa presença próxima, desse corpo ali, logo ali, ao seu lado. Mas o olho, esse pequeno olho da criança, é o olho que tem dedos. Já havia, certa vez, escutado quando criança: “Tem dedo no olho?! É pra ver, não é pra tocar”. Enquanto que eu, inocente, mal sabia que tinha esse poder: o poder do toque, e que ainda iria arriscar perdê-lo, em boa parte.

\*\*\*\*\*

O que nos resta dessa pandemia? Essa pandemia que parece não ter fim. Cicatrizes num papel? Pegadas pela casa? Ansiedade? Fadiga? Exaustão? Sim, tudo isso e mais um pouco. Porém, para além do pessimismo, resta-nos algo que talvez não caiba nesse texto. Experiências, vivências, sorrisos, aprendizagens, possibilidades. Narizes foram roubados nessa pandemia, memórias foram resgatadas, a nostalgia... Ah! A nostalgia. Parece que, quanto mais envelhecemos, mais *experts* ficamos em nostalgia, em querer contar histórias para nossos(as) filhos(as) num reduto de alegria daquele tempo que se perdeu. Talvez não tenha se perdido, afinal, essa nostalgia também é mapa, e que por vezes não percebemos. As memórias também foram traços que marcamos, algo que capturamos em um determinado espaço-tempo, e resgatamos depois. Só não fizemos isso em um papel vegetal, como fez Deligny, ou ainda como nós fizemos, pais, nessa tentativa fugaz que se deu enquanto pesquisa.

Os rastros ficaram pela casa, permaneceram. Apesar de parecerem evaporar a cada instante, algo se manteve, permaneceu. Um *flash* de uma imagem; uma frase perdida aqui ou ali; uma brincadeira; um estresse (aprendizagens, como chamamos quando adultos). Estes são, também, icnofósseis - só que de outra ordem. De uma ordem que nem sempre é física, que pode ser riscada em um papel. São icnofósseis que estão na ordem da subjetivação, das forças, que em suas linhas, traçam memórias em nosso corpo. Produzem subjetividade, rizoma, mapa, rede e jangada.

Acho que nunca me esquecerei do primeiro dia em que levei minha filha para a escola. Um evento aterrorizador, traumático seria sua classificação/categorização, e que até mesmo foi parar em um conjunto de textos de um livro – *Aprendizagens distópicas aplicadas à psicologia da educação*, organizado por Luciano Bedin da Costa e Diego Souza Marques. Vejam só, na época já conhecia os rizomas de Deleuze e Guattari, já havia estudado cartografia com seus grandes nomes nacionais: Kastrup; Passos;

Pozzana, etc. Mas eu pouco sabia de Deligny. E, lá estava, fazendo mapas sem nem ao menos saber disso. Deligny, sujeito simples, que escapa o tempo todo, que se “isola” para viver naquela comunidade no interior da França, em *Cévennes*, longe da academia de alguma forma. Lá se produziu tudo isso, mapas que poderiam capturar gestos desprovidos de sentido. E eu, tentando deixar minha filha na escola, lá por 2016 ou 2017: ela chorando, eu – entrincheirado pela minha masculinidade – tentando segurar o choro, o medo. Gritos, desespero. A pequena, aos seus quatro anos de idade, havia tentado fugir pela janela da escola. Lembro da rua calma, inerte, enquanto alguns pais e mães esperavam, assim como eu. Alguns outros debandaram. Os portões da escola estavam fechados, para evitar fugas (ou resgates). O tempo estava úmido, chuviscava, e eu, sentado dentro do carro, aguardando ansioso e desesperado para “resgatar” minha filha. Eu, professor, com medo de escola. Vejam só, isso não é um mapa? O território está ali, as linhas ainda posso senti-las e aprendê-las. Enfim, essa memória, nostalgia ou não, me parece um mapa também, só que não em papel vegetal.

Fazemos isso o tempo todo, com maior ou menor frequência. E acho que aqui reside algo tão belo dos trabalhos de Deligny: pesquisar, cartografar, fazer mapas, não é só coisa de “gente estudada”. Não é preciso um diploma, graduação ou pós-graduação, para deixar rastros por aí, menos ainda para registrá-los. Abre-se aqui a potência que há nesta pesquisa, de fato. Abrem-se as trancas e os portões da mesma. Todos nós produzimos o tempo todo icnofósseis, afinal, somos seres que transitam sobre a crosta desse planeta. Marcamos o piso com o arrastar das cadeiras na sala; organizamos móveis de forma a nos situar no espaço; cada mínimo gesto que realizamos participa desse fenômeno que é produzir um mapa, rizoma, de fazer de alguma forma, rede.

\*\*\*\*\*

A proposta dos mapas tinha como objetivo uma tentativa. Apenas isso, tentar fazer mapas, laços, rede, teia, jangada. Essa pesquisa não foi pensada no objetivo de determinar algo: de poder dizer, ao seu término, o que é ou não é uma paternidade. Não se objetivou de forma alguma criar um retrato, caricatura, ou representação das paternidades pandêmicas. Nesta, buscou-se tentar fazer rede com pais pandêmicos, e, principalmente, usar dos mapas como forma dos pais pararem para olhar as crianças em casa.

Após ler os textos *Práticas de cuidado e cultivo da atenção com crianças* (CALIMAN; CÉSAR; KASTRUP, 2020) e *O cultivo atencional como exercício de participação: oficinas com crianças na saúde mental* (CALIMAN *et al.*, 2018), fica impressão de que a pandemia produziu ecossistemas atencionais precários. Tais ecossistemas precários, segundo Caliman, César e Kastrup (2020), não são interessantes ao falarmos sobre atenção. Isso me faz pensar: “paternar” durante uma pandemia, nesses ecossistemas atencionais precários, poderia gerar sofrimento? Sofrimento nas crianças? Nos pais? O que se percebe, pelos relatos dos encontros, é que algo ali não estava muito bem. Não apenas no sentido escolar, assunto que veio a tona (sobre as alfabetizações), mas também no quesito do confinamento. Um de nós, inclusive, relatou que estava apavorado que sua filha, já com alguns meses, “nunca havia visto a luz do Sol”, tentando se referenciar que ela não sabia o que era uma praça. A mesma nasceu durante a pandemia, e do hospital foram direto para casa e ali ficaram, isolados.

Uma das estratégias de usar os mapas de Deligny foi de tentar direcionar esses pais a prestarem atenção em suas crianças. Tarefa essa que sabemos não ser algo comum da masculinidade, por conta da produção da mesma. A masculinidade vai se produzindo no viés do afastamento, da violência, da disputa, ao contrário de uma prática de atenção e cuidado. Assim, os mapas

também buscavam ser uma tentativa de fazer surgir essa relação, de estimular em alguma medida esse contato e problematizar a própria masculinidade. Um fazer com.

É importante dizer que atenção não é a mesma coisa que focalização. Essa classificação tem um sentido binário, onde atenção estaria relacionado à desatenção, ou seja, atenção seria tratada como uma focalização. Segundo as autoras, e seus textos, atenção não é isso. A atenção se produz de modo coletivo, conjunto. Coletivo, pois ela se dá através de ambientes heterogêneos, cercada por corpos, objetos, mídia, materiais, etc. E conjunto pois a atenção se produz pela relação que se estabelece com esse coletivo. Assim, um “ecossistema atencional é um complexo folheado de atenções que coexistem, interpenetram-se e se coafetam” (CALIMAN; CÉSAR; KASTRUP, 2020, p.172).

Nestes ecossistemas a distração também é fundamental, pois ela pode estimular e dar espaço para experiências de problematização (ibidem, 2020, p. 172). Dessa forma, podemos também procurar nos mapas alguns destes eventos, como aquelas linhas que escapam, desviam. Onde o corpo se distrai da rota que iria fazer, do seu “caminho” (uma possível linha dura), e escorrega para outro lugar. Produz novos significados, tensiona o que já estava dado naquele território e, até mesmo, naquela relação. Um mapa é algo coletivo e também conjunto. Distrair-se é fundamental para a atenção, mas também é um fenômeno que permite experimentar a errância, segundo as autoras.

Os objetos que nos cercam também fazem parte dessa atenção conjunta, pois os laços que se estabelecem entre os sujeitos se dá pela presença destes objetos. Um dos exemplos utilizados é o da criança recém nascida, que em algum momento segue o olhar da mãe/pai em direção a um objeto. Ambos veem o objeto, a si mesmos, e ao outro. Desta forma, um laço se forma no entorno dessa relação que se estabelece. Isso requer uma co-presença, que de alguma forma foi o que se buscou com os mapas. É

possível perceber esse laço nos momentos em que a criança circula pela casa enquanto o pai, ao mesmo tempo, traceja seu movimento, seu gesto.

Esses mapas foram pensados na tentativa de problematizar as masculinidades e paternidades. De fazer esses pais, que por serem homens, que geralmente escapam das práticas de afeto e cuidado, estarem presentes com aquelas crianças. Co-presenças habitando um território, e traçando os movimentos dessas presenças próximas. Estar com as crianças não é apenas habitar o mesmo ambiente, é ser afetado e afetá-la, é se relacionar com o território de forma a produzir significados nestes. E, ainda, distrair-se e expressar gestos desprovidos de sentido. Esses mapas, essa brincadeira séria, foi uma tentativa de produzir afetos outros, de ressignificar o ecossistema atencional que ali se constituía, numa pandemia, cercada de desinformação e morte. São mapas da vida que eclode nessa relação, nesse pequeno intervalo de tempo, que se enrosca no entorno.

Atenção conjunta é prática de cuidado (CALIMAN *et al.*, 2018), assim como os mapas. É sensibilizar o olho para tocar naquela presença próxima. O afeto costura essa atenção, ele prolonga esse contato e faz com que haja maior consistência atencional (CALIMAN; CÉSAR; KASTRUP, 2020, p.174). De igual maneira, as autoras falam sobre *ressonância afetiva*, onde microgestos, signos, discursos são formas de mediar a atenção. Isso se dá no âmbito de uma conversa, por exemplo, onde falamos e gesticulamos. Essa ressonância afetiva também está nos mapas. Está no cuidado de quem faz o mapa, em estar atento para os pequenos gestos desse outro, dessa presença próxima. É a visita que a criança-lagartixa faz ao escritório da casa, e que provavelmente ao olhar em volta viu seu pai o fitando em sinal de negativa – ou já havia experimentado isso em outro momento. Aquele olhar de pai e mãe, pequeno gesto, em que esse olhar “de virada de esquina” já traz consigo diversos outros significados.

Além disso, é preciso improvisar para estar atento à atenção do outro (CALIMAN *et al.*, 2018, p. 49). Atenção conjunta é invenção. Produz novos mundos. Estar atentos às crianças pode ter sido uma forma de produzir “oásis” nesta pandemia, nestas ilhas que habitamos. Um refúgio para os desafios que a pandemia nos impôs. Estar atento é estar aberto à imprevisibilidade da vida, do outro. Assim tentou fazer Deligny. Assim tentamos fazer nós, aqui, nesta pesquisa.



Figura 12 – Criança produzindo mapa junto do pai. A casa é vista de inúmeras formas.



Figura 13 – mapa da casa e linhas. Atenção conjunta e coletiva que produz novos mundos a partir dos mapas.



Figura 14 – Mapa da casa produzido por criança mostra as percepções da mesma para esse território.

## REFERÊNCIAS

**Dicio, Dicionário Online de Português.** Porto: 7Graus. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/meio/>>. Acesso em: 12 set. 2020.

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. *In: Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*<sup>2</sup>. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 131–149.

ANDRADE, Darlane Silva Vieira. Para abaixo da linha do equador : o standpoint e as produções feministas acadêmicas do terceiro mundo. **Revista Feminismos**, v. 3, n. 2/3, p. 36–47, 2015.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. *In: Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 52–75.

BBC NEWS BRASIL. Relembre frases de Bolsonaro sobre a covid-19. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53327880>>.

BOECHAT, Mhyrna; KASTRUP, Virgínia. A experiência com a Literatura numa instituição prisional DOI 10.5752/P.1678-9563.2009v15n3p22. **Psicologia em Revista**, v. 15, n. 03, p. 22–40, 2010.

BRASIL. **LEI Nº 13.979, DE 6 DE FEVEREIRO DE 2020**. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-13.979-de-6-de-fevereiro-de-2020-242078735>>. Acesso em: 3 out. 2020.

BRUNO, Fernanda. *Objetos técnicos sem pudor : gambiarra e tecnicidade*. p. 136–149, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALIMAN, Luciana Vieira; CÉSAR, Janaína Mariano; KASTRUP, Virgínia. Práticas de cuidado e cultivo da atenção com crianças. **Revista Educação, artes e inclusão**, p. 166–195, 2020.

CALIMAN, Luciana; CÉSAR, Janaína Mariano; PIANCA, Victoria Bragatto Rangel; *et al.* O CULTIVO ATENCIONAL COMO EXERCÍCIO DE PARTICIPAÇÃO: OFICINAR COM CRIANÇAS NA SAÚDE MENTAL. **Ayvu: Revista de Psicologia**, v. 05, p. 42–66, 2018.

COSTA, Luis Artur; FONSECA, Tânia Mara Galli. Da diversidade: Uma definição do conceito de subjetividade. **Interamerican Journal of Psychology**, v. 42, n. 3, p. 513–519, 2008.

DEL-CLARO, Kleber. **Introdução à Ecologia Comportamental: um manual para o estudo do comportamento animal**. 1 ed. Rio de Janeiro: Technical-Books, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos**. São Paulo: n-1 edições, 2015.

DYNIWICZ, Luciana. Com a pandemia, participação das mulheres no mercado de trabalho é a menor em 30 anos. **Folha de São Paulo**, 2020. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/infograficos/economia,com-pandemia-participacao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho-e-a-menor-em-30-anos,1130056>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

ESCÓSSIA, Liliana da; TEDESCO, Sílvia. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. *In*: **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 92–108.

FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira; FONSECA, Vera Maria Medina da; PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira. Icnofósseis da bacia do parnaíba: As contribuições de Wilhelm Kegel. **Revista Brasileira de Paleontologia**, v. 15, n. 2, p. 153–163, 2012.

FERRADA, María Jose; VALDEZ, María Jose. **Crianças**. Rio de Janeiro, RJ.: Pallas Mini, 2020.

FILHO, Kleber Prado; MARTINS, Simone. A subjetividade como objeto da(s) psicologia(s). **Psicologia e Sociedade**, v. 19, n. 3, p. 14–19, 2007.

FILHO, Kleber Prado; TETI, Marcela Montalvão. A Cartografia como método para as Ciências Humanas e Sociais. **Barbarói**, n. 38, p. 45–59, 2013.

FREITAS, Monique Amaral de. **O masculino como neutro: a normalização da masculinidade**. Cientistas Feministas. Disponível em: <<https://cientistasfeministas.wordpress.com/tag/dominacao-masculina/>>. Acesso em: 13 nov. 2020.

G1. **Brasil tem mais de 146 mil mortos por Covid; média móvel de óbitos está em 653**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/10/03/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-3-de-outubro-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>>. Acesso em: 3 out. 2020.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

HENNIGEN, Inês; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos Estudos Culturais. **Psicologia & Sociedade**, v. 14, n. 1, p. 44–68, 2002.

IBGE. **Mulheres dedicam mais horas aos afazeres domésticos e cuidado de pessoas, mesmo em situações ocupacionais iguais a dos homens**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24266-mulheres-dedicam-mais-horas-aos-afazeres-domesticos-e-cuidado-de-pessoas-mesmo-em-situacoes-ocupacionais-iguais-a-dos-homens>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

KASTRUP, Virgínia; PANTALEÃO, Maria Izabel. Literatura, escrita inventiva e virtualização do eu. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 1, n. 1, p. 29–48, 2015.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 263–280, 2013.

LIMA, Eudes Ferreira; FILHO, Jeremias Pereira da Silva; ARAÚJO, Aryane Florinda da Souza. **Dicionário de termos técnicos usados em Ecologia**. Parnaíba: EDUFPI, 2016.

LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. **Revista Psicologia Política**, v. 8, n. 16, p. 307–324, 2008.

LOPES, Sônia; AUDINO, Jorge. **Inovar ciências da natureza, 8º ano: ensino fundamental, anos finais**. 1. ed. São Paulo: [s.n.], 2018. Disponível em: <[https://api.plurall.net/media\\_viewer/documents/2596104](https://api.plurall.net/media_viewer/documents/2596104)>.

MATOS, Sônia Regina da Luz. O PEDAGOGO FRANCÊS FERNAND DELIGNY (1913-1996) E A SENSIBILIDADE ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA AUTISTA. **REVISTA ENTREIDEIAS: EDUCAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE**, v. 5, n. 3, p. 97–102, 2016.

MÉLLO, Ricardo Pimentel. Corpos, Heteronormatividade E Performances Híbridas. **Psicologia e Sociedade**, v. 24, n. 1, p. 197–207, 2012.

MELO, Thalita Carla de Lima. A Escrita-desvio em Fernand Deligny. **Cadernos Deligny**, v. 1, n. 1, p. 34–43, 2018. Disponível em: <<https://cadernosdeligny.jur.puc-rio.br/index.php/CadernosDeligny/issue/view/1>>.

MIGUEL, Marlon. Guerrilha e resistência em Cévennes. A cartografia de Fernand Deligny e a busca por novas semióticas deleuzo-guattarianas. **Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência**, v. 8, n. 1, p. 57–71, 2015.

MOREIRA, Caroline; NUNES, Fernanda; ROCHO, Vitória. Feminismo e suas vertentes. **HIPERMÍDIA**, 2019. Disponível em: <<http://hipermidia.unisc.br/portal/feminismo-e-suas-vertentes/>>. Acesso em: 19 nov. 2020.

MUNSBURG, Gabriel Felipe Pautz; ROCHA, Virgínea Novach Santos da. Masculinidades em foco: A (des)construção da paternidade a partir de crônicas de Rogério Pereira Gabriel Felipe Pautz Munsberg Virgínea Novach Santos da Rocha. n. 2008, p. 126–136, 2016.

PALMA, Ana. **Coronavírus**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2015. Disponível em: <<http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=1438&sid=8>>. Acesso em: 3 out. 2020.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. *In: Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 17–31.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílíana da. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividades**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PAULON, Simone Mainieri; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 10, n. 1, p. 85–102, 2010.

PELBART, Peter Pál. **O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento**. São Paulo: n-1 edições, 2013.

PELBART, Peter Pál. O Corpo do Informe. *In*: **Corpo, arte e clínica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 41–48.

POZZANA, Laura; KASTRUP, Virgínia. Livração: intervenção de uma oficina de leitura num território habitado pela violência. **Em Debate (PUCRJ. Online)**, v. 8, p. 1–20, 2009. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/14413/14413.PDF>>.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

REIF, Laura. Radical, liberal, interseccional... Conheça as principais vertentes do feminismo. **Revista AzMina**, 2019. Disponível em: <<https://azmina.com.br/reportagens/radical-liberal-interseccional-conhecacas-as-principais-vertentes-do-feminismo/>>. Acesso em: 19 nov. 2020.

REITMAN, Ivan. **Kindergarten Cop**. Estados Unidos da América: Universal Pictures, 1990.

RIO GRANDE DO SUL. **Referencial Curricular Gaúcho: Ciências da Natureza**. 1. ed. Porto Alegre: [s.n.], 2018. Disponível em: <<http://portal.educacao.rs.gov.br/Portals/1/Files/1530.pdf>>.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SANTOS, Helen Barbosa dos; NARDI, Henrique Caetano. Masculinidades entre matar e morrer: o que a saúde tem a ver com isso? **Physis: Revista de saúde coletiva**, v. 24, n. 3, p. 931–949, 2014.

SILVA, Milena da Rosa; GABRIEL, Marília Reginato; CHERER, Evandro de Quadros; *et al.* Os conceitos de envolvimento e experiência nos estudos sobre paternidade. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 69, n. 3, p. 116–132, 2017.

SOARES, José Luís. **Dicionário etimológico e circunstanciado de Biologia**. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

TRIER, Lars von. **DOGVILLE**. França: Lions Gate Entertainment, 2003.

USBERCO, João; MARTINS, José Manuel; SCHECHTMANN, Eduardo; *et al.* **Companhia das Ciências , 8º ano: ensino fundamental, anos finais**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2018. Disponível em: <[https://api.plurall.net/media\\_viewer/documents/2595879](https://api.plurall.net/media_viewer/documents/2595879)>.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 460–482, 2001.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **World Health Emergency Dashboard**. Disponível em: <<https://covid19.who.int/region/amro/country/br>>. Acesso em: 3 out. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Timeline: WHO's COVID-19 response.** Disponível em: <[https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/interactive-timeline?gclid=Cj0KCQjwwuD7BRDBARIsAK\\_5YhUDnacSqARMYITV37iY1MjJ5lvtX0SNfE1KLUZothu0pXLCtxHi3FEaApcWEALw\\_wcB#event-77](https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/interactive-timeline?gclid=Cj0KCQjwwuD7BRDBARIsAK_5YhUDnacSqARMYITV37iY1MjJ5lvtX0SNfE1KLUZothu0pXLCtxHi3FEaApcWEALw_wcB#event-77)>. Acesso em: 3 out. 2020.

ZUCON, Maria Helena; SOBRAL, Anderson da Conceição Santos; TEODÓSIO, Cleodon. INTRODUÇÃO A PALEONTOLOGIA: CONCEITOS BÁSICOS E PROCESSOS DE FOSSILIZAÇÃO. *In: Introdução à Paleontologia*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2011, p. 7–21.

## **ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado/a a participar de uma pesquisa ligada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, intitulada: "OFICINANDO EM REDE: figurações corporificadas", que tem como objetivo principal construir propostas imersivas, visando deslocar/problematizar afetos e coordenações de ações sobre alguns marcadores sociais da diferença, tais como sexo, etnia, raça, privação física e sensorial. O trabalho está sendo coordenado pela Profas. Dras. Cleci Maraschin e Vanessa Soares Maurenente. Para construir as narrativas serão realizados encontros com pessoas e grupos nos diferentes lugares na cidade. Os encontros de grupos terão duração de no máximo 2 horas e neles os participantes e pesquisadores poderão se utilizar de instrumentos para gravação de audiovisuais. Se concordar em contribuir com o estudo, preencha as lacunas abaixo com seus dados.

Eu \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, recebi as informações sobre os objetivos e a importância desta pesquisa de forma clara e concordo em participar do estudo, nos seguintes termos:

1. Concordo em participar dos grupos de pesquisa fornecendo informações e opiniões pessoais que não serão identificadas.

SIM  NÃO

2. Autorizo o uso de imagens em fotografia, filmagem e gravação de voz realizadas por mim, cedendo os direitos autorais para o uso da pesquisa, assim como em publicações em aulas, congressos, eventos, palestras ou periódicos científicos.

SIM  NÃO

Os dados obtidos serão utilizados somente para este estudo, sendo os mesmos armazenados pelas coordenadoras durante 5 (cinco) anos no Laboratório de Pesquisa à rua Rua Ramiro Barcelos, 2600 – Porto Alegre/RS – Telefone: 33085466. Após este período os dados serão totalmente destruídos (conforme preconiza a Resolução 510/16). Declaro que também fui informado: · Da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento acerca dos assuntos relacionados a esta pesquisa, de que minha participação é voluntária e terei a liberdade de retirar o meu consentimento, a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo para a minha vida pessoal. A pesquisa, sendo qualitativa, oferece risco mínimo à saúde dos participantes como algum desconforto emocional visto que o conteúdo relacionado aos marcadores sociais da diferença podem ser associados a situações de sofrimento. Fui informado também de que não haverá nenhum gasto financeiro com a minha participação na pesquisa. Em caso de dúvida, poderei entrar em contato com as pesquisadoras: Cleci Maraschin e Vanessa Soares Maurenre, telefone: 33085466 email: vanessa.maurenre@ufrgs.br e endereço: Rua Ramiro Barcelos, nº 2600/212, Santana – Porto Alegre. · Também que, se houver dúvidas quanto a questões éticas, poderei entrar em contato com Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS (Rua Ramiro Barcelos, 2600 – Porto Alegre/RS – Telefone: 33085698). Declaro que recebi cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando outra via com o pesquisador.

Porto Alegre, \_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

---

Assinatura do participante

---

Assinatura da pesquisadora responsável